



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO**

**INFLUÊNCIAS DOS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA FORMAÇÃO DE  
JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO COM ATLETAS DA CATEGORIA  
SUB-17, ORIUNDOS DE OUTRAS REGIÕES, EM UM CLUBE CEARENSE**

**MATHEUS VERAS PEREIRA DE CARVALHO**

**FORTALEZA**

**2022**

**MATHEUS VERAS PEREIRA DE CARVALHO**

**INFLUÊNCIAS DOS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA FORMAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL: UM ESTUDO COM ATLETAS DA CATEGORIA SUB-17, ORIUNDOS DE OUTRAS REGIÕES, EM UM CLUBE CEARENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Otavio Nogueira Balzano

**FORTALEZA**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

Carvalho, Matheus Veras Pereira de.

Influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas de futebol : um estudo com atletas da categoria sub-17, oriundos de outras regiões, em um clube cearense / Matheus Veras Pereira de Carvalho. – 2022.

134 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Otavio Nogueira Balzano.

1. Aspectos Socioculturais. 2. Categorias de Base. 3. Clube Cearense. I. Título.

CDD 790

---

## FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC II PELA BANCA

Estudante: Matheus Veras Pereira de Carvalho

Título do Trabalho: Influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas de futebol: um estudo com atletas da categoria sub-17, oriundos de outras regiões, em um clube cearense

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

| Da Apresentação Oral:  | Do Texto Escrito:  |
|--|--|
| 1. Qualidade dos slides;<br>2. Capacidade de síntese;<br>3. Fluência verbal e adequação vocabular;<br>4. Domínio de conteúdo e comunicação com o público;<br>5. Otimização do tempo. | 1. Estrutura formal;<br>2. Formatação conforme Guia da ABNT/UFC;<br>3. Correção estilística e gramatical;<br>4. Coerência e articulação das ideias, clareza e consistência;<br>5. Diálogo com os autores;<br>6. Articulação dos elementos constitutivos da pesquisa;<br>7. Exercício de autoria. |

### MEMBROS DA BANCA:

Orientador(a): Otávio Nogueira Balzano

Avaliador(a): Tatiana Passos Zylberberg

Avaliador(a): Namir Amaral da Guia

| AVALIADOR(ES)             | NOTA<br>TRABALHO<br>ESCRITO (peso<br>2) | NOTA<br>APRESENTAÇÃO<br>(peso 1) | MÉDIA<br>PARCIAL |
|---------------------------|---|----------------------------------|------------------|
| Otávio Nogueira Balzano   | 10,0                                    | 10,0                             | 10,0             |
| Tatiana Passos Zylberberg | 10,0                                    | 10,0                             | 10,0             |
| Namir Amaral da Guia      | 10,0                                    | 10,0                             | 10,0             |
| MÉDIA FINAL               | 10,0                                    |                                  |                  |

RESULTADO FINAL:    ( X ) APROVADO  
                              ( ) APROVADO COM RECOMENDAÇÕES  
                              ( ) NÃO APROVADO

RECOMENDAÇÕES: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Otávio Nogueira Balzano

---

Orientador

Tatiana Passos Zylberberg

---

Avaliador 1

Namir Amaral da Guia

---

Avaliador 2

Fortaleza, 12 de dezembro de 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por me proporcionar saúde, força e capacidade de superar todos os obstáculos para chegar a este momento, não somente na vida universitária, mas em todos aqueles em que precisei recorrer a Sua ajuda.

À minha mãe, Cleidiane Veras Pereira, que foi a mulher que sempre me incentivou e mostrou a importância dos estudos em nossas vidas, mas também foi responsável por amenizar toda a pressão existente nesse processo, desde o início até o presente momento.

Ao meu pai, Antonio de Carvalho Rodrigues, por ser a pessoa mais influente nessa paixão que desenvolvi pelo futebol, quem me apresentou e me ensinou muito sobre o esporte, e me proporcionou o suporte necessário para que eu fosse capaz de chegar até aqui.

Ao mestre e orientador, Prof. Dr. Otavio Nogueira Balzano, por tamanho cuidado, dedicação e colaboração durante a elaboração desse trabalho de conclusão de curso, tornando o processo bem menos complexo e contribuindo com o acúmulo de vivências e experiências positivas para minha formação acadêmica.

Aos professores que demonstraram muita dedicação, carinho e amor pela profissão durante minha vida discente, desde aqueles do ensino infantil e fundamental na minha cidade natal, Guarulhos/SP, até os do ensino médio e os docentes da Universidade Federal do Ceará, que me capacitaram e abriram portas para que pudesse idealizar meu futuro em uma atuação profissional.

Agradeço aos professores que compuseram minha banca examinadora, Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg e Prof. Ms. Namir Amaral da Guia, por suas contribuições durante a elaboração do presente trabalho.

Por fim, a todos os meus amigos, família e namorada, minha sincera gratidão, por todos os momentos em que pude recorrer aos seus auxílios, desde os de descontração aos de dificuldades. Todos estes, além de outros que não puderam ser mencionados, contribuíram em diversos aspectos durante esse período acadêmico. Encerro esse ciclo com a certeza de que me sinto pronto para os desafios futuros, graças aos conhecimentos adquiridos pelo caminho e da contribuição de tantas pessoas importantes na minha vida.

## RESUMO

O futebol é o esporte mais popular do mundo. Talvez poucas coisas sejam tão significativas para a construção da identidade nacional quanto o futebol. O futebol no Brasil tem sido uma atividade de enorme importância social e econômica. A transição por diferentes clubes, cidades, estados e países é necessária para constituir e consolidar a carreira de jogador de futebol, e com isso, os aspectos sociais e culturais podem influenciar no jogo de futebol e na formação dos atletas de categorias de base, que residem nas instalações dos clubes e chegam, em sua maioria, sem nenhuma informação afetivo-cultural do local onde irão residir e do próprio clube. Por se tratar de um possível problema social, devido ao conflito existente de identidade cultural que resulta dessa transição dos jogadores de futebol em geral, é importante compreender como a desinformação a respeito da cultura local pode afetar o atleta, não apenas no âmbito profissional, mas também em questões pessoais do indivíduo. Sabendo disso, o objetivo geral do presente estudo consiste em analisar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol de um clube cearense, e propõe responder essa questão, com base na aplicação de um questionário fechado, com um grupo de 20 jogadores das categorias de base sub-17, de um clube de futebol cearense, além do embasamento das literaturas pesquisadas. Considerando os objetivos específicos do trabalho, observa-se que, em comparação aos clubes de origem, os atletas mencionam dificuldades como a comunicação e a adaptação ao clima muito quente. Com relação às características socioculturais observadas no clube cearense, nota-se que alguns dos atletas se sentiram bem acolhidos, enquanto outros viram a necessidade de maiores diálogos por parte dos profissionais do clube com seus jogadores. Sobre as dificuldades enfrentadas ao se transferirem para outra região, a falta de convívio com familiares e amigos é o fator mais mencionado. Das vantagens observadas pelos atletas nesse processo de transferência, destaca-se as praias e a culinária. Para uma melhor adaptação, os fatores mais sugeridos pelos participantes foram: mais diálogo com os atletas; a melhora da estrutura do clube; promover eventos de integração e lazer; propiciar aos atletas a experiência de conhecerem o clube e o local que habitam; garantir que os atletas vivenciem parte de sua cultura local. Com base na hipótese inicial, é possível concluir que os aspectos socioculturais podem sim influenciar no rendimento dos atletas da categoria sub-17.

**Palavras-chave:** aspectos socioculturais; categorias de base; clube cearense.

## ABSTRACT

Football is the most popular sport in the world. Perhaps few things are as significant for the construction of national identity as football. Football in Brazil has been an activity of enormous social and economic importance. The transition through different clubs, cities, states and countries is necessary to establish and consolidate the career of a football player, and with that, the social and cultural aspects can influence the game of football and the training of athletes from the base categories, which they live in the clubs' facilities and arrive, for the most part, without any affective-cultural information about the place where they will live and the club itself. Because it is a possible social problem, due to the existing conflict of cultural identity that results from this transition of soccer players in general, it is important to understand how misinformation about the local culture can affect the athlete, not only in the professional field, but also in personal matters of the individual. Knowing this, the general objective of the present study is to analyze the influences of the sociocultural process in the formation of young soccer athletes of a club from Ceará, and proposes to answer this question, based on the application of a closed questionnaire, with a group of 20 players of the under-17 base categories, of a football club from Ceará, in addition to the basis of the researched literature. Considering the specific objectives of the work, it is observed that, in comparison to the home clubs, the athletes mention difficulties such as communication and adaptation to the very hot climate. With regard to the sociocultural characteristics observed at the club from Ceará, it is noted that some of the athletes felt welcomed, while others saw the need for greater dialogue on the part of the club's professionals with their players. Regarding the difficulties faced when moving to another region, the lack of interaction with family and friends is the most mentioned factor. Of the advantages noted by athletes in this transfer process, beaches and cuisine stand out. For a better adaptation, the factors most suggested by the participants were: more dialogue with the athletes; improving the structure of the club; promote integration and leisure events; provide athletes with the experience of getting to know the club and the place where they live; ensure athletes experience part of their local culture. Based on the initial hypothesis, it is possible to conclude that sociocultural aspects can indeed influence the performance of under-17 athletes.

**Keywords:** sociocultural aspects; base categories; Ceará club.



## LISTA DE ABREVIATURAS

|      |  |
|------|--|
| APFB | Atlas Prévio dos Falares Baianos           |
| ALIB | Atlas Linguístico do Brasil                |
| CBF  | Confederação Brasileira de Futebol         |
| CT   | Centro de Treinamento                      |
| EIR  | Efeito da Idade Relativa                   |
| IDH  | Índice de Desenvolvimento Humano           |
| UFC  | Universidade Federal do Ceará              |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TICS | Tecnologias de Informação e Comunicação    |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1 – Idade dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense .....   | 61  |
| Tabela 2 – Estado de Nascimento dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense .....  | 63  |
| Tabela 3 – Nível de Escolaridade dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense.....  | 66  |
| Tabela 4 – Clubes de Origem dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense.....   | 68  |
| Tabela 5 – Tempo que os Atletas Sub-17 do Clube Cearense Estão Morando nas Instalações de Clubes .....  | 70  |
| Tabela 6 – Posição em Campo dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense .....  | 73  |
| Tabela 7 – Questão 1: Qual o fator que apresenta maior dificuldade de adaptação em um outro estado .....  | 75  |
| Tabela 8 – Questão 2: Quais os aspectos socioculturais que você observa que apresenta maior dificuldade de adaptação?.....  | 78  |
| Tabela 9 – Questão 3: A presença de familiares ou amigos íntimos é para você um fator facilitador de adaptação em outro estado? .....   | 80  |
| Tabela 10 – Questão 4: Na equipe sub-17 que você joga atualmente, você tem um melhor relacionamento com os jogadores de outros estados, do Ceará OU com ambos? .....          | 82  |
| Tabela 11 – Questão 5: Um melhor relacionamento com as pessoas do clube (dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida, funcionários, entre outros) ajuda na adaptação?..... | 85  |
| Tabela 12 – Questão 6: Qual a maior dificuldade encontrada durante treinamentos e jogos?.....   | 87  |
| Tabela 13 – Questão 7: Como você classifica a sua adaptação aqui no Ceará?.....   | 90  |
| Tabela 14 – Questão 8: Você tem interesse de voltar para sua cidade? .....  | 93  |
| Tabela 15 – Questão 8: Se sim, o que mais sente falta de lá? (Dissertado).....  | 94  |
| Tabela 16 – Questão 8: Se sim, o que mais sente falta de lá? (Gráfico) .....  | 95  |
| Tabela 17 – Questão 9: Do que você menos gosta aqui no Ceará? (Dissertado).....   | 97  |
| Tabela 18 – Questão 9: Do que você menos gosta aqui no Ceará? (Gráfico) .....   | 98  |
| Tabela 19 – Questão 10: Do que você mais gosta aqui no Ceará? (Dissertado)....  | 101 |
| Tabela 20 – Questão 10: Do que você mais gosta aqui no Ceará? (Gráfico) .....   | 102 |
| Tabela 21 – Questão 11: Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará? (Dissertado).....   | 105 |

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 22 – Questão 11: Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará? (Gráfico).....           | 106 |
| Tabela 23 – Questão 12: Como você se sente em relação a adaptação aqui no Ceará? .....   | 109 |
| Tabela 24 – Questão 13: O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará? ..... | 111 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 14  |
| 2. OBJETIVOS.....  | 19  |
| 2.1. OBJETIVO GERAL .....  | 19  |
| 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....   | 19  |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO .....   | 20  |
| 3.1. LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE .....  | 20  |
| 3.1.1. Linguagem no Brasil .....   | 22  |
| 3.1.2. Cultura Brasileira .....  | 24  |
| 3.1.3. Identidade Brasileira .....   | 27  |
| 3.1.4. Língua, Cultura e Identidade Nordestina e Cearense .....                              | 29  |
| 3.2. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL .....  | 33  |
| 3.3. FUTEBOL BRASILEIRO – ESTILO DE JOGO .....   | 38  |
| 3.3.1. Estilo de Jogo de algumas regiões do Brasil .....                                     | 42  |
| 3.3.2. Estilo de jogo – Futebol Cearense.....  | 45  |
| 3.4. CATEGORIAS DE FUTEBOL DE BASE NO BRASIL.....  | 48  |
| 3.4.1. Centros de Treinamentos .....   | 49  |
| 3.4.2. Perfil estigmatizado dos atletas de categorias de base no futebol<br>brasileiro ..... | 51  |
| 3.5. PESQUISAS NA TEMÁTICA .....   | 53  |
| 4. METODOLOGIA.....  | 56  |
| 4.1. TIPO DE ESTUDO .....  | 56  |
| 4.2. LOCAL DO ESTUDO .....   | 56  |
| 4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA.....  | 57  |
| 4.3.1. Critérios de escolha dos participantes .....  | 57  |
| 4.4. INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS .....   | 58  |
| 4.5. PROCEDIMENTOS.....  | 58  |
| 4.6. ANÁLISE DOS DADOS.....  | 60  |
| 4.7. ASPECTOS ÉTICOS .....   | 60  |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....  | 61  |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 118 |
| REFERÊNCIAS .....  | 122 |

|  |     |
|--|-----|
| CARTA DE APRESENTAÇÃO/CONVITE E CONSENTIMENTO ENVIADA AO<br>COORDENADOR DA INSTITUIÇÃO ..... | 129 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....  | 130 |
| QUESTIONÁRIO.....  | 131 |
| ANEXO I – EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO PREENCHIDO .....   | 134 |

## 1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa busca analisar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol, oriundos de outras regiões, da categoria sub-17 de um clube cearense.

O futebol é o esporte mais popular do mundo, praticado por homens e mulheres, crianças e adultos com diferentes níveis de especialização (STØLEN et al., 2005). Trata-se de um esporte coletivo e com interação, pois é disputado em equipe e as ações desta equipe estão relacionadas com seu oponente (GONZÁLEZ et al., 2014). Além disso, o futebol é caracterizado por ser um esporte de invasão, que González et al. (2014) define como um tipo de modalidade em que as equipes têm como objetivo ocupar o setor do campo defendido pelo adversário para marcar gols, ao mesmo tempo em que têm que proteger a própria meta.

O futebol chegou oficialmente no Brasil, em 1894 com o inglês Charles Müller, e a partir de então ganhou forças por todo o território nacional, consolidando popularmente o Brasil como o país do futebol (GONZÁLEZ et al., 2014). Talvez poucas coisas sejam tão significativas para a construção da identidade nacional quanto o futebol (DAMATTA, 1982).

Na “pátria de chuteiras”, o modo como se discute, vive e pratica o futebol, é considerado um modo específico pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se e se deixa descobrir. Neste contexto de prática, é importante perceber não apenas questões inerentes ao futebol brasileiro em sua prática, mas observar também movimentos mais amplos da dinâmica social em suas múltiplas esferas e compreender os processos interculturais no futebol (BRANDÃO et al., 2013).

Com relação aos aspectos socioculturais, Coelho e Mesquita (2013) discutem a interdependência entre os conceitos de língua, cultura e identidade. A língua é o principal meio para um indivíduo desempenhar seu papel na sociedade, a partir das relações sociais em que as ações e pensamentos humanos possibilitam ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado, processo onde se dá a construção de uma cultura, com a difusão de conhecimentos, ideias e ideologias.

A cultura é resultado da interação social entre indivíduos, sendo um processo contínuo de acúmulo de conhecimentos e práticas, definido por Eagleton (2005) como o conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de um grupo social (COELHO; MESQUITA, 2013).

A identidade é conceituada como um processo de construção que se dá ao longo da vida do indivíduo, que se identifica com determinada identidade em um dado recorte de tempo ou espaço, e pode perder a identificação com outras identidades (COELHO; MESQUITA, 2013). Em conclusão, há uma relação de interdependência, pois não há cultura sem língua, e a identidade é construída por influência linguística e cultural.

Para Rinaldi (2000), o futebol foi e continua sendo um elemento importante da cultura brasileira, que como elemento social, se mantém em consonância com a forma da sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular como o carnaval, a religião, a música, entre outros.

O futebol expressa a própria sociedade brasileira em sua forma de manifestação cultural construída historicamente, sendo uma prática social na qual os indivíduos expressam determinados sentimentos e se descobrem em sua paixão pelo time, mesmo nos momentos difíceis (DAÓLIO, 1997; DAMATTA, 1982).

O futebol no Brasil tem sido, nos últimos 50 anos, uma atividade de enorme importância social, que mobiliza milhares de pessoas e recursos financeiros, assim como os veículos midiáticos, que ainda exercem uma enorme influência na cultura contemporânea, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo capitalista (GASTALDO, 2009).

Nas últimas décadas, observa-se um avanço no profissionalismo do futebol, decorrente de um maior interesse das iniciativas privadas por esse desporto, que contribui para uma conseqüente oportunidade de independência financeira e ascensão social, que faz com que os profissionais busquem constantemente o rendimento máximo, a superação e a vitória, a partir de um aprimoramento geral, sobretudo no domínio tecnológico da comissão técnica para uma melhor preparação dos futebolistas (GOMES; DE SOUZA, 2009).

Com relação aos diversos métodos de formação/produção de jogadores, Damo (2007) idealizou três modelos com base em um referencial analítico, no intuito de ordenar esse sistema heterogêneo, classificando-o em: modelo endógeno, cuja produção de futebolistas visa suprir as próprias demandas do clube formador; o modelo exógeno, que ao inverso do endógeno, forma atletas com vistas ao mercado

de pés-de-obra<sup>1</sup>; e o modelo híbrido, que é intermediário, combina as perspectivas contrárias e atende às duas finalidades.

Consoante a essa configuração mercadológica do futebol brasileiro, os aspectos sociais e culturais podem influenciar no jogo de futebol e na formação dos atletas de categorias de base, visto que os atletas brasileiros, muitas vezes, não são preparados para recomeçar a carreira em um lugar desconhecido, sentem falta de casa, e a habilidade para se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol, que precisa se acostumar com outra cultura, outro clima, outra língua e, muitas vezes, com a distância da família, necessitando de se estabelecer rapidamente no novo clube e começar a jogar por uma equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos. Ademais, perspectivas irreais sobre a nova equipe associadas com uma carência de informações sobre a cidade, estado ou país, podem configurar um problema no processo de adaptação (BRANDÃO et al., 2013).

A transição por diferentes clubes, cidades, estados e países é necessária para constituir e consolidar a carreira de jogador de futebol, por diferentes razões, tais como: recompensa financeira, oportunidade de ascensão no esporte, experiência em outras culturas, entre outros. Nessa transição, os atletas enfrentam fatores de risco como o isolamento, o incentivo à competitividade, a saudade dos familiares, o assédio da mídia e dos fãs e a perda de privacidade (FAGGIANI et al., 2016).

Atletas de categorias de base que residem nas instalações de clubes brasileiros de futebol vêm de diferentes regiões do país e do exterior e, além dos riscos existentes, enfrentam desde o princípio um processo de aculturação no futebol, ou seja, a grande maioria dos jovens chegam em novos contextos, sem saber nenhuma informação afetivo-cultural do local onde irão residir, sem conhecimento dos costumes locais, do clima meteorológico, dos alimentos típicos, das questões políticas, das raízes e crenças da região e do próprio clube. Esses indivíduos podem se tornar "sem pátria" e viver em conflito no que tange à sua identidade cultural (FAGGIANI, 2017).

---

<sup>1</sup>Criativo neologismo elaborado por Arlei Sander Damo, em sua tese *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, para acentuar a intenção mercadológica desse processo de formação, evocando, evidentemente, a produção de trabalhadores, de "mão de obra". Tese defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, sob a orientação de Ruben Oliven, foi escolhida como Melhor Tese da área de antropologia e arqueologia, no Prêmio CAPES, e como Melhor Tese de Doutorado do Concurso ANPOCS, 2006, prêmio que gerou sua publicação.



Por se tratar de um possível problema social, devido ao conflito existente de identidade cultural que resulta da transição por diferentes clubes, cidades, estados e países pelos jogadores de futebol em geral, é importante compreender como a desinformação a respeito da cultura local pode afetar o atleta, não apenas no âmbito profissional, mas também em questões pessoais do indivíduo.

Diante do exposto, nosso estudo pretende responder a seguinte questão: *Quais as influências dos aspectos socioculturais, na formação de jovens atletas de futebol – oriundos de outras regiões – em um clube cearense de futebol?*

O presente trabalho propõe responder essa questão, com base na aplicação de um questionário fechado, com um grupo de jogadores das categorias de base sub-17, de um clube de futebol cearense, além do embasamento das literaturas pesquisadas que relatam sobre as particularidades da cultura brasileira e cearense, tudo que envolve o jogo de futebol propriamente dito e a formação de atletas no Brasil.

A motivação pessoal para a escolha desse tema de pesquisa, advém de um interesse em buscar compreender o porquê de determinados atletas no meio futebolístico despontarem como grandes promessas no início de sua trajetória, e acabarem não se adaptando e, conseqüentemente, decaindo de rendimento em decorrência de diversos fatores: como a passagem para uma nova categoria, a pressão por assinar o primeiro contrato, a transferência para um novo clube, que tem por conseqüência a adaptação aos novos companheiros de equipe e profissionais do clube, às normas e regras da instituição, que por conseguinte, podem acarretar na necessidade de adaptação a uma nova cultura de um estado ou país, em um cotidiano longe da convivência com a família, podendo interferir no desempenho do jovem atleta.

Com esse estudo, buscamos contribuir com os clubes de futebol na identificação de possíveis fatores que interferem no rendimento dos jogadores de futebol formados pelo clube. Nesse caso em específico, contribuir com essa instituição de futebol profissional do estado do Ceará que proporcionará a pesquisa com os jogadores da categoria sub-17, que recém-assinaram seu primeiro contrato com o clube.

Ademais, a pesquisa pode servir para os profissionais de diversas áreas do conhecimento, por abordar questões inerentes ao futebol e características do jogo propriamente dito, alguns aspectos sociais e culturais, e compreender como eles influenciam no jogo de futebol.

Apresentando uma passagem pelas características mais marcantes da cultura brasileira, mencionando cada região do país e dando destaque aos estados com características mais peculiares e, por conseguinte, aprofundando a respeito da cultura cearense que é o foco do estudo, além de falar sobre aspectos socioculturais do futebol brasileiro e cearense, retratando o estilo de jogo, comportamento das torcidas, rivalidades, entre outras particularidades no contexto nacional e estadual, concluindo com o que concerne à formação de atletas pelas categorias de base no país.

Temos como hipótese que os aspectos socioculturais podem influenciar no rendimento desses atletas que, nessa categoria (sub-17) já assinaram seu primeiro contrato com o clube, e almejam a carreira de jogador profissional de futebol.

Nosso projeto está estruturado em cinco tópicos, além desta introdução e dos objetivos da pesquisa. No primeiro tópico, desenvolvemos o referencial teórico com os seguintes temas: língua, cultura e identidade no Ceará e no Brasil; aspectos sócio culturais do futebol, retratando a paixão pelo futebol no país; o futebol brasileiro, aprofundando também no estilo de jogo construído historicamente em cada região do Brasil e também no futebol cearense; as categorias de base e suas características. No segundo tópico, apresentamos a metodologia do trabalho, um estudo de cunho quantitativo e qualitativo, como instrumento utilizamos um questionário fechado, que foi respondido por atletas naturais de outras regiões. No terceiro tópico, mostramos os resultados e as discussões. No quarto tópico as considerações finais. E, no quinto tópico as referências utilizadas, os apêndices e anexos.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

Analisar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol de um clube cearense.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Os objetivos específicos delineados para este trabalho, na perspectiva de atletas sub-17 oriundos de outras regiões, serão os seguintes:

- a) Identificar as características socioculturais observadas no clube de origem.
- b) Identificar as características socioculturais observadas no clube cearense.
- c) Averiguar quais dificuldades enfrentam, ao transferirem-se para outra região.
- d) Averiguar quais vantagens observam, quando transferem-se para outra região.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Para compreendermos a forma pela qual os aspectos sociais e culturais podem influenciar no processo de adaptação dos atletas de categorias de base, em uma nova cultura, é essencial que iniciemos com os conceitos de língua, cultura e identidade que, como mencionado na introdução, apresentam relação de interdependência.

A língua foi desenvolvida como uma forma do homem, nos tempos mais remotos, expressar seus pensamentos e sentimentos, e permite interação com o próximo por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem. Esse meio propiciou o estreitamento de relações sociais e ampla difusão de ideias, cultura, ideologias e conhecimentos (COELHO; MESQUITA, 2013).

[...] a linguagem é hoje a base que sustenta toda a vida social, pois carecemos dela nos vários âmbitos: social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico, midiático, econômico, amoroso. Por fim, a linguagem é o que medeia as relações sociais, permitindo que nos inscrevamos neste ou naquele lugar social (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 26).

Nota-se assim, a importância da linguagem no nosso cotidiano, pois em todas nossas interações sociais nos utilizamos de diversos tipos de expressões para estarmos inseridos em determinado local. Segundo Chauí (2000, p. 189) o conceito de linguagem em sentido amplo, ou seja, englobando língua, fala e palavra, é constituído por quatro fatores fundamentais: 1) os fatores físicos (anatômicos, neurológicos, sensoriais), que possibilitam falar, escutar, escrever e ler; 2) fatores socioculturais, que determinam a diferença entre as línguas e as línguas do indivíduo, dessa forma, o português e o inglês são línguas de culturas e sociedades diferentes, e no contexto brasileiro, o português de Machado de Assis e de Guimarães Rosa correspondem a momentos diferentes da cultura brasileira; 3) fatores psicológicos (emocionais, afetivos, perceptivos, imaginativos, lembranças, inteligência), que criam em nós a necessidade e o desejo da informação e da comunicação, determinando nossa capacidade de performance linguística; e 4) fatores linguísticos propriamente ditos, que consistem na estrutura e funcionamento da linguagem que determinam nossa capacidade de criar e compreender significações.

Diante de tal complexidade, Coelho e Mesquita (2013) afirmam que a língua não pode ser resumida a um conjunto de signos e regras de combinação para eles, tendo em vista que a caracterização da linguagem passa por aspectos de ordem física, sociocultural, psicológica e linguística, que influem diretamente na vida do indivíduo.

A cultura, seguindo o conceito básico desenvolvido por Vannucchi (1999, p. 23), está presente em tudo aquilo que é produzido pelo ser humano e não é parte da natureza, ou seja, toda ação humana na natureza e com a natureza é definida como cultura. “A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém é cultura”.

Diante disso, Vannucchi (1999) caracteriza o ser humano não apenas como conhecedor de dados e informações culturais, mas também como o principal agente de cultura, ainda que não tenha a consciência disso, quando se destina a caça para se alimentar, ou recorrendo a divindades em uma oração.

A linguagem permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações e, portanto, compreende-se que a cultura é constituída como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um tem participação importante na construção cultural, por ser portador, disseminador, mas também criador de cultura. “(...) a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade e se configura como sinônimo de criação, de aprendizagem e de cooperação” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 28).

A cultura é modificada e enriquecida em um processo contínuo e coletivo, sendo assim, o homem é um ser cultural, e a cultura permite que este se adapte aos diferentes ambientes (COELHO; MESQUITA, 2013).

Para a elaboração de um conceito mais preciso de identidade, Coelho e Mesquita (2013), estabelecem uma comparação entre identidade e identificação. A identidade é marcada pela inconstância, por se tratar de uma construção, e tudo que é construído é passível de mudanças, alterações e inclusões. A identificação, por sua vez, é construída a partir de experiências partilhadas com outras pessoas e, dessa forma, a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade.

As identificações vão se deslocando ao longo da vida, de acordo com os contextos sociais em que o indivíduo está inserido. Nesse processo, as identificações também vão se transformando, por isso não se pode definir a identidade como algo

acabado, mas sim falar de identificação, como um processo em andamento (COELHO; MESQUITA, 2013).

Portanto, a construção da identidade ou das identidades se dá ao longo da vida do indivíduo, que passa por processos de identificação continuamente. Ao se deparar com as identidades que “flutuam” em sua frente, ele se identifica com uma delas naquele momento, entretanto, em outro recorte de tempo pode não se identificar mais com aquela(s) identidade(s), passando a se identificar com outras, por isso, as identidades não são fixas, pelo contrário, são moventes. Com isso, todos os indivíduos, enquanto seres sociais pertencentes a uma comunidade/sociedade, são suscetíveis a mudanças de ponto de vista, identificações e desidentificações (COELHO; MESQUITA, 2013).

Em conclusão, a construção de uma cultura só se dá por meio da língua que, ao produzir sentidos sobre algo, constrói identidades. Essas identidades ganham significado com base em um conjunto de atributos culturais que se relacionam mutuamente e que se sobressaem com relação a outros atributos. Essa relação de interdependência permeia a vida de um indivíduo desde seu nascimento, e por consequência da pluralidade da sociedade em geral e dos seres humanos, além dos conhecimentos construídos cotidianamente, há uma transformação ininterrupta da cultura, da língua e da identidade (COELHO; MESQUITA, 2013).

### 3.1.1. Linguagem no Brasil

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui uma grande variedade de dialetos, que contribuem para a identificação geográfica e social de uma pessoa, simplesmente pela sua forma de falar. Entretanto, há um comportamento preconceituoso que decorre do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar, onde é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997).

Para entender a variedade existente de gírias e expressões em diversas regiões do Brasil para um mesmo elemento, é necessário entender o processo de variação linguística, onde duas formas podem ocorrer no mesmo contexto, ou seja, tem o mesmo significado. Um exemplo disso é o “pão francês”, que na região norte é chamado de pão massa grossa e na região sul recebe o nome de “cacetinho” (ARANTES; SIMON, 2020).

Os aspectos lexicais estão ligados a fatores culturais, históricos e etnográficos, e a diversidade no uso da língua perpassa a história dos povos em diversos momentos, diante disso, para entender as diversas variedades do português brasileiro, marcado pelo uso de gírias e expressões idiomáticas que caracterizam a identidade de um povo, os estudos geolinguísticos são essenciais (ARANTES; SIMON, 2020).

A Geolinguística no Brasil surge com a intenção de consolidar os estudos dialetais pelo país, e tem seu início marcado por um momento em que esse ramo de estudos linguísticos avançava na Europa e apresentava resultados estimulantes para seguidores interessados na área. No decorrer da história da geolinguística brasileira, o primeiro passo concreto nesse campo de estudo se dá com a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), no ano de 1963, de autoria de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Isensee (CARDOSO; MOTA, 2013).

O Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) surge a partir de um ato do Governo brasileiro, no ano de 1952, que define a criação da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, para pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa (fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências), com finalidade principal de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO; MOTA, 2013).

O Projeto ALiB está direcionado para atingir quatro grandes objetivos: (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; e (iv), por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 131).

Com isso, podemos entender que os objetivos definidos pelo Projeto ALiB visam uma demarcação de áreas com características mais específicas, no intuito de fornecer os dados coletados para o aprimoramento de estudos que vão desde a aprendizagem da língua materna e suas diversidades a questões que permeiam o conhecimento científico.

Como a língua é a identidade de um povo, então é importante reconhecê-la em sua realidade, como um organismo vivo que varia e muda no espaço e no tempo. Dessa forma, aprender a variação linguística e seus vários mecanismos de funcionamento é fundamental para conhecer um pouco da cultura de um povo ou de um indivíduo, mas também para quebrar barreiras e preconceitos. As gírias e as expressões idiomáticas são uma das riquezas que a língua possui como um tipo de variação, a regional, que está presente no cotidiano e permite que se aprenda muitas expressões, a partir da interação com pessoas de outros estados (ARANTES; SIMON, 2020).

A partir do que foi exposto neste tópico, é notória a pluralidade presente na linguagem brasileira, que compreende não apenas as inúmeras variações de sotaques, gírias e dialetos existentes por regionalidade, mas também outras línguas além da portuguesa, devido ao grande número de imigrantes presente no território nacional. Diante disso, se mostra fundamental a menção de aspectos que permeiam a linguagem no Brasil, no intuito de evitar comportamentos preconceituosos, principalmente no meio futebolístico, que é o tema central do estudo, pois sabemos que um clube de futebol é formado por jogadores de diversas origens, com falas, costumes e comportamentos distintos entre si.

### 3.1.2. Cultura Brasileira

Estudar a cultura brasileira, segundo Vannucchi (1999), é um processo complexo, que se confunde com definir a identidade nacional, ao deletar tudo o que contribui para nossa diferenciação na sociedade nacional. Isso se dá pela tendência que há em delimitar a cultura nacional, como sendo distinta de todas as outras, sem levar em consideração que “muito dado cultural importado também se integrou à nossa formação, não por mero processo de cópia, mas por uma deglutição positiva” (VANNUCCHI, 1999, p. 37). Dessa forma, a cultura nacional não se reduz ao culto das expressões nativas, tendo em vista que certos produtos culturais de outros países são considerados legítimo patrimônio da humanidade inteira.

Diante disso, é evidente a dificuldade em definir uma nacionalidade cultural, ciente de que não se deve conceituá-la a partir de delimitações físicas e geográficas, esquecendo os aspectos sociais e os valores morais. Alguns exemplos são: o idioma nacional, oriundo dos conquistadores estrangeiros e desconsiderando as tradições



indígenas; a religiosidade, com o catolicismo romano sendo religião oficial por quase quatro séculos; o hino nacional, muito mais oficializado por decreto do que por enraizamento, tendo em vista a dificuldade de compreensão e memorização pela esmagadora maioria dos brasileiros; as manifestações culturais de acentuada popularidade, como o carnaval, o samba e o futebol (sabidamente importado da Inglaterra), como tentativa de afirmar a brasilidade, além de vários exemplos de outras searas, que atestam o discutível processo de demarcação do que é ou não é nacional, justamente porque a culturalidade humana, por si só, repele enquadramentos rígidos (VANNUCCHI, 1999).

Vannucchi (1999), afirma que é impossível definir um povo sem conhecer suas tradições. Desse modo, a publicação de Francisco (2022) no site Mundo Educação do *portal UOL* busca caracterizar a diversidade cultural a partir dos diferentes costumes da sociedade brasileira, em aspectos como a vestimenta, a culinária, manifestações religiosas e demais tradições. Devido a extensão territorial brasileira, existe uma diferença climática, econômica, social e cultural entre as regiões.

Ciente da pluralidade cultural no Brasil, influenciada pela colonização europeia, pela população indígena, pelos escravos africanos e por imigrantes, além de que a delimitação geográfica não caracteriza fielmente a cultura de determinado local, a publicação de Francisco (2022) busca abordar os aspectos mais frequentes de cada região do país, sendo naturalmente destacados costumes de alguns estados em relação a outros da mesma região.

Por exemplo, na Região Nordeste, Francisco (2022) destaca: manifestações culturais como “o bumba meu boi, maracatu, caboclinhos, carnaval, ciranda, coco, terno de zabumba, marujada, reisado, frevo, cavallhada e capoeira”; manifestações religiosas, como a festa de Iemanjá e a lavagem das escadarias do Bonfim; a literatura de Cordel; o artesanato, representado pelos trabalhos de rendas; e a culinária, mencionando pratos típicos como “carne de sol, peixes, frutos do mar, buchada de bode, sarapatel, acarajé, vatapá, cururu, feijão-verde, canjica, arroz-doce, bolo de fubá cozido, bolo de massa de mandioca, broa de milho verde, pamonha, cocada, tapioca, pé de moleque”.

A Região Norte recebe destaque pela quantidade de eventos culturais, sendo as maiores festas populares: o Círio de Nazaré, em Belém (PA), e o Festival de Parintins, a mais famosa festa do boi-bumbá no país, que ocorre em junho no estado de Amazonas. “Outros elementos culturais da região Norte são: o carimbó, o congo

ou congada, a folia de reis e a festa do divino”. Com grande influência indígena, a culinária da Região Norte é muito baseada na mandioca e em peixes, mas também em outros alimentos, como “carne de sol, tucupi (caldo da mandioca cozida), tacacá (espécie de sopa quente feita com tucupi), jambu (um tipo de erva), camarão seco e pimenta-de-cheiro” (FRANCISCO, 2022).

A Região Centro-Oeste, de influência cultural diversificada, principalmente por indígenas, paulistas, mineiros, gaúchos, bolivianos e paraguaios, tem como manifestações culturais típicas da região: “a cavalhada e o fogaréu, no estado de Goiás; e o cururu, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul”. Sua culinária tem, por destaque, “o arroz com pequi, sopa paraguaia, arroz carreteiro, arroz boliviano, maria-isabel, empadão goiano, pamonha, angu, cural, os peixes do Pantanal - como o pintado, pacu, dourado, entre outros” (FRANCISCO, 2022).

Francisco (2022) aborda como principais elementos culturais da Região Sudeste: “festa do divino, festejos da páscoa e dos santos padroeiros, congada, cavalhadas, bumba meu boi, carnaval, peão de boiadeiro, dança de velhos, batuque, samba de lenço, festa de lemanjá, folia de reis, caiapó”. A diversidade na culinária dessa região se dá pela forte influência do índio, do escravo e dos diversos imigrantes europeus e asiáticos, e entre seus pratos típicos, os de maior destaque são: “moqueca capixaba, pão de queijo, feijão-tropeiro, carne de porco, feijoada, aipim frito, bolinho de bacalhau, picadinho, virado à paulista, cuscuz paulista, farofa, pizza, etc.”.

Os aspectos culturais mais predominantes da Região Sul do Brasil são oriundos de imigrantes portugueses, espanhóis e, principalmente, alemães e italianos. Tem como principais festas típicas: a Festa da Uva, de origem italiana, e a *Oktoberfest*, de origem alemã. “Também integram a cultura sulista: o fandango de influência portuguesa, a tirana e o anuo de origem espanhola, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a congada, o boi-de-mamão, a dança de fitas, boi na vara”. A culinária do Sul é caracterizada principalmente por: “churrasco, chimarrão, camarão, pirão de peixe, marreco assado, barreado (cozido de carne em uma panela de barro), vinho” (FRANCISCO, 2022).

A partir dos aspectos culturais tratados no tópico, podemos concluir que a regionalidade no Brasil não consiste em um componente imutável e delimitado a determinado local, tendo em vista que há um constante processo de integração cultural oriundo de outros locais do Brasil e do mundo, o que confere a cada estado, por exemplo, essa espécie de apropriação cultural, porém preservando as

características mais marcantes e construídas historicamente, como foi mencionado na cultura de cada região. Além disso, a diversidade cultural quebra barreiras fronteiriças e temporais, fazendo com que em um intervalo de tempo a população de determinada região, e possivelmente de regiões limítrofes, passem a se identificar com outros aspectos culturais, como é explanado a seguir.

### 3.1.3. Identidade Brasileira

Para falar de identidade brasileira, é essencial começar o estudo descrevendo sobre a nacionalidade, que Vannucchi (1999) coloca como aquilo pelo qual um povo afirma sua identidade, o que ele é em si mesmo e suas diferenças, isto é, “a consciência de constituir uma parcela especial dentro da coletividade mundial”. A identificação de um grupo humano se dá a partir de um espaço físico – sendo esse aspecto automático e definitivo – carregado de uma herança histórico-cultural, este sendo um aspecto diferencial e dinâmico da identificação.

Desse modo, a nacionalidade não é algo que nasce com o indivíduo e apresenta uma simples ligação jurídica, indicada pelo seu passaporte ou identidade, pois há casos de brasileiros natos nascidos fora do país. Vannucchi (1999) defende a ideia de que a nacionalidade é um processo social permanente e conflitivo, ou seja, ela não existe pronta e acabada, mas é construída com luta e continuidade, em um processo carregado de contradições e conflitos de interesses, desde os tempos de Brasil colônia.

O estudo de Queiroz (1989, p. 29-30), faz uma abordagem a respeito do problema da identidade cultural no Brasil, encarado dessa forma desde os primeiros trabalhos de Ciências Sociais no país, no século XIX. O primeiro trabalho é referente à existência e características da brasilidade, dividida em duas vertentes: “um patrimônio cultural formado de elementos harmoniosos entre si, que se conservaria semelhante através do espaço e do tempo; e a partilha do patrimônio cultural pela grande maioria dos habitantes do país, em todas as camadas sociais”.

Encarando seu próprio patrimônio cultural, os pesquisadores de Ciências Sociais da época tinham consciência da grande heterogeneidade de traços culturais ligados à variedade dos grupos étnicos que coexistiam e se distribuíam pelo território brasileiro, conforme as camadas sociais. Os traços culturais não formavam um conjunto harmonioso que uniria os habitantes em uma mesma visão de mundo e

sociedade. Desse modo, a coexistência de complexos culturais aborígenes, de origem europeia e ainda de origem africana, passou a ser apontada como obstáculo que impedia o Brasil de chegar ao esplendor da civilização europeia, devido a uma barreira formada pela persistência de costumes bárbaros, aborígenes e africanos, que retardava o encaminhamento do país para a formação de uma verdadeira identidade nacional e de um desenvolvimento econômico mais eficiente por consequência (QUEIROZ, 1989).

Essas maneiras de pensar foram predominantes nos estudos dos intelectuais da época, cujos trabalhos se voltavam principalmente para as culturas afro-brasileiras, e defendiam a ideia de que os atrasos e os desequilíbrios da sociedade brasileira se davam pelas misturas raciais e culturais encontradas no país. Isso se refletiu em especulações sobre a falta de uma identidade cultural nacional, baseado na ideia de que não podia existir uma identidade nacional sem certa homogeneidade de traços culturais, fazendo com que as camadas cultas do país, no início do século XX, olhassem para as disparidades existentes no Brasil de forma preconceituosa e negativa. Para eles, “somente podiam conceber uma identidade cultural da maneira que julgavam ser a ocidental – branca, educada, refinada” (QUEIROZ, 1989).

Em contrapartida, a Semana de Arte Moderna que ocorre no ano de 1922, em São Paulo, traz consigo diversos autores com uma outra maneira de conceber o problema de identidade nacional, como Mário de Andrade (1893-1945), que define a brasilidade principalmente em *Macunaíma*, um herói que reúne qualidades africanas, aborígenes e europeias, semelhantes em valor, e demonstra que “a originalidade e a riqueza da cultura brasileira provém justamente da multiplicidade de suas raízes”. Para o autor, a mistura de elementos heterogêneos é vista como um fator importante para que o patrimônio cultural alcance elevado grau de excelência. Oswald de Andrade (1890-1954), por sua vez, explica como se opera a fusão dos elementos culturais díspares, que compõem uma nova totalidade diferente das anteriores. “Forçados a se misturar, os elementos heterogêneos garantem originalidade e beleza à nova cultura resultante” (QUEIROZ, 1989).

Essa nova configuração, com as obras de dois escritores que se apresentam complementares e contradizem as teorias dos pesquisadores da época, foi rapidamente vitoriosa sobre as velhas maneiras de pensar. A homogeneidade cultural, antes vista como fundamental na definição de uma identidade, passa a ser vista pelos jovens intelectuais como uma ilusão ou um falso problema (QUEIROZ, 1989).

A própria civilização ocidental, a própria civilização europeia, constituíam aglomerados tão heterogêneos quanto a brasileira. Diferenças étnicas e raciais, sincretismos culturais, misturas de civilizações, eram a constante no universo social e nada tinham a ver com atrasos em relação a progresso, ou falta de desenvolvimento, ou propensão à barbárie. Sua ocorrência resultaria, isso sim, de fatores históricos e econômicos (QUEIROZ, 1989, p. 34).

O trecho evidencia a tentativa falha dos primeiros estudos sociais em caracterizar, de forma preconceituosa, a homogeneidade cultural no Brasil como fator limitante para o progresso econômico e social, tendo em vista o exemplo de civilizações europeias com poder econômico e uma população heterogênea.

Apesar de algumas críticas e hostilidade diante de um novo conjunto de noções, na década de 1930 o pensamento dos dois autores já se encontrava perfeitamente consolidado e considerado como a interpretação válida do que seria a brasilidade. No decorrer do tempo, cada vez mais se configurou como núcleo central de uma definição do que seria a identidade nacional, que perdura até os dias atuais (QUEIROZ, 1989).

Diante do que foi exposto, conclui-se que a identidade de um indivíduo se dá a partir do convívio social e a partir da interação com outras formas de identificação, e isso caracteriza a cultura diversificada existente no Brasil, que recebe forte influência estrangeira e confere a riqueza cultural marcada no país.

A partir disso, a identificação de um povo inserido em um mesmo local pode ser completamente diferente entre si, devido às influências nas quais uma pessoa é submetida. Portanto, a brasilidade independe de uma ligação firmada por um documento, e pode ser entendida como um tipo de identificação pertencente a todo aquele que compartilha dos mesmos costumes encontrados em território nacional. O mesmo pode ser visto quando nos referimos a cultura regional e estadual, como é destrinchado no tópico seguinte.

#### 3.1.4. Língua, Cultura e Identidade Nordestina e Cearense

O estudo de Vasconcelos (2011), aponta que o Nordeste é tido como um grande grupo homogêneo, não apenas para os indivíduos de fora da região, como também para muitos nordestinos. Dessa forma, para debater tudo que envolve aspectos culturais cearenses, se faz necessário iniciar conceituando região e regionalismo, a partir do estudo de Lemenhe (1992/93).

A região, em sua dimensão política, consiste em uma demarcação político-administrativa instituída pelo Estado, no intuito de viabilizar a regulação de suas relações internas e externas. O regionalismo, por sua vez, é definido por uma dimensão simbólica, sendo considerado como o processo que torna o espaço significativo, criado pelos homens não através do poder de Estado, mas sim pelas suas vivências e relação estabelecida com o espaço (LEMENHE, 1992/93).

As fronteiras da região e do regionalismo não são necessariamente iguais, e um exemplo disso é o “gauchismo”, movimento regionalista vinculado ao estado do Rio Grande do Sul, porém visto como característica pertencente a toda a Região Sul. Outra questão é que, nem sempre a delimitação de região garante a composição de um regionalismo, como ocorre na Região Centro-Oeste, onde não se vê tanto discurso regionalista em comparação ao gauchismo e ao regionalismo presente no Nordeste (LEMENHE, 1992/93).

As noções de regionalismo contribuem para a solidificação do conceito de região, portanto, a região pode ser pensada como algo além de uma demarcação geopolítica com fins administrativos, mas também como o espaço no qual os cidadãos desenvolvem seu regionalismo. Assim, quando se fala de região, entende-se como a divisão administrativa criada a partir do Estado, que tem por um de seus atributos o regionalismo, processo cultural que torna a região socialmente visível, significativa e representativa, atribuindo a ela um caráter não apenas político, mas também simbólico (LEMENHE, 1992/93).

O conceito de regionalismo presente no Nordeste é analisado pelo estudo de Silveira (1982), que aponta o século XIX, período da expansão mundial do capitalismo, como período também do nascimento e desenvolvimento desse processo. Naquele momento, as principais fontes de renda do Brasil eram a cana, o algodão e o café. A cana e o algodão (em menor escala) estavam vinculados à zona agroexportadora dependente do mercado de Recife, delimitada nas províncias de Ceará até Sergipe, consideradas “Províncias do Norte”. O café, por sua vez, teve como marco inicial de sua ascensão, por volta do século XIX, as lavouras cafeeiras de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, consideradas como “Províncias do Sul”, chegando a se tornar o produto mais exportado pelo país no início do século XX.

Silveira (1982) aponta duas marcas importantes para o uso da expressão “Províncias do Norte”: a primeira é a marca da divisão político-administrativa, ainda preservada no discurso; a segunda é a noção de homogeneidade simbólica, que inclui

todas as províncias da região. A homogeneidade simbólica, a oposição com outra região e/ou com o próprio Estado, o saudosismo e os “desequilíbrios” provocados pelas desigualdades entre regiões, são descritos por Silveira (1982) como elementos fundamentais do discurso regionalista.

A história contada por Carvalho (2014), sobre a origem do Ceará pode explicar a presença de um discurso regionalista, visto que o estado atendia apenas a uma questão geopolítica de formação das capitanias hereditárias por portugueses e espanhóis, episódio que marca a complicação em se definir uma identidade. Isso se dá pelo fato do território cearense ter sido um local de difícil acesso por via marítima, devido ao predomínio de correntes, dunas semoventes e ventos que dificultavam a navegação, tanto que o donatário da Capitania, Antonio Cardoso de Barros, sequer atravessou o Atlântico para tomar posse da terra descoberta no novo mundo.

Além dessas dificuldades enfrentadas pelos colonizadores, de um porto natural e complicações na navegação, há ainda um elemento natural presente no território cearense que explica essa condição de “abandono”: as serras. A Ibiapaba fazendo fronteira com o Piauí, o Apodi na fronteira com o Rio Grande do Norte e a Chapada do Araripe com Pernambuco trazem proteção ao território cearense, algo que reforçou seu povo a desenvolver hábitos, valores, práticas e constituir um repertório comum, que liga todo um povo em condições de irmandade, parecidos e, ao mesmo tempo, diferentes (CARVALHO, 2014).

Esse quadro de “rejeição paterna” fez com que Iracema, uma figura mitológica que surge pelo romancista José de Alencar, se tornasse um símbolo de fundação do estado (CARVALHO, 2014).

Iracema, anagrama de América, seria a mulher virgem que era a guardiã dos segredos da jurema, um vegetal que provoca estados alterados de consciência, e que teria se apaixonado pelo homem branco, que aportou na costa. O casal multiétnico e multicultural gerou o primeiro cearense, Moacir, o filho do sofrimento. O homem se afasta, a mulher morre depois de dar à luz o filho e começa aí um processo de errância, um mal-estar que não conhece tréguas, diante da aridez e infertilidade do solo, da escassez de água, da pobreza atávica e da fome ancestral que nos marca até hoje (CARVALHO, 2014, p. 264).

O trecho resume uma história criada por José de Alencar na busca por compreender e estabelecer laços com a terra que o viu nascer, justificando assim a origem de seu berço.

Com base em lendas indígenas, a figura de Iracema surge como provocação às autoridades do Império que, por decreto criado em 1861, definiu que não existiriam mais índios no Ceará. Essa passagem ilustra como a história do povo cearense é marcada por luta, migração e genocídio, defendendo a valorização da diversidade, das etnias indígenas, da aceitação da herança africana e da arqueologia em busca de traços mouros, judeus, ciganos (CARVALHO, 2014).

Em meio a essa tentativa de apagamento da contribuição indígena, os primeiros donos da terra, a Província festejava o fato de ter sido a primeira a decretar a Abolição da Escravatura. Além da contribuição africana, há uma forte herança indígena que molda e representa a ancestralidade do povo cearense, fato que passou a ser reconhecido com mais ênfase desde o ano de 1980, com etnias que foram ganhando reconhecimento (CARVALHO, 2014).

Os indígenas que foram os responsáveis por trazer para a cultura cearense alguns elementos importantes da gastronomia, como: a retirada do veneno da mandioca para a fabricação e o consumo da farinha de pau; o subproduto do polvilho ou goma para fazer a tapioca; a cajuína, a partir do suco de caju decantado e filtrado; e a paçoca, uma carne de sol frita, socada no pilão de pedra ou de madeira, com farinha de mandioca e cebola (CARVALHO, 2014).

O toré, as pinturas na parede com o barro ou toá, artesanato de contas e penas, o mocooró e os vestígios de machadinhas de sílex, cachimbos e inscrições rupestres deixados pelos indígenas, contribuíram para a excelência da performance no barro, na modelagem da cerâmica, técnica e arte que se espalha por todo o território cearense. “Herança maior, talvez, em termos de construção de uma simbologia heroica, pela entrada em cena das jangadas, embarcações aparentemente frágeis, sofisticadíssimas sob o ponto de vista da construção naval” (CARVALHO, 2014).

O algodão é elemento importante em toda a história, desde o princípio, em que os indígenas juntavam os fios em novelos, que funcionavam como moeda de troca nos escambos. Os fios eram tecidos nos teares manuais e davam forma às redes de dormir, apetrecho característico da cultura cearense (CARVALHO, 2014).

O legado africano presente na cultura cearense é o maracatu, um cortejo de rainhas africanas que são coroadas nas festas e procissões de irmandades religiosas. O maracatu cearense tem um traço comum e diferenciador dos outros maracatus, que é a integração dos negros com os índios no mesmo cortejo, algo que a sociedade civil



ainda vê com dificuldade: o encontro entre os diferentes, a riqueza cultural obtida a partir de várias contribuições (CARVALHO, 2014).

Os portugueses trouxeram missões jesuíticas e catequizaram os índios conforme os costumes e tradições do cristianismo, ensinando-os também a fazer renda com o ponto no ar, sendo a principal habilidade desenvolvida na cultura cearense, do ponto de vista do contexto dos valores das civilizações ocidentais. A religião não é um traço característico do povo cearense, embora tenha desenvolvido uma grande fé e sido berço de três figuras referências do catolicismo: Ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero (CARVALHO, 2014).

Os portugueses trouxeram tantas coisas que predominavam em sua cultura oficial, e ao longo do tempo foram se mesclando com a alegria indígena, com o banzo africano, com a liberdade e com a submissão, com o torém e com o batuque, com Tupã e com Yemanjá. A cultura cearense sofreu todas essas influências, mesmo estando na periferia da periferia de um capitalismo que se mostrava tímido diante do desenvolvimento que viria a acontecer (CARVALHO, 2014).

Diante do que foi explanado, concluímos que a origem de um Nordeste visto como um grande grupo homogêneo se dá a partir da união entre as Províncias do Norte perante uma situação que os desfavoreciam em relação às Províncias do Sul. No Ceará, estado que tem sua origem vinculada a um contexto de esquecimento pelos seus colonizadores, o desenvolvimento dos habitantes dessa região se deu em um contexto restrito principalmente aos indígenas que habitavam o local, aos ancestrais africanos e aos portugueses, e por se tratar de um território de difícil acesso via marítima, com dunas e serras em suas fronteiras com os estados limítrofes, a cultura, a identidade e os sotaques predominantes dessa região são herança desses ancestrais.

### 3.2. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL

Segundo Balzano e Silva (2018, p. 316), “o magnetismo do futebol atravessa barreiras, ele é cultuado e admirado em muitas partes do planeta, basta observar como as pessoas se comportam em época de Copa do Mundo”:

As sensações em assistir a um jogo de futebol são as mais variadas possíveis: raiva, apreensão, sofrimento, alegria. Tudo depende dos desencadeamentos dos fatos ao longo da partida, depende do desempenho

de seu time, depende da perspectiva com que se assiste a um jogo. Para alguns, a derrota de seu time é motivo de insatisfação, brigas, verdadeiras guerras. Outras pessoas, ao assistirem ao jogo do time do coração, saem felizes, respeitam os torcedores adversários, sentem satisfação independente do que possa vir acontecer ao longo da disputa (BALZANO; SILVA, 2018, p. 317).

O trecho ilustra o quanto a paixão pelo futebol é capaz de mexer com as emoções do torcedor e despertar sentimentos distintos, como de revolta e felicidade, durante os 90 minutos de uma partida.

Rinke (2007), apresenta alguns fatores que buscam justificar essa paixão pelo futebol, e aponta quatro fatores principais. O primeiro deles é a simplicidade, pois o futebol pode ser jogado em qualquer lugar e não há necessidade de equipamentos muitos caros - nem mesmo de uma bola, em alguns casos - ademais, as regras do jogo são de simples entendimento.

O segundo fator referido é a ênfase no corpo, pois faz referência a alguns ideais de masculinidade. O terceiro diz respeito ao entusiasmo e a emoção que provoca, e comparando com a grande experiência comunitária de celebração de uma missa, o futebol como um espetáculo também tem uma função de válvula de escape para agressividade excessiva. O quarto fator, que justifica a paixão pelo futebol, é seu caráter de ritual, com formas de comportamento coletivo que têm grande poder de fascinação, visto nas repetições semanais de partidas e idas ao estádio, no ritmo anual dos torneios e no comportamento dos torcedores com canções e roupas padronizadas (RINKE, 2007).

Segundo Rinke (2007), esses fatores mencionados se aplicam a grande parte do mundo, porém, é visto de forma mais acentuada na América Latina, onde o futebol desempenha um papel muito importante, não apenas cultural.

Conforme Balzano e Silva (2018), o futebol é muito mais do que um jogo que se joga, é muito mais do que um produto que se consome. O futebol é também um espetáculo sobre o qual muito se reflete e o grande tema de que se fala. Na América Latina, ainda mais do que na Europa, o futebol é fonte de identidade a nível regional, nacional e continental.

Conforme DaMatta (1982), o ponto central da importância do esporte na sociedade moderna é que, o jogo de futebol é claramente o retrato da vida em sociedade, o que permite ao futebol vincular muitos problemas fundamentais e, mesmo assim, ser apenas um jogo. Para o autor, a popularidade do futebol no Brasil

se dá porque ele permite expressar, com emoções e sentimentos vividos, uma série de problemas nacionais.

O futebol brasileiro apresentou nosso país ao mundo, é parte da nossa personalidade coletiva, de nossos contornos. O Brasil é, sim, relevante. E boa parte do que somos é fruto de uma confluência de gerações e talentos futebolísticos únicos – de nossa imagem às nossas características individuais e coletivas mais íntimas (BALZANO; SILVA, 2018, p. 317).

Balzano e Silva (2018) argumentam nesse trecho, que o futebol exerce um papel importante na identificação do povo brasileiro, e é responsável por apresentar ao mundo o país, a personalidade coletiva e estilo de vida de seu povo repleto de características individuais, moldadas por influências do futebol.

O povo brasileiro foi um dos que mais incorporou a cultura futebolística no seu dia-a-dia, segundo Milan (1989). No presente estudo de Balzano e Silva (2018), os autores argumentam que o comportamento do homem brasileiro em sua vida é como em um jogo de futebol, onde há chances de ganhar ou perder e às vezes empatar, tendo que enfrentar adversários, respeitar certas regras, mantendo o respeito por uma autoridade (juiz), jogando dentro de um tempo e de um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais. Após uma derrota, há sempre uma chance de se recuperar no próximo jogo. Segundo os autores, o futebol é uma maneira do homem extravasar emoções profundas, tais como: paixão, dor, fidelidade, coragem, fraqueza, entre outras.

Na América Latina, o Brasil se destaca por ser um dos países que melhor sabe expressar esses sentimentos e oportunidades produzidos pelo futebol (BALZANO; MORAIS, 2012). Com a cultura do futebol, o brasileiro revela seus hábitos e costumes, suas identidades.

Outro aspecto importante para a paixão do brasileiro pelo futebol foi a abundante produção de ídolos no futebol nacional. Segundo Giglio (2007) o futebol é muito significativo para o povo brasileiro, e um dos pilares que sustenta esse significado são seus ídolos e heróis. Existe em torno dessas figuras uma mitologia que é criada e recriada. Dificilmente pensamos o futebol sem a presença do ídolo ou do herói.

Esse estudo apresenta que a figura do ídolo estava presente na infância dos atletas que acompanharam desde cedo o futebol, e assim, sonhavam em ser parecidos com seus ídolos. O desejo de ser igual aos ídolos é um dos motores do

processo de formação dos jogadores. O sonho de ser um jogador e ser parecido com o ídolo surge como um elemento importante na formação dos atletas ainda quando criança, pois veem na figura dos ídolos uma motivação. Muitos que ainda buscam seu espaço no futebol têm os ídolos como espelho para um dia ocupar o seu lugar (GIGLIO, 2007).

Giglio (2007) traz a mídia em um papel fundamental no processo de construção do ídolo, sobretudo nos dias atuais, diante de tantas facilidades tecnológicas. Antigamente, somente o rádio desempenhava o papel de aproximar o público do espetáculo esportivo, e com o advento da televisão e da internet, surgem novas formas de acompanhar os eventos ao vivo, para além do rádio, que ainda é muito utilizado no Brasil. As respostas coletadas no estudo de Giglio (2007) mostram a forma que alguns atletas se aproximavam de seus ídolos na infância: por meio da televisão e da imitação quando jogava bola.

A mídia tem como característica aproximar os ídolos de seus fãs, ou seja, ela tem a responsabilidade direta de quebrar a distância existente entre os ídolos e aqueles que os idolatram (GIGLIO, 2007). Consiste em mais um fator importante na expansão e inserção do futebol na sociedade brasileira, como argumenta Gastaldo (2009), que a exposição do futebol na mídia e nos meios de comunicação foram fatores preponderantes para sua disseminação entre diferentes classes sociais e para a globalização da prática do esporte.

Com essa globalização do futebol, o número de transferências de atletas para outras regiões e países aumenta a cada ano, sobretudo no Brasil. Esse fluxo migratório representa um importante aporte financeiro aos clubes de futebol e simboliza, para a imensa maioria dos jogadores, a realização de um sonho, além de uma forma de ascensão social, graças ao talento demonstrado no futebol. Os torcedores, a imprensa e os dirigentes veem uma transferência para o exterior como uma vitória na carreira do jogador (BRANDÃO et al., 2013).

No mercado de transferências internacionais, o Brasil aparece como um dos principais protagonistas, e essa valorização dos jogadores brasileiros no mercado exterior se deve ao domínio no campo futebolístico, o que acarretou em um fluxo migratório constante, especialmente para Europa e Ásia. Conforme dados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), o Brasil chegou a exportar, no ano de 2010, 1029 jogadores profissionais para equipes de outros países. Desses 1029, 683

regressaram ao Brasil antes do final do primeiro ano, ou seja, 66% dos jogadores expatriados (BRANDÃO et al., 2013).

Esses números fazem com que Brandão et al (2013), argumentem que os atletas brasileiros não são preparados para recomeçar a carreira em um local desconhecido, não se acostumam ao novo país e sentem falta de casa, o que explica esse grande número de repatriados.

Os autores afirmam que a habilidade em se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol expatriado. Essa realidade exige que o atleta se acostume com outra língua, outra cultura, outro clima e, muitas vezes, com a distância da família. Porém, o imediatismo do futebol exige que, rapidamente, o atleta se estabeleça nessa nova equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos (BRANDÃO et al., 2013).

O processo de adaptação dos jogadores brasileiros pode ser permeado por problemas, como uma perspectiva irreal sobre a nova equipe, associada a carência de informações sobre o local, que pode ter um idioma diferente e valores, normas, crenças e padrões comportamentais muito distantes de seu local de origem. Quanto maior a distância em termos de fatores políticos, econômicos e históricos, do local de origem para o de transferência, mais difícil tende a ser a adaptação e formação de relações sociais, sobretudo nos países frequentemente ameaçados por guerra e com uma cultura religiosa muito rígida. Isso pode resultar em problemas físicos, desconforto emocional, exaustão mental e estresse, distúrbios alimentares e do sono, ansiedade, depressão, que são fatores que interferem diretamente na efetividade da vida pessoal e profissional do atleta (BRANDÃO et al., 2013).

Em conclusão, a paixão do brasileiro pelo futebol ultrapassa a barreira dos 90 minutos de jogo, e é capaz de moldar personalidades e estilos de vida. Os diversos ídolos produzidos em território nacional contribuem para essa paixão aflorada, sobretudo nas crianças, que enxergam um jogador de futebol como herói e inspiração para seguir o sonho de se tornar profissional.

Essa relação entre fã e ídolo é facilitada pela mídia, que enaltece muito o lado positivo da fama e do luxo, e poucas vezes menciona as dificuldades que permeiam a vida do atleta. Muitos desses jogadores que sonhavam em trilhar uma carreira internacional, acabaram se frustrando durante essa trajetória, em alguns casos pela realidade ter sido aquém das expectativas criadas. Isso se enquadra tanto nos atletas que vão para o exterior, quanto para aqueles que passam por transferências

nacionais, seja na adaptação a um novo clube local ou um clube de outro estado, com outra cultura, outro sotaque, outro clima, e até mesmo outro estilo de jogo.

Cada região do Brasil contém um estilo próprio de jogo, com características particulares que, em conjunto com outros fatores, definem o estilo de jogo do futebol brasileiro conhecido em todo o mundo. Essas questões serão explanadas de forma mais detalhada nos textos seguintes.

### 3.3. FUTEBOL BRASILEIRO – ESTILO DE JOGO

Para introduzir esse assunto que permeia o futebol brasileiro, se faz necessário discorrer a respeito da origem do esporte no Brasil, que é definida quase que de forma arbitrária, segundo Máximo (1999), por não se apresentar uma data diferente da elegida pelos historiadores. A principal história que explica o nascimento ou até mesmo o crescimento do futebol brasileiro, ocorreu no ano de 1895, quando Charles Miller, um paulistano filho de ingleses, voltou ao Brasil após conhecer a terra dos pais, em um período de estudos em Southampton. Na Inglaterra, fez amigos e, nas horas vagas, descobriu um novo e fascinante brinquedo: *the football*.

Quando Charles Miller retornou a São Paulo, com camisa, calção, chuteiras e duas bolas oficiais na bagagem, o futebol já deixara de ser atividade escolar alienante para se transformar em esporte organizado, difundido entre clubes e universidades. Seu retorno foi em 1895, mas em 26 de outubro de 1863 já havia sido fundada a entidade que rege o futebol na Inglaterra até hoje, *The Football Association*. Portanto, já existiam regras, grandes clubes, campeonato e taças, e o futebol, enfim, já era um esporte e não antídoto de reformas sociais (MÁXIMO, 1999).

O futebol se tornou uma expressão cultural presente em todos os recantos do país, além de ser um instrumento bastante eficaz na construção da identidade do povo brasileiro. A questão do estilo nacional se incorporou de tal forma no futebol, que se tornou a expressão de um povo, de uma cultura, do ser brasileiro. O estilo brasileiro de jogar se tornou uma marca identitária do futebol e também como os brasileiros gostam de se identificar no meio futebolístico (RIBEIRO FILHO, 2007).

Soares e Lovisoló (2003), apresentam debates sobre o estilo brasileiro de futebol nas narrativas jornalísticas e intelectuais, que de forma repetitiva, refletem o desejo de afirmação da identidade nacional e autenticidade cultural, em contraposição a afirmação da cidadania. Tais narrativas apresentam o futebol como espelho dos

dilemas da sociedade brasileira, deixando de explicar a singularidade das técnicas corporais que distinguiriam o estilo de jogo brasileiro. Apresentar a tradição do futebol se torna relevante no contexto atual de espetacularização e comercialização do esporte, em que se defende que as inovações táticas e técnicas fizeram desaparecer o *futebol-arte*<sup>2</sup>.

O futebol tornou-se um dos principais meios de identificação coletiva, e com isso, foi adquirindo novas formas no que se refere à participação da população, que geraram conflitos entre raças e classes. Ribeiro Filho (2007) menciona em seu estudo alguns autores que buscaram contribuir na construção de um estilo nacional, como Soares (1990), que relata como o estilo de vida do malandro se incorporou no futebol, acrescentando uma nova forma ao jogo, de improvisação e habilidade em reverter situações adversas.

O estudo de Rodrigues Filho (1964) também é citado em Ribeiro Filho (2007), e fala sobre a presença do negro no futebol, sobretudo no Rio de Janeiro, que trouxe consigo elementos que mudaram a forma de se jogar futebol no Brasil, acrescentando a ele a ginga de corpo, os floreios, a malandragem, elementos que viriam simbolizar o estilo brasileiro de futebol por um longo período no conceito futebolístico. Segundo Galeano (2002), esses traços da cultura negra que garantiram uma estética diferente ao jogo, fez nascer o futebol mais bonito do mundo:

[...] o futebol se tropicalizava no Rio de Janeiro e em São Paulo. Eram os pobres que o enriqueciam, enquanto o expropriavam. Este esporte estrangeiro se fazia brasileiro, na medida em que deixava de ser o privilégio de uns poucos jovens acomodados, que o jogavam copiando, e era fecundado pela energia criadora do povo que o descobria. E assim nascia o futebol mais bonito do mundo, feito de jogo de cintura, ondulações de corpo e voos de pernas que vinham da capoeira, dança guerreira dos escravos negros, e dos bailes alegres dos arredores das grandes cidades (GALEANO, 2002, p. 34).

---

<sup>2</sup> Segundo Giglio (2003), a construção do estilo de jogo e mesmo sua reprodução foram um meio de consolidar a nossa identidade que, simbolicamente, convencionamos chamar de *futebol-arte*. O futebol, como um drama social, foi uma maneira de exaltar o nosso jeito, as jogadas de efeito, os dribles, enfim, algumas características que nos tornaram conhecidos internacionalmente. O estilo brasileiro chama atenção por ser diferente dos demais, principalmente devido à habilidade de seus atletas. Já para Gil (1994), esse estilo de “jogar bola” é uma característica inerente aos brasileiros, a qual constitui uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar, pensar e vivenciar esse esporte em nosso cotidiano. É a esse futebol, construído basicamente nos anos que vão de 1930 a 1974, que designamos “*futebol-arte*”. E, segundo Paoli (2007), o *futebol-arte* é caracterizado, entre outros fatores, pelo jogador que, possuidor de uma inteligência apurada de jogo, de forma individual desequilibra a partida com lances de rara habilidade técnica.

Diante disso, o sucesso do futebol proporcionou um novo discurso identitário da nação e do futebol brasileiro. Com uma equipe em campo, especialmente a seleção nacional, que reproduz ao máximo as habilidades e a forma de ser do jogador brasileiro, espera-se ver reforçada, por meio das jogadas mágicas desses jogadores, a identidade de um país, a brasilidade, expressas em uma forma única de jogar futebol, o estilo nacional (RIBEIRO FILHO, 2007).

O futebol brasileiro é chamado de “futebol-arte”, e os jogadores são os artistas da bola. Ainda que, muitas das vezes, esse discurso de estilo de jogo se confunda com a forma de jogar de uma equipe ou de determinados jogadores, os jogadores brasileiros gozam de um prestígio cada vez maior quando o assunto gira em torno de suas qualidades e de sua capacidade de surpreender em campo (RIBEIRO FILHO, 2007).

O estudo de Soares (2003) faz uma análise dos escritos de Gilberto Freyre sobre o futebol e o seu estilo de pensar a identidade brasileira, e menciona o trecho de uma entrevista para o Diário de Pernambuco no ano de 1938, em que Freyre fala sobre questões raciais no Brasil e a presença do negro no futebol ou em qualquer espaço social:

Um repórter me perguntou anteontem, o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeux.

Respondi ao repórter (...) que uma das condições de triunfo, este ano, me parecia à coragem que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. (...)

O nosso estilo de jogar me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha, que foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogada tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo o malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (17-06-1938, Diário de Pernambuco).

Essa entrevista acontece logo após a Copa de 1938, onde Gilberto Freyre se mostra orgulhoso pela campanha brasileira e admite a coragem da comissão técnica,



ao convocar uma seleção que simbolizava um Brasil no qual as elites brasileiras se envergonhavam no passado.

Freyre menciona as diferenças existentes entre os brasileiros e os europeus, reforçando as singularidades que tanto se argumentavam, do Brasil e do futebol brasileiro. “O imaginário que existe por trás desta construção de identidade é que, mágica ou criativamente, o brasileiro descobriria o próprio caminho como nação quando aceitasse o Brasil como ‘ele é’, isto é, miscigenado” (SOARES, 2003, p. 152).

Seguindo no debate entre futebol brasileiro e futebol europeu, Damo (1999) afirma que, na chegada do futebol da Europa para o Brasil, era importante preservar os códigos e valores a ele associados. Prezava-se não apenas por jogar, mas sim jogar, vestir, torcer e falar como os ingleses. Porém, o gosto pela imitação foi cedendo lugar à criatividade e, gradativamente, foram sendo produzidas diferenças não apenas na forma de jogar, mas também de torcer.

DaMatta (1982), estabelece uma comparação entre os dois, afirmando que o futebol nativo tem “jogo de cintura”, ou seja, malícia e malandragem, que são elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo o europeu, que é caracterizado pela força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual da bola. Em contraste com o futebol brasileiro, que tem essa improvisação e “jogo de cintura”, o futebol da Europa surge como uma variante “quadrada” e autoritária da prática do mesmo esporte. A malandragem e o “jogo de cintura” são termos referentes a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar em vez de enfrenta-la de frente, livrando-se com um simples e preciso movimento de corpo.

Gilberto Freyre explica a rápida ascensão do futebol brasileiro contrastando o estilo de jogo de Domingos da Guia e Leônidas da Silva: o primeiro seria mais clássico, apolíneo e europeu, enquanto o segundo se identifica mais com o romântico, dionisíaco e tropical.

Damo (1999) destaca que a identidade futebolística brasileira é representada a partir de uma série de oposições, tendo como pano de fundo os europeus. Por meio de um quadro, o autor apresenta algumas oposições entre os dois estilos, embora não considere questões subjetivas, estéticas e de valores, que dificilmente se chega a um consenso.

Diante disso, Damo (1999) menciona, como principais características do futebol brasileiro: artístico, espetáculo, dionisíaco, barroco, intuitivo, natureza, dom, rua, jogo,

individual, agilidade, habilidade, malandro, candomblé/umbandismo, futebol-arte. O futebol europeu, por sua vez, é caracterizado pelo autor a partir dos seguintes elementos: competitivo, eficiência, apolíneo, clássico, racional, cultura, aprendizado, clube/escola, esporte, coletivo, rigidez, força, Caxias, catolicismo/protestantismo, futebol-força.

Claramente, as questões pertinentes ao estilo de jogo do futebol brasileiro são bem mais abrangentes e complexas do que as definições apresentadas. Os traços do estilo brasileiro possuem uma riqueza de detalhes, das mais variadas vertentes: habilidades individuais, capacidade de improvisação, traços culturais, esquemas de jogo, formação técnica diversificada conforme características regionais (gaúcha, paulista, carioca) entre outros (RIBEIRO FILHO, 2007).

Nos tópicos seguintes, serão abordados de forma mais aprofundada os estilos de jogo predominantes em cada região do Brasil, tendo como enfoque principal o estilo de jogo do futebol cearense.

### 3.3.1. Estilo de Jogo de algumas regiões do Brasil

Com relação ao estilo de jogo praticado no futebol nacional, surgiram muitas discussões controversas entre os brasileiros, principalmente antes de uma disputa de Copa do Mundo, onde era comum a afirmação de que o futebol brasileiro tinha arte demais e objetividade de menos, sendo o oposto dos europeus, episódio que foi caracterizado por Nelson Rodrigues como “complexo de vira-lata”<sup>3</sup>, onde é consenso afirmar que as qualidades técnicas do selecionado brasileiro eram indiscutíveis, entretanto, não se acreditava no potencial da seleção, e os próprios brasileiros se colocavam em posição de inferioridade em relação ao resto do mundo (DAMO, 1999).

Diante desse cenário, qualquer campanha malsucedida da seleção brasileira em Copas do Mundo, reacendia um debate que colocava em posição de oposição o “futebol-arte” e o “futebol-força”<sup>4</sup>. Tal dissensão provoca no torcedor brasileiro a

---

<sup>3</sup> Por “complexo de vira-lata” o jornalista Nelson Rodrigues (1958), entendia ser a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em relação ao resto do mundo. Isso em todos os setores, mas sobretudo no futebol.

<sup>4</sup> O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo, dionisíaco, barroco, futebol-arte. Por outro lado, o futebol europeu é racional, eficiência, competitivo, cultura, coletivo, aprendizado, rigidez, força, apolíneo, clássico, escola, futebol-força. (DAMO, 2002, p. 125). No Futebol-Força, o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade, porém muitas vezes as equipes que praticam esse tipo de futebol, também

lembrança de um passado áureo, marcado pelas vitórias e com um estilo de jogo que representava a identidade do brasileiro (SALLES; SOARES, 2002).

No texto sobre o futebol brasileiro, argumentou-se que a identidade futebolística nacional é representada a partir de uma série de oposições, que tem como plano de fundo os europeus. Entretanto, ao definir uma autenticidade brasileira, Gilberto Freyre evoca a molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana e a malandragem carioca, excluindo os demais “tipos regionais” que contribuíram para garantir ao futebol as características de brasilidade (DAMO, 1999).

Esse recorte feito por Freyre é significativo, não apenas pelos “tipos” que elege ou exclui, mas sim pela intencionalidade, que consiste em um precedente para argumentar que o destaque de uma contribuição da molecagem, da malandragem e da capoeiragem, em detrimento das outras, é algo superficial e tendencioso. Porém, o estudo de todos os “tipos regionais” requer uma elaboração mais aprofundada, que não era o propósito do autor (DAMO, 1999).

Consoante a isso, Paoli (2007) concorda que os aspectos culturais, étnicos e a história de cada país são fatores que contribuem para as diferenças entre os estilos de prática do futebol, que embora seja jogado com as mesmas regras em todo o mundo, possui essa diferença no estilo de jogo de região para região. Essas diferenças culturais não são facilmente superadas em um jogo. O futebol se tornou mais complexo, e representa um grande desafio aos técnicos, principalmente no que se refere a definições táticas e de estratégias.

No que se refere à formação de atletas e os estilos de jogo por região, os próprios profissionais do futebol concordam que existem diferenças entre os diversos estilos de jogar futebol no Brasil, que disputam entre si esse status hegemônico de caracterizar o estilo de jogo do futebol brasileiro: a “escola paulista”, a “carioca”, a “gaúcha” e outras mais (PAOLI, 2007).

Em uma entrevista, Parreira argumenta que várias características são essenciais para identificar o perfil ideal de um jogador: força física; capacidade de improvisação; velocidade; habilidade técnica; disciplina tática; boa capacidade de marcação; drible; inteligência para preencher os espaços vazios, se desmarcando com eficiência; bom de grupo e que saiba se relacionar; equilibrado emocionalmente;

---

chamado de futebol de resultados, não empolgam seus torcedores. Jogadas de efeito, dribles e tabelas tornam-se raras. (GIGLIO, 2003, p. 33).

disciplinado e que saiba utilizar a “catimba” ao seu favor, no momento certo da partida (PAOLI, 2007).

Estes diversos estilos de jogo mencionados, podem ser reforçados nas afirmações de jogadores e técnicos:

Há quatro anos que o futebol paulista deixou para trás todos os outros. E o futebol aqui é diferente lá do Rio. Lá só se pensa na técnica. Aqui, além dessa habilidade, se dá muito valor ao preparo físico. O futebol paulista é mais de chegada. É o que diferencia dos demais. (Edmundo, jogador do Palmeiras – Folha de S. Paulo, 25/01/93).

Não se pode desconsiderar as características regionais do futebol. O futebol-arte, que denota o toque de bola, a criatividade, a improvisação e a malandragem, é algo que foi construído a partir da referência do futebol carioca. Já o futebol gaúcho associa muito sua identidade à raça, à luta, ao jogo coletivo e tático, como os povos platinos. (Zagalo, ex-técnico da Seleção Brasileira).

Existem diferenças visíveis entre os diversos estilos do futebol brasileiro. Trata-se de um país continental, onde a identidade de cada estilo é inevitável, o que acaba por influenciar na seleção e detecção de talentos, na própria tática e na escolha do sistema de jogo. O estilo gaúcho, apesar de contar com jogadores talentosos, e ter conquistado títulos importantes e expressivos no futebol brasileiro praticando um futebol vistoso e bonito, tem uma característica que é semelhante ao futebol platino. Ou seja, muita luta, vontade, marcação cerrada (Luis Felipe Scolari, então Técnico do Grêmio em 1995).

Nesse sentido, podemos concluir que o estilo de jogo do futebol brasileiro, por muito tempo definido como o futebol-arte, em oposição ao futebol europeu que era caracterizado pela força física, foi reforçado por uma visão saudosista do povo pelo futebol jogado nos tempos de glória da seleção nacional. Esses resquícios sempre vinham à tona após uma eliminação da seleção em Copas do Mundo, e até hoje se faz presente nos debates sobre o estilo de jogo brasileiro que vem se adaptando aos moldes do futebol europeu.

Entretanto, dentro do próprio contexto do futebol brasileiro, surgem diversos estilos de jogo que, conforme a região, variam em características que divergem entre si. Há um debate a respeito de qual estilo de jogo regional define o futebol brasileiro, e diferentes estilos predominaram em relação aos outros no decorrer dos anos. Fato é que, embora seja realizado um estudo complexo e aprofundado em cada região, dificilmente se chegará a um consenso a respeito de qual é a característica mais marcante do futebol brasileiro. O que se sabe é que, cada estado tem seus traços

mais marcantes no esporte, e isso contribui na conduta a ser seguida na formação dos atletas.

Diante disso, o tópico seguinte será composto por fatores que caracterizam o estilo de jogo do futebol cearense, que é o propósito do presente estudo. Posteriormente, conclui-se o referencial teórico com aspectos gerais das categorias de base no Brasil.

### 3.3.2. Estilo de jogo – Futebol Cearense

Falar sobre o estilo de jogo construído historicamente no futebol cearense, requer uma abordagem mais aprofundada sobre a origem do esporte no estado, que apresenta a crença no “mito de fundação”, assim como a história de Charles Miller e a chegada do futebol no Brasil, embora alguns defendam que o esporte já era praticado nas ruas e praças, mesmo que essa consolidação tenha ocorrido através de uma prática improvisada (PINHEIRO et al., 2011).

Ainda que, no ano de 1903, já houvera uma partida de futebol com ingleses que habitavam em Fortaleza e um *team* de um navio britânico que ancorou na cidade, o “mito de fundação” do futebol cearense é atribuído a José Silveira, que estudou na Suíça e, quando regressou ao Ceará, no ano de 1904, trouxe uma bola de couro, um livro de regras e dois conjuntos de uniformes que o possibilitou organizar o primeiro jogo de futebol, no Passeio Público com cearenses da “boa sociedade” e ingleses que residiam em Fortaleza (PINHEIRO et al., 2011).

Entre 1904 e 1911, nota-se um hiato entre o episódio da origem do esporte por José Silveira e o registro de uma primeira partida de futebol, entre Ceará Foot-Ball Club e América Foot-Ball Club. A partir de 1911, os eventos passam a ter maior organização no Passeio Público, a partir da iniciativa da “boa gente”, que custeava os materiais para a prática. Em 1913, já houve competições entre as equipes, mas não empolgou e sequer foi considerada como campeonato. Em 1914, por iniciativa de Luís Esteves, surge o Rio Branco Foot-Ball Club, que no ano seguinte recebe o nome de Ceará Sporting Club, considerado até hoje como um dos maiores clubes da capital cearense. Em 1915 acontece o primeiro campeonato organizado pela Liga, que chamou à atenção de todos da região aos domingos, com os jogos praticados pelos recém-formados clubes do Ceará. Em 1918, fundava-se outro dos maiores clubes de

Fortaleza, o Stela Foot-Ball Club, que posteriormente seria conhecido como Fortaleza Esporte Clube (PINHEIRO et al., 2011).

Com relação ao torcedor cearense, Vasconcelos (2011) argumenta que muitas pessoas se consideram torcedores legítimos de duas ou mais equipes, sendo geralmente um time de sua cidade ou estado, e outro de regiões diferentes, um perfil de torcedor encontrado, sobretudo, fora dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Oliveira (2015) complementa essa ideia, afirmando que na região Nordeste é muito comum escolher mais de um time para se torcer, onde um dos times normalmente é o que foi “imposto” pelo pai do torcedor, e o outro time foi “imposto” pela mídia.

Foi imposto pela mídia pois, segundo Vasconcelos (2011), tomando como exemplo as emissoras de TV cearenses, nota-se uma ampla cobertura dos times do Sul/Sudeste, afinal são os maiores e mais vencedores que atraem os interesses dos fãs de futebol. Esse tipo de torcedor de mais de um time é conhecido pelo nome de “misto”.

Para definir as características físicas do jogador cearense, é importante investigar seu biótipo, que no dicionário Sacconi da Língua Portuguesa, é definido como o conjunto de características fundamentais comuns ou semelhantes de um grupo de indivíduos, herdadas geneticamente e adquiridas no ambiente que configura o indivíduo. De acordo com o site do Governo do Estado do Ceará (2015), o estado foi formado pela miscigenação de colonizadores europeus, indígenas catequizados e também por aculturados após grande resistência a colonização de negros e mulatos que viviam como trabalhadores livres ou como escravos. O fenômeno natural da seca também foi determinante na influência do biótipo do cearense. De acordo com as definições observadas, o tipo físico que o cearense mais se assemelha é o endomorfo (OLIVEIRA, 2015).

Portanto, o biótipo do jogador cearense nada mais é do que um reflexo dos seus antepassados, em que nos dias de hoje ainda refletem características como a altura, o peso, a cor da pele, entre outras.

Os entrevistados do estudo de Oliveira (2015), ao serem questionados sobre o biótipo do jogador cearense, foram unânimes ao dizer que o jogador cearense é franzino e de baixa estatura. Com relação ao estilo de jogador do futebol cearense, a opinião de parte dos entrevistados é de que o jogador cearense sempre foi muito criativo, rápido e salientam que, no futebol cearense sempre prevaleceu jogadores de

habilidade e qualidade técnica. Foi possível observar também a opinião de entrevistados que acreditam que o jogador cearense não possui um estilo próprio.

O jogador cearense é considerado habilidoso e criativo desde as décadas anteriores, e um dos fatores que contribuem para essa concepção são os campos de periferia, onde predomina a superação de adversidades como o terreno de jogo irregular e sem as devidas marcações, a bola de jogo muitas vezes de péssima qualidade, entre outros fatores. A opinião dos que acreditam que o jogador cearense não possui um estilo de jogo próprio, é baseada no multiculturalismo que tomou conta do futebol, pois o constante intercâmbio dos atletas nos clubes tornou os estilos muito parecidos (OLIVEIRA, 2015).

Com base no estudo de Oliveira (2015), busca-se definir o estilo ou modelo de jogo do futebol cearense, ou seja, o referencial que deve regular o trabalho de um time do início ao final da temporada, sendo irracional planejar e organizar uma equipe sem essa referência fundamental para atingir os objetivos propostos. Parte dos entrevistados do estudo caracterizam o modelo de jogo do futebol cearense com um bom sistema defensivo, porém, com uma fraca transição da defesa para o ataque.

É consenso entre os entrevistados que, o modelo de jogo das equipes cearenses vem passando por diversas transformações ao longo dos anos, que pode ser explicado pela grande evolução ocorrida no futebol local, mas também pela chegada de treinadores oriundos de outros estados e as suas influências na maneira de jogar do futebol cearense. Em relação aos clubes que identificam a maneira de jogar do futebol cearense, os entrevistados mencionam Ceará e Fortaleza, mas apontam para essa influência de fora do estado, enquanto um deles cita também os clubes de formação e de menor expressão, mas tradicionais no cenário estadual (OLIVEIRA, 2015).

Perguntados se conseguem enxergar a relação do futebol do passado com o futebol atual, os entrevistados consentem que a modernização foi um aspecto relevante, e um deles complementa que é muito difícil relacioná-los, pois, para ele, os jogadores de antigamente eram mais habilidosos e talentosos, característica que foi se perdendo com o passar dos anos (OLIVEIRA, 2015).

As mudanças ocorridas no futebol cearense foram uma evolução e uma modernização, onde uma escola de futebol passou a estudar a outra, encontrando formas de neutralizá-la em campo e dessa maneira chegar à vitória nas partidas. É observado que o futebol do passado ainda é superior em relação ao atual para alguns dos entrevistados. O que se espera é uma

reformulação, principalmente, na busca do profissionalismo de forma integral, para melhorar a atual situação (OLIVEIRA, 2015).

Em conclusão, é possível afirmar que a história do futebol cearense, embora tenha vestígios anteriores da prática do esporte, tem seu “mito de fundação” com roteiro semelhante ao da origem do futebol no Brasil, com cearenses da “boa sociedade” que foram responsáveis por manter com muito esforço a prática, até que ocorressem a criação dos primeiros times de futebol e as primeiras competições oficiais. Essa influência do cenário nacional no futebol cearense é vista não apenas na história de origem do esporte, mas também nas características do torcedor cearense, com o grande poder de interferência da mídia dentro do futebol, e também no estilo/modelo de jogo das duas principais equipes cearenses, que foram passando por modificações ao longo dos anos, influenciadas pelas grandes equipes do cenário nacional e mundial, além da chegada de jogadores e treinadores de outros eixos futebolísticos, que trouxeram características de suas terras de origem para o futebol local. Ou seja, parte da identidade do futebol cearense foi se aglutinando com as características de jogadores e estilos de jogo de outras regiões, sobretudo, da região Sudeste, devido ao predomínio socioeconômico e cultural perante o Nordeste.

No próximo capítulo do nosso referencial teórico, discorreremos sobre alguns aspectos das categorias de base do futebol brasileiro, e as características segundo a literatura de seus participantes.

#### 3.4. CATEGORIAS DE FUTEBOL DE BASE NO BRASIL

Segundo Damo (2007), as categorias de base surgiram como instrumento de formação, que também servem como filtro por onde passam apenas os “merecedores” de estar no centro da arena, ou seja, aqueles passíveis de tornarem-se jogadores profissionais. É nas categorias de base, segundo o antropólogo, que a formação inicia, quando os jovens começam a se dedicar exclusivamente ao futebol – as técnicas corporais são apreendidas, o dom<sup>5</sup> lapidado e a gramática futebolística trabalhada.

---

<sup>5</sup>O dom diz respeito a uma prodigiosa aptidão, que deve ser usada e usufruída como algo divino. Carrega uma mensagem de inato. Portanto, ter um dom significa não precisar de novos talentos ou atribuições diretamente relacionadas à escolarização ou outras fontes, pois já está predestinado a uma carreira que o livrará da fábrica ou do escritório (DAMO, 2008).



### 3.4.1. Centros de Treinamentos

Hoje, os centros de treinamento estão formando jogadores com características apropriadas ao futebol europeu, como ênfase na força física, na grande competitividade, na maior obediência aos esquemas táticos e nos jogadores com mais senso coletivo, o denominado futebol força.

Os formadores de jogadores – técnicos, coordenadores, preparadores dos clubes – estão europeizando os jovens atletas, buscando a formação de uma mercadoria para o consumo europeu (BALZANO, 2020).

A influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, colocada pela mídia como influência moderna, está levando os clubes de formação a consolidar uma proposta mercantilista e mecanicista na formação de jogadores de futebol, ao considerar que a perspectiva do lucro está em primeiro lugar, sobrepujando a formação do homem (BALZANO, 2020).

Segundo o professor Medina (2007), antes de criticar indiscriminadamente as ideias de Descartes, temos que reconhecer que foi o paradigma mecanicista que ajudou a transformar o mundo medieval no mundo moderno, através das revoluções científica, industrial e tecnológica, tal qual o conhecemos hoje. Mas, para Medina, esse é um modelo que está se exaurindo. Não podemos mais, como ainda querem muitos, segundo o professor, continuar a entender o mundo, a vida, o corpo humano como uma máquina. E conseqüentemente é este mesmo entendimento que foi repassado para o futebol, para o atleta, e dura até nossos dias.

Cabe destacar que, em suas raízes iniciais<sup>6</sup>, o futebol, tinha caráter lúdico, mas ao longo de seu processo histórico foi perdendo essas características, passando a reproduzir as tendências da sociedade industrial, valorizando a busca exacerbada de resultados, o alto rendimento e a elitização (KRUSE, 2004). Nesse sentido, o professor Scaglia (2003, p. 59) considera que:

[...] é preciso que técnicos e professores não se deixem cair no papel de meros animadores, que praticantes e espectadores não se sintam apenas fregueses e consumidores, que dirigentes não vejam no desporto apenas uma mercadoria que se compra ou vende a qualquer preço.

---

<sup>6</sup>O menino brasileiro joga controle, dupla, paulistinha, rebatida, pelada, 'ranca'; joga sozinho, 1×1, 2×2, gol a gol, brinca de 'embaixadinhas', joga bola mesmo que não haja bola. É o jogo informal, onde nada é padronizado ou homogêneo: local, piso, bola, número de participantes, idade e tamanho dos participantes é liberdade e improvisação pura." (FERREIRA, 2014, p. 1-2).

Além da busca do resultado a qualquer preço, os clubes, e os profissionais de EF que lá trabalham, pouco se preocupam em equilibrar a formação escolar e futebolística de seus estudantes-atletas. Segundo Melo (2010), o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais.

Portanto, em termos práticos, a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma. Para Melo, o fato de o tempo de dedicação à formação no futebol ser igual ou superior ao de dedicação à escola, pode criar problemas no processo de escolarização.

Ainda na mesma temática, conforme Damo (2005), a busca por esta profissionalização pode ser iniciada antes mesmo dos doze anos de idade e implica aproximadamente 5.000 horas de prática de atividades corporais específicas ao longo de dez anos, o que podemos considerar como quase um trabalho infantil. Ainda para o autor, os problemas da compatibilidade entre escolarização e formação de jogador no Brasil apontam que os centros de formação de atletas de futebol, apesar dos limites legais, são totalmente livres na gestão de sua política pedagógica de formação de atletas e de escolarização. Não há supervisão ou orientação das cargas de treinamento, da qualificação dos profissionais que trabalham diretamente com os jovens e da adequação da infraestrutura dos centros de treinamento. Rodrigues (2004, p. 263) destaca:

O esporte moderno pode ser considerado como instituição disciplinadora dos corpos. A ideia de poder como rede, micro, estendendo-se ao conjunto de esferas sociais pode ser aplicada à análise do futebol, especialmente das relações de controle social, condicionamentos físicos, técnicos e táticos, ordenamentos e hierarquia das posições. O técnico revela seu poder por meio dos esquemas, os atletas procuram sempre escutar e fazer o que o técnico manda. Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores em forma, preparados para jogar.

Trata-se de controle discreto, invisível. Este controle, sem ser visto, existe nos clubes de futebol. Os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho, dos treinos de diferentes naturezas e de muitas proibições, inclusive o cuidado em se pronunciar.

Frequentemente, constatamos que as instituições formadoras enfatizam o aprendizado e o desenvolvimento dos jovens futebolistas. Mas, no início das

competições e com resultados adversos, o discurso inicial fica em segundo plano e a busca de meios para vencer supera os meios formativos (BALZANO, 2020).

Muitas vezes, as soluções encontradas são a exclusão dos jogadores menos preparados no momento e na busca de jogadores mais desenvolvidos, bem como a troca das metodologias formativas por trabalhos que exigem mais dos jogadores do que eles possam realizar. Nesse caminho, muitos serão os atletas explorados em sua força de trabalho para além das suas capacidades físicas e psicológicas, dentro dos clubes, configurando verdadeiras relações de escravidão moderno (BALZANO, 2020).

#### 3.4.2. Perfil estigmatizado dos atletas de categorias de base no futebol brasileiro

Em 29 de junho de 2006, o atacante francês Thierry Henry declarou em uma entrevista que “É difícil definir os jogadores do Brasil, pois eles já nascem com a bola nos pés. Por outro lado, quando eu era criança, precisava estudar das 7h às 17h. Pedia ao meu pai para jogar bola, e ele dizia que antes vinham os estudos. Já eles jogam futebol das 8h às 18h [...]”. Uma declaração carregada de preconceito e discriminação, que insinua que os jogadores brasileiros jogam bem porque não estudam, sem levar em consideração que a realidade do jovem aluno-atleta no continente europeu é muito diferente do aluno-atleta que reside no Brasil, principalmente oriundo de classes populares (BALZANO, 2020).

Sendo o maior contingente de jovens que iniciam a carreira como jogadores de futebol, originária das classes mais pobres da população<sup>7</sup>, e essa classe tem mais dificuldades de acesso à escola, isso também contribui para a falta de conhecimento nesse grupo (BALZANO, 2020).

Macedo (2006), considera que pela falta de conhecimento cria-se uma imagem folclórica do jogador de futebol, caracterizado por ser analfabeto, inculto, logo sem capacidade de reflexão, tornando-o mais vulnerável à doutrinação. Em certos casos, a incapacidade de questionar e o deslumbramento pela carreira levam o jogador à obediência e confiança cega em empresários, dirigentes e, especialmente, integrantes da comissão técnica.

---

<sup>7</sup>Ver Marques; Samulski (2009) e Santos (2011).

Ainda para Macedo (2006), esses jovens, em consequência dessas rotulações, constroem um mundo particular de comunicação pertencente apenas ao ambiente do futebol, caracterizado por expressões corporais e idiomáticas peculiares. Macedo também faz outras considerações como: os jovens jogadores, quando ingressam em uma equipe de futebol, passam a ter semelhanças identificáveis, como o tipo de roupa, a marca do carro, o jeito de vestir, a religiosidade, as crenças, os objetos de consumo, os acessórios de moda – brincos, colares, joias, corte de cabelo –, e, finalmente, culminando com uma constituição física típica dos atletas de futebol.

Scaglia (2003) pondera que o tipo de formação oferecida aos jovens jogadores leva ao interesse individual em prejuízo do coletivo. Esses garotos sofrem a influência da família, dos professores, dos empresários, dos profissionais do futebol e principalmente da mídia, para que se sintam como estrelas do futebol, bem antes de se tornarem uma verdadeira estrela. Os futuros jogadores de futebol estão mais preocupados com roupas, baladas, acessórios, tatuagens, celulares, do que com uma formação esportiva e humana.

Para Macedo (2006), além dessas características, ocorre também uma incorporação dos tabus, fetiches e um modo de conduta e atitudes que se caracteriza como moral e imoral ou que não combina com a imagem da classe. Como regra para pertencer ao grupo é preciso aceitar os valores e as normas de comportamentos impostos pelo mesmo, o que os conduz à segregação e ao conformismo. O pertencimento a esse grupo gera uma cultura específica compreendida e valorizada entre os seus componentes. Exemplo disso é a música, que passa a exercer um papel importante na comunicação entre seus integrantes. Segundo Macedo, os ritmos musicais de maior preferência dos jogadores são os classificados como pagode e sertanejo e, geralmente, também, os conjuntos e duplas que cantam esses gêneros musicais.

Percebemos que os futuros jogadores de futebol, na busca incessante de ingressarem no futebol profissional, muitas vezes, não medem esforços, deixando de lado princípios e valores coletivos, centralizando seus ideais no material.

O próximo capítulo apresenta as pesquisas na temática, que trazem as dificuldades enfrentadas por esses jovens, como discriminações e preconceitos nas categorias de base que, atualmente, possuem uma nova configuração.

### 3.5. PESQUISAS NA TEMÁTICA

A influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, dita pela mídia como influência moderna, traz uma visão mercantilista e mecanicista na formação de jogadores de futebol pelos clubes, onde se prioriza o lucro em detrimento da formação do homem. Essa “(re)colonização do futebol”<sup>8</sup> influencia no ressurgimento de pensamentos colonizadores, como mercantilismo, violência, racismo, xenofobia, machismo e homofobia (BALZANO, 2020).

O estudo de Balzano (2020), questionou participantes de um clube de futebol a respeito dos preconceitos identificados no esporte, e no que se refere à xenofobia, uma das formas relatadas está no preconceito do clube grande com o clube pequeno, que envolve relações e percepções do “endogrupo” em relação ao “exogrupo”, ou seja, as pessoas geralmente avaliam o próprio grupo de uma forma mais positiva, aderindo a uma estratégia que favoreça a sua preservação. Além disso, identificou-se que alguns jovens atletas são chamados, no clube, por apelidos preconceituosos como neguinho, negão, Ceará, entre outros. Esses apelidos, embora sejam colocados em tom de brincadeira, caracterizam as pessoas pelo lado negativo, podendo expressar também um certo achincalhamento de outras culturas.

As falas dos participantes desse estudo indicam que a xenofobia está enraizada na sociedade e é replicada diariamente, de forma sutil, em um sentimento de superioridade sobre o “outro”. Um exemplo disso é a forma na qual se trata os nordestinos e o futebol do Nordeste que, embora possua imensas torcidas e grandes jogadores, sempre foi menosprezado no contexto nacional. A xenofobia contra os nordestinos segrega milhares de trabalhadores e trabalhadoras, algo que se reflete no futebol (BALZANO, 2020).

Seguindo nessa linha de preconceitos enraizados no meio futebolístico, o estudo de Passos (2019) discute a relação entre os conceitos de nacionalismo e xenofobia, que são muito distintos por definição, mas podem ser interpretados de maneiras similares. De acordo com a autora, ainda que o conceito de nacionalismo

---

<sup>8</sup> Expressão criada por Balzano (2020), para fazer alusão à chegada do futebol no Brasil, no final do século XIX, que, como no final do século XX, foi um exemplo da sedução pela cultura colonialista e do fetichismo cultural que o europeu criou em torno de sua cultura. Naquele momento (final século XIX), estavam aparecendo os primeiros “chutes” de colonialidade no futebol brasileiro, pois, de acordo com Rodrigues (2004), na virada do século XIX para o XX, o futebol e as modas europeias faziam parte dos ideais civilizatórios.

esteja ligado a questões de inclusão, o sentimento nacionalista exacerbado pode ter o efeito oposto e gerar xenofobia, que muitas vezes é causada pelo medo da perda de identidade. Nota-se que, apesar dos conceitos de nacionalismo, identidade nacional e xenofobia terem origens semelhantes e serem interligados, há distinções claras entre as definições. Enquanto nacionalismo e identidade nacional visam a inclusão e o sentimento de pertencimento de um grupo de pessoas com mesmas tradições, línguas e culturas, a xenofobia é uma exacerbação desse sentimento que discrimina e exclui aqueles que não são oriundos dessas comunidades.

Paoli (2007) apresenta um consenso entre os atores sociais, que cada região do Brasil possui jogadores de características próprias, devido a uma bagagem de informações e hábitos futebolísticos adquiridos e desenvolvidos ao longo dos anos. Os mesmos afirmam, por exemplo, que o futebol mais de marcação, pragmático e racional do sul do país contrasta com o estilo técnico e criativo do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e que alguns jogadores são caracterizados como marcas registradas de uma determinada cultura do futebol de um estado e ou região, e essas características diferenciadas são levadas em consideração no processo de seleção e detecção de talentos.

A fala dos atores sociais atesta que existem diferenças, entretanto, os elencos das categorias de base atualmente contam com jogadores de praticamente todas as regiões do Brasil. Está bastante mesclado, o que dificulta uma definição precisa da característica do time do Sul, do Nordeste, algo que pode ser mais recorrente quando as equipes são formadas em sua maioria por atletas de uma mesma região. Pode-se pensar que existem mais diferenças sociais, econômicas e culturais entre os atletas, e por esses fatores extracampo, muitos talentos não dão certo no futebol. Entretanto, é complexo afirmar que exista tanta diferença física e técnica (PAOLI, 2007).

Com relação à formação de atletas no futebol cearense, o estudo de Oliveira (2015) traz que, há algumas décadas, o futebol cearense já foi berço de vários jogadores habilidosos e criativos, que se destacaram no cenário local e foram jogar em diversos clubes nacionais, inclusive na seleção brasileira. Contudo, a realidade atual de revelação de jogadores apresenta uma baixa qualidade e quantidade nesse aspecto. Os entrevistados do estudo argumentam que o processo de evolução e transição do futebol está proporcionando melhorias nos clubes, porém, precisa haver mais investimento nas categorias de base, pois foi através desses investimentos nas

categorias de base que times europeus, como a seleção alemã, colheram os frutos e conquistaram títulos.

Nesse sentido, um estudo mais recente, de Oliveira e Martins (2020), analisa a relevância de investimento em formação e direitos econômicos de atletas de um clube cearense, no caso o Ceará Sporting Club, após seu acesso a série A do campeonato brasileiro. O estudo obteve como resultado que, no segundo ano de permanência na série A, os investimentos em jogadores aumentaram consideravelmente, tanto com relação aos atletas das categorias de base quanto aos atletas profissionais do clube, o que resultou em uma maior receita líquida que foi composta por 15% de receita com negociação de jogadores no ano de 2019. Concluiu-se que, com a permanência na série A nos anos de 2018 e 2019, o Ceará Sporting Club investiu mais, tanto na formação quanto na “compra” de atletas, e destaca-se assim a visão do clube a longo prazo, com o aumento de investimento em categorias de base.

Seguindo na linha de investimento em categorias de base, o estudo de Balzano (2020) traz que, para os atletas de fora, o clube investigado na pesquisa se responsabiliza por buscar escolas para os atletas que chegam de fora, tem mudado a metodologia de trabalho no dia a dia, sobretudo no referente ao respeito e enxergar o outro, além da tentativa de conscientizar os atletas do clube que o mais importante é aceitação do outro, seja ele um novo componente da comissão, ou um novo colega que passou na avaliação, prioriza-se trabalhar com a inclusão para fortalecer o crescimento do clube.

Esse quadro reforça a incidência de preconceitos no futebol, como a xenofobia, onde os clubes passam a contar com atletas oriundos de diversas regiões do Brasil, que trazem consigo a cultura, os costumes e até mesmo um estilo de jogo diferente.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1. TIPO DE ESTUDO**

Esta pesquisa tem um componente combinado de coleta e análise de dados que busca aproveitar os benefícios do estudo quantitativo e qualitativo. Segundo Thomas e Nelson (2002), a pesquisa quantitativa tende a centralizar-se na análise da situação problema ao separar e examinar os componentes de um fenômeno, enquanto a pesquisa qualitativa busca compreender o significado para os participantes de uma experiência em um ambiente específico e de que maneira os componentes combinam-se para formar o todo. A Pesquisa Quantitativa é apropriada para medir tanto opiniões, atitudes e preferências como comportamentos (MORESI, 2003).

Segundo o autor acima, esta técnica de pesquisa também deve ser usada quando se quer determinar o perfil de um grupo de pessoas, baseando-se em características que elas têm em comum (como demográficas, por exemplo). As pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários) que são utilizadas quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 2009).

Conforme Minayo (1994), a pesquisa qualitativa é o tipo de investigação que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Portanto, a opção que faremos pelo estudo de corte qualitativo se dá em função do entendimento que, dessa forma, melhor poderemos descrever, interpretar, explicar, e compreender as percepções e os significados que um grupo em particular atribui às suas práticas e vivências cotidianas. Entendemos que a pesquisa qualitativa e quantitativa são as que melhor possam se adequar ao nosso estudo.

### **4.2. LOCAL DO ESTUDO**

O local da realização da pesquisa foi um clube do futebol cearense, com equipe na categoria sub-17. É um clube tradicional no futebol cearense que participa de



competições no território nacional e internacional. O local da pesquisa foi escolhido pela facilidade de acesso do pesquisador ao clube, pois o orientador da pesquisa já prestou consultoria para as categorias de base desse clube, mantendo assim uma boa relação com a coordenação de futebol. Neste sentido, nos reportamos a Umberto Eco (2006), no seu livro “Como se faz uma tese em ciências humanas”, quando descreve que uma pesquisa deve ser viável, compatível com as possibilidades do pesquisador em relação a tempo, local, tema, problema, entre outros.

#### 4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a coleta de dados, aplicamos um questionário fechado, com os atletas oriundos de outras regiões, da categoria sub-17<sup>9</sup> de um clube de futebol do Ceará. A escolha pela categoria sub-17, deve-se à aproximação do orientador da pesquisa, com o treinador e o auxiliar técnico da categoria sub-17, pois ambos foram alunos da UFC. Além disso, a categoria sub-17, é a primeira categoria a assinar um contrato com o clube, estabelecendo um vínculo empregatício. Neste sentido existe uma obrigação entre clube e atletas. Com o intuito de conservar a identidade dos participantes da pesquisa, serão utilizadas as siglas: (A1) para o atleta 1, (A2) para o atleta 2, (A3) para o atleta 3 e assim sucessivamente. O número de atletas foi de acordo com a boa vontade dos mesmos, e todos que forem oriundos de outra região, seja no estado ou fora dele. Participaram do presente estudo um total de 20 atletas.

##### 4.3.1. Critérios de escolha dos participantes

- a) Ser atleta da categoria sub-17 do clube em questão;
- b) Ser oriundo de outra cidade, estado ou região do Brasil;
- c) Ter disponibilidade e interesse em contribuir para a pesquisa.

---

<sup>9</sup> Faremos um quadro a posteriori, apresentando os atletas, com informações do local de nascimento, idade, clubes de origem, nível escolar, posição em campo.

#### 4.4. INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado foi um questionário fechado (APÊNDICE C) no qual abordou temas como: dificuldade de adaptação, presença da família, amigos no clube, aspectos culturais da sua região, entre outros. O questionário foi formatado e teve como referência o questionário utilizado por Freitas et al. (2012). Foi aplicado um questionário simples, claro e objetivo, com o intuito de apontar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol de um clube cearense.

O questionário como coleta de informações é definido por Negrini (2004) como uma lista de perguntas mediante a qual se obtém informações de um sujeito ou grupo de sujeitos por meio de respostas escritas. Gil (2002) argumenta que nas questões fechadas, apresenta-se ao respondente um conjunto de alternativas de resposta para que seja escolhida a que melhor representa sua situação ou ponto de vista. Entendemos ser o melhor instrumento para coleta de dados com os jovens jogadores, pois os mesmos, muitas vezes, preferem atividades mais rápidas do que trabalhos mais longos e, por vezes, cansativos, visto que sua rotina de trabalho é muito causticante, pois treinam pela manhã e estudam a tarde.

#### 4.5. PROCEDIMENTOS

No primeiro momento, foi realizado um estudo bibliográfico para sustentar e embasar cientificamente a pesquisa. O segundo passo, após a aprovação do projeto pela banca examinadora, foi o contato com o gerente de futebol das categorias de base do clube, solicitando a realização do trabalho de conclusão de curso, de um aluno da Universidade Federal do Ceará (UFC), no centro de treinamento da respectiva equipe.

Nesse contexto, marcamos um dia e horário com o gerente para levar a carta de apresentação do pesquisador e objetivo da pesquisa (APÊNDICE A). Após a confirmação do clube para a realização do trabalho, partimos para o terceiro momento, que foi marcar uma data e horário para levar o TCLE (APÊNDICE B), para os atletas. Nessa visitação, ocorrida no período da manhã do dia 6 de setembro de 2022, foi possível observar o treino completo dos atletas da categoria sub-17 e, posteriormente, conversar com o treinador da equipe, demais integrantes da comissão e profissionais do clube presentes no CT, a respeito do trabalho que pretendíamos realizar com base

nas respostas obtidas por meio do questionário aplicado aos atletas. Após essa conversa, o treinador da equipe nos apresentou as instalações do CT das categorias de base do clube cearense, explicando todo o trabalho que é realizado, desde a fisioterapia, área de musculação e preparação física, até a parte de análise de desempenho, o *scouting* realizado na procura de novos jogadores, e demais parâmetros que são analisados para a melhor performance desses jovens.

Após a aceitação dos atletas, perante a devolução do TCLE, assinada por eles e pelo representante do clube, pois os jogadores são de outras localidades, e teriam dificuldade de conseguir a assinatura de seus responsáveis, partimos para o quarto momento, que foi a aplicação do questionário com os atletas. Aplicamos o questionário com os jogadores, depois do treino, e depois da saída deles, após higienização no vestiário, para evitar que os atletas sujassem o questionário devido à sudorese causada pelo treino e para evitar que a fadiga ocasionada pelo treino pudesse influenciar nas respostas dos participantes. Também evitamos aplicar o questionário antes do treino, pois os atletas poderiam estar ansiosos para treinar e poderiam responder as questões com pouca concentração. Pedimos uma sala para a coordenação das categorias de base, que comportasse todos os atletas, e com privacidade para esses responderem o questionário. Apresentamos um modelo de questionário preenchido no ANEXO I.

A aplicação do questionário foi realizada na manhã do dia 9 de setembro de 2022, pelo aluno Matheus Veras e com a presença do orientador Otávio Balzano. Inicialmente, fomos recebidos por alguns profissionais do clube, que mantêm uma relação de amizade com o orientador e nos apresentaram parte da estrutura, além de um momento em que relataram experiências da vida acadêmica e profissional. Após isso, apresentaram-nos a psicóloga do clube, que leu as questões propostas e fez sugestões para garantir o sucesso da pesquisa, nos auxiliando bastante devido a boa relação e facilidade em lidar com esse grupo de atletas. Após essa conversa, na qual aguardávamos o término do treino dos atletas participantes do estudo, fomos direcionados a uma sala reservada para preparação da apresentação. Nessa sala, estavam presentes o aluno e o orientador responsáveis pelo estudo, o treinador da equipe sub-17, a psicóloga que atua no CT das categorias de base do clube cearense, além dos 20 atletas da categoria sub-17 que compuseram essa amostra. Para a apresentação das questões aos atletas, foi elaborado um arquivo em PowerPoint contendo o título do estudo, tema do trabalho, problema e objetivos. Com o auxílio do

orientador para elaboração e apresentação, o arquivo em PowerPoint serviu como um roteiro, onde cada questão era comentada e respondida de forma simultânea pelos 20 atletas participantes.

#### 4.6. ANÁLISE DOS DADOS

As análises das informações foram realizadas a partir dos resultados obtidos nos questionários com os atletas do clube, que foi efetuada no segundo semestre do ano de 2022, e teve como referência o marco teórico da pesquisa. Os dados foram mensurados em planilha do Microsoft Excel e os gráficos foram confeccionados com auxílio do Microsoft PowerPoint. Por fim, fizemos as inferências interpretativas na construção das análises das respostas, inserindo o resultado das escolhas dos participantes, articulando-as às referências teóricas e ainda às nossas próprias percepções, procurando dar conta do nosso objeto de estudo, como indica Molina Neto e Triviños (1999), quando se trata de uma pesquisa na Educação Física.

#### 4.7. ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi realizada conforme a resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece a eticidade da pesquisa em: autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade (BRASIL, 2003). Aos participantes da pesquisa foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), contendo todas as informações necessárias sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa à qual a mesma foi submetida.

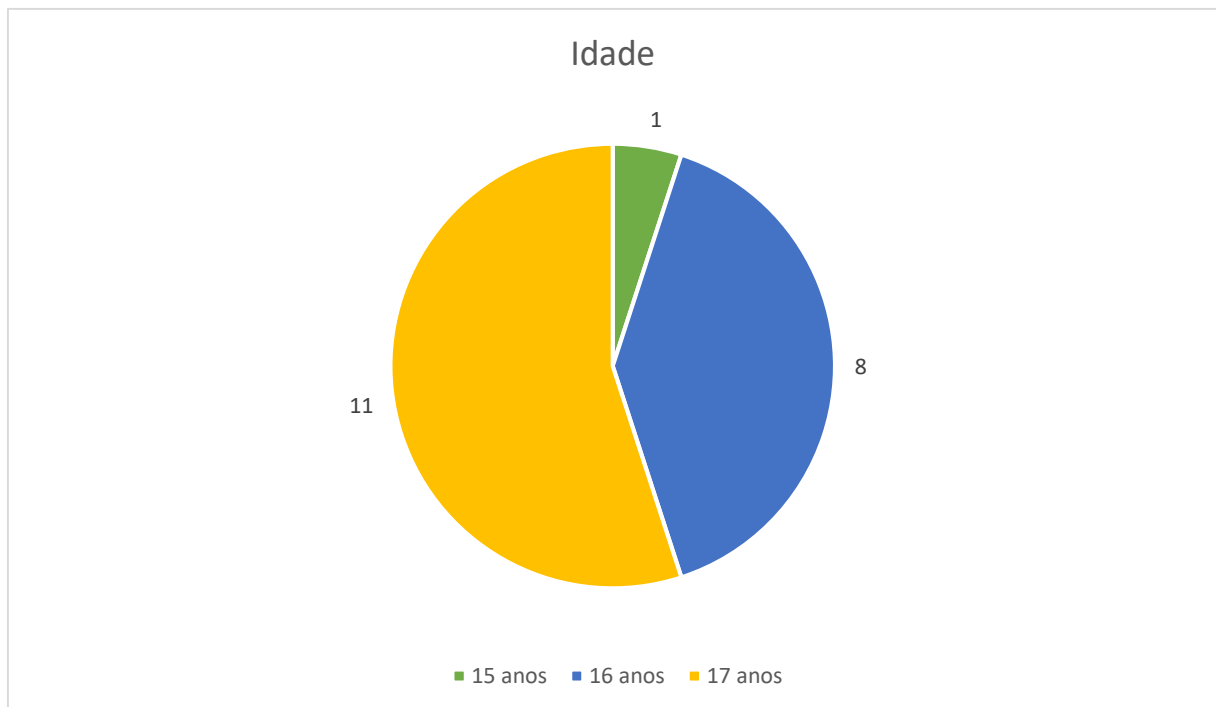
Foi importante ressaltar aos participantes que não teriam nenhum prejuízo durante a pesquisa, uma vez que será mantida toda a sua integridade físico-psicológica e garantida à privacidade das informações colhidas e utilizando-as somente sobre o caráter científico. Para participar da pesquisa, não foi necessária cobrança nem o recebimento de qualquer gratificação, tendo o participante a total liberdade de desistir no momento que desejasse.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos a partir do questionário aplicado foram interpretados através de gráficos mostrados no decorrer desse tópico. Os primeiros gráficos ilustram os dados de identificação de cada atleta, a partir das seguintes questões: idade, estado de nascimento, nível de escolaridade, clubes de origem, idade que saiu de casa e posição em campo.

Na **tabela 1** é demonstrada a idade dos 20 atletas entrevistados.

*Tabela 1 – Idade dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando a tabela acima, observamos que 11 atletas dos 20 entrevistados têm 17 anos, 8 atletas têm 16 anos e apenas 1 tem 15 anos. Dessa forma, podemos concluir que mais da metade dos entrevistados tem a idade limite para a categoria, que é 17 anos. Essa composição de elenco pode ser justificada pela influência do Efeito da Idade Relativa (EIR), mencionada por Barnsley, Thompson e Barnsley (1985) como uma vantagem que atletas nascidos no começo do ano apresentam em relação aos atletas nascidos no final do ano.

Alguns estudos buscam compreender a relação entre o período do ano de nascimento dos jogadores com algumas variáveis, como se observou no estudo de

Machado, Scaglia e Costa (2015), que objetivou verificar as associações entre o período do ano de nascimento e a eficiência do comportamento tático sobre o desempenho técnico em jogadores de futebol da categoria sub-17. A amostra do estudo foi composta por 100 jogadores que realizaram 6308 ações táticas. Como resultado, verificaram-se associações positivas entre a eficiência do comportamento tático e o desempenho tático para os princípios Espaço, Penetração e Contenção. Encontraram também associações positivas entre o período do ano de nascimento e o desempenho tático para os jogadores nascidos no 2º e 3º quartil. Portanto, com base nessa amostra, o estudo concluiu que a eficiência do comportamento tático e a data de nascimento influenciaram o desempenho tático.

No estudo de Prado e colaboradores (2022), o objetivo foi verificar o efeito da idade relativa na Copa do Mundo FIFA Sub-17, categoria masculina. Realizou-se um estudo com os atletas das 24 seleções do torneio ocorrido em outubro de 2019, e esses atletas foram separados por datas de nascimento, e divididos em trimestres (quartis). Realizando a comparação entre os quartis de nascimento nas diferentes posições, observou-se diferença entre o Q1xQ3 nos goleiros, entre Q1xQ4, Q2xQ4, Q3xQ4 entre os defensores e meio-campistas, e entre Q1xQ3 e Q1xQ4 entre os atacantes. A partir dos resultados obtidos, o estudo concluiu que ocorreu o efeito da idade relativa para os atletas que disputaram a Copa do Mundo FIFA de futebol masculino sub-17.

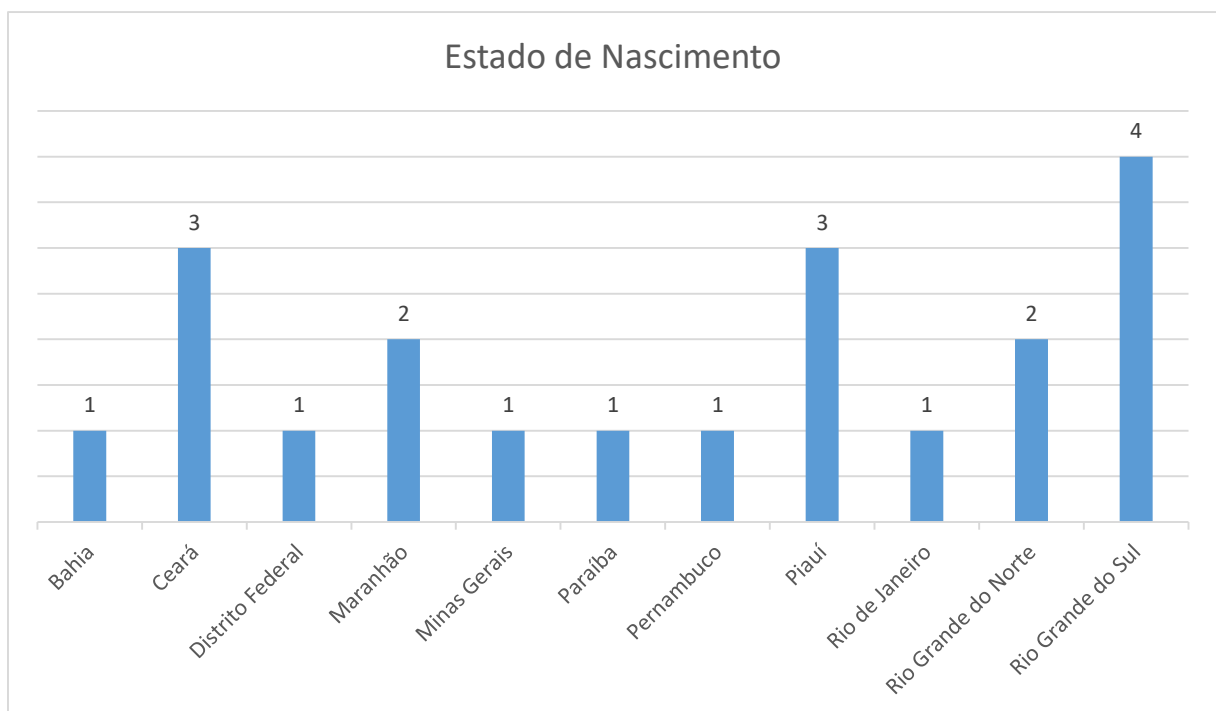
Julião et al. (2018) buscaram investigar a presença do efeito da idade relativa nas seleções de base que participaram dos mundiais sub-17 e sub-20 no ano de 2017. A amostra foi composta por 462 atletas, sendo 231 da categoria sub-17 e 231 da categoria sub-20, que foram divididos em quartis conforme o mês de nascimento. Os resultados obtidos mostraram superioridade de atletas nascidos nos Q1 e Q2, nas duas categorias, mas com uma pequena migração no número de atletas para Q3 e Q4 na categoria sub-20. Em conclusão, o efeito da idade relativa esteve presente nos dois mundiais de base, sub-17 e sub-20 de 2017, e não há um critério de seleção que considere por base a data de nascimento, mas sim uma tendência em escolher atletas mais maturados nas categorias de base.

Tanto no futebol como em outros esportes, existem os atletas que se destacam e alguns estudos apontam que o efeito da idade relativa é um fator para o sucesso desses jogadores. Tal efeito contribui para que os jogadores nascidos nos primeiros meses do ano desenvolvam vantagens em relação aos demais (Prado et al., 2022).

Esse fator pode justificar uma maior presença de atletas com 17 anos na categoria sub-17 do clube cearense pesquisado no estudo, que preza também pela mescla com atletas nascidos em 2006 (16 anos até 31/12/2022), que ainda terão mais um ano integrando a equipe sub-17 e podem se beneficiar dessa experiência em relação aos demais atletas, como por exemplo, os que atualmente compõem a categoria sub-15.

Além da idade, outro tópico pesquisado dentre os dados de identificação dos atletas diz respeito *ao estado de nascimento destes*. Os resultados obtidos no estudo de Costa, Cardoso e Garganta (2013) sugerem que a data de nascimento e o índice de desenvolvimento humano (IDH) são fatores que associados podem determinar a ascensão de jogadores ao alto rendimento. Nesse sentido, a **tabela 2** mostra o estado de nascimento dos 20 atletas da equipe sub-17 entrevistada.

*Tabela 2 – Estado de Nascimento dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando a tabela 2, é possível observar a diversidade de atletas oriundos de outros estados além do próprio Ceará. São 11 estados diferentes, sendo que a maior parte desses atletas oriundos de outros estados são do Rio Grande do Sul, com 4 atletas. Ceará e Piauí aparecem com 3 atletas cada, seguidos de Maranhão e Rio Grande do Norte com 2, e os demais estados com 1 atleta nascido em cada um deles: Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Separando por região, dos 20 atletas entrevistados, 13 deles são da região nordeste, 4 da região sul, 2 da região sudeste e 1 da região centro-oeste. Essa maior concentração de atletas oriundos da região nordeste pode favorecer o processo de adaptação dos mesmos, pois segundo Brandão et al. (2013), “os valores, as normas, as crenças e os padrões comportamentais, além dos fatores políticos, econômicos e históricos podem ser significativamente diferentes entre os países”, o que é válido também para o contexto nacional, tendo em vista a diversidade cultural existente no Brasil. Diante disso, os autores argumentam que, quanto maior for a distância em termos de crenças, valores e costumes entre o local de origem e o de transferência, “mais difícil será a adaptação, o ajustamento e o estabelecimento de relações sociais adequadas”.

Essa necessidade de adaptação pelos atletas surge da experiência que estes passam ao sair de casa para viver nos alojamentos de clubes de outras cidades ou estados, tema que foi abordado no estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014), onde é mencionada a importância de tomar conta de si próprio quando se está longe do seu lugar de origem, com todos os objetos, pessoas e experiências típicas da sua moradia. Segundo os autores, essa nova configuração modifica a organização cotidiana da vida do atleta, que deixa de contar com auxílios e costumes estabelecidos, passando a assumir novas funções e tarefas do cotidiano.

O enfrentamento dessa situação, para alguns, é de muito sofrimento e angústia, tanto que os casos de abandono dos clubes por atletas morando longe de casa não são raros. Para os que ficam, essa dificuldade apenas se justifica pela intensidade com que vivem o Projeto de profissionalização e só pode ser compreendida como suportável considerando-se o Processo de ambientação, que implica as mudanças pessoais referentes ao modo de enfrentar o sofrimento (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014, p. 448).

O processo de ambientação, mencionado no trecho acima, é citado pelos próprios autores como o processo vivido pelos atletas no momento em que chegam ao alojamento e precisam se ambientar com o novo, que inclui o espaço físico, como acomodações, alimentação, colegas de quarto e time, profissionais do clube, “confrontando ilusões, perspectivas, ideias, fantasias, julgamentos, diante de uma realidade que, invariavelmente, apresenta o inesperado e algum estranhamento”. Entretanto, o enfrentamento dessas dificuldades pelos atletas é justificado pelo projeto de profissionalização, ou seja, é a meta essencial à experiência de morar em



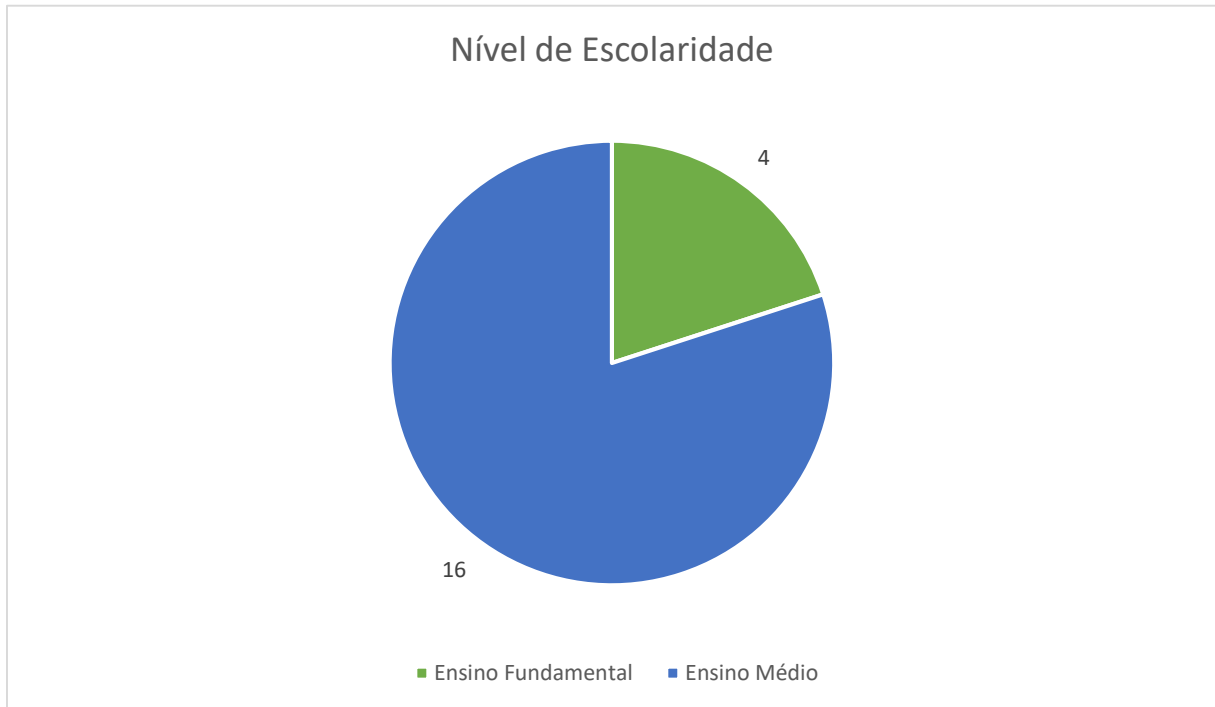
alojamento, em busca da realização do sonho de ser um atleta profissional de futebol (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014).

Seguindo no tópico de adaptações enfrentadas pelos atletas oriundos de outras regiões, é possível mencionar o estilo de jogo, que mesmo em um contexto nacional encontra-se variações. O estudo de Paoli (2007) teve como objetivo analisar os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos, e cita a obra de DaMatta (1982), que caracteriza o estilo brasileiro de jogar futebol através de dois personagens: o malandro, que representa o jogador que utiliza de estratégias para manipular as regras em seu próprio proveito, com a habilidade de relativizar os extremos; e o Caxias, que representa a estrutura, o jogador que não transgride as regras. O autor relata que os próprios profissionais do futebol admitem que existem diferenças entre os diversos estilos de jogar futebol no Brasil, que disputam a hegemonia do “jogar à brasileira”: a “escola paulista”, a “carioca”, a “gaúcha” e outras mais (PAOLI, 2007).

O estudo de Rigo, Silva e Rial (2018) buscou compreender o processo de formação dos jogadores em cinco clubes da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, no que se refere à circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. Os autores identificaram que, dos 124 jogadores cadastrados na pesquisa, 63 eram naturais de Pelotas e 61 de outras cidades, sendo alguns de fora do estado. Sobre a circulação (o rodar), raros foram os jogadores que permaneceram mais de três anos no mesmo clube, e em média, eles já haviam passado por três clubes. Os dados referentes ao processo de escolarização dos futebolistas indicam que um grande número apresentava uma significativa defasagem escolar. Além disso, dos 84 futebolistas que retornaram o questionário, 22 haviam interrompido os seus estudos. Entre as principais dificuldades para conciliar a escolarização com o futebol, os entrevistados destacaram as viagens, os treinos, o cansaço e as constantes trocas de cidades.

Diante do que foi apresentado, percebe-se que o atleta oriundo de outra região passa por uma série de dificuldades de adaptação ao chegar em um novo clube, o que inclui sua escolarização. Desse modo, o presente estudo buscou investigar também como se encontram os atletas no que se refere ao nível de escolaridade. A **tabela 3** mostra o nível de escolaridade desses 20 atletas entrevistados no clube cearense.

Tabela 3 – Nível de Escolaridade dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Observa-se, a partir dos dados apresentados na tabela 3 que, dos 20 atletas entrevistados, 4 deles estão no ensino fundamental e 16 estão no ensino médio. Dos 4 atletas no ensino fundamental, 1 deles tem 16 anos e os outros 3 têm 17 anos. Já os atletas de 17 anos no ensino médio, também é possível encontrar casos de repetência. Esse quadro indica que, dentre essa amostra de 20 atletas, boa parte deles apresenta, além da repetência, um atraso ou defasagem escolar (dois ou mais anos de atraso em relação à série correta para a idade).

Embora seja possível encontrar esses casos de repetência, atraso e defasagem escolar, todos os atletas entrevistados no clube cearense estão regularmente matriculados na escola, diferente do que foi encontrado no estudo de Almeida e Souza (2013), que teve por objetivo analisar o abandono dos estudos em atletas de futebol de Categorias de Base de Belém, no Pará. Os autores aplicaram um questionário de 29 questões para 153 jogadores de futebol do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos. Os resultados obtidos mostraram que a maioria significativa dos atletas está matriculada na escola (86,9%), porém o percentual de repetência escolar (54,2%), atraso escolar (71,2%) e defasagem escolar (45,7%) se mostram bastante elevados. Esses resultados indicaram que a maioria dos atletas não abandonaram a escola, porém apresentam déficits escolares consideráveis, além de

dificuldades em conciliar a rotina do futebol com os estudos. Foi possível observar também que, quanto maior é a idade do atleta e mais perto ele se aproxima do futebol profissional, maiores são as dificuldades nos estudos.

Relação semelhante, no que se refere a conciliar a escola e o futebol, é encontrada no estudo de Oliveira, Balzano e Moraes (2017), que teve por objetivo verificar o perfil de 31 atletas em transição da fase amadora para a profissional (sub-17), de duas equipes de futebol da cidade de Fortaleza, no Ceará. Os resultados obtidos no estudo indicam que os atletas apresentam defasagem escolar, e embora eles saibam da importância dos estudos para um futuro profissional, não acham necessário para jogar futebol. A conciliação entre estudos e treinos é um ponto no qual os atletas apresentam dificuldades, e a família é que dá o maior auxílio, tendo em vista que não possuem apoio dos clubes e das escolas. Diante disso, os autores concluem que os clubes, escolas e famílias devem encontrar estratégias para conciliar os estudos e os treinamentos dos atletas.

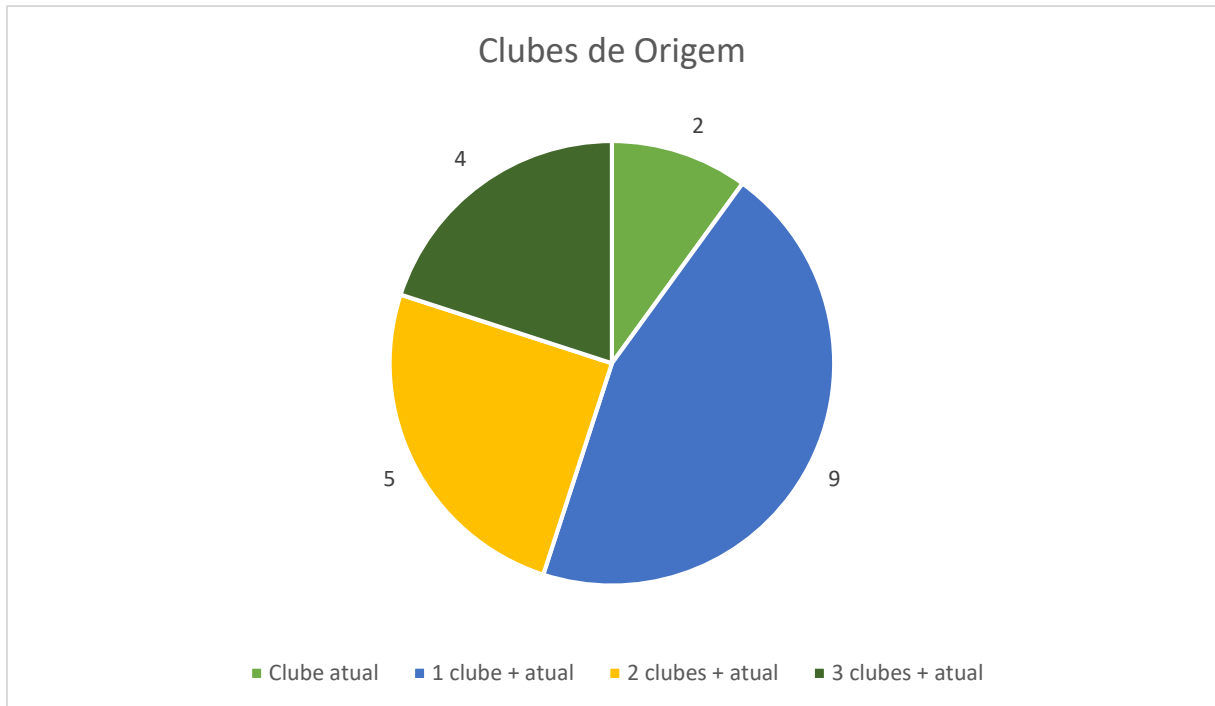
O estudo de Hillesheim (2018), por sua vez, buscou desmistificar a história de que jogador de futebol não estuda, por meio da aplicação de questionário com 43 atletas do União S.A., sendo 27 atletas da categoria sub-15 e 16 atletas da categoria sub-17, com o objetivo de verificar quais as dificuldades encontradas pelos atletas em conciliar os treinos de futebol e os estudos, verificar qual o interesse deles com a educação e analisar o índice de repetência escolar. Os resultados obtidos foram analisados e comparados com pesquisa semelhante realizada por Klein (2014), e o autor concluiu que não foi possível identificar as causas de uma dificuldade escolar enfrentada pelos atletas, mas percebeu um aumento considerável de atletas que buscam estudar até a pós-graduação, em comparação a 2014. Por outro lado, Hillesheim (2018) observou que o índice de atletas que já reprovaram pelo menos uma vez na escola, aumentou 23,24% em comparação a 2014.

Em conclusão, percebe-se a partir desses resultados que muitos dos atletas gostam de estudar, sabem da importância de estudar, porém enfrentam algumas dificuldades para conciliar o futebol com os estudos, sobretudo quando estes já se encontram em estágios avançados e almejam a profissionalização no futebol. Rigo, Silva e Rial (2018) argumentam que o grande tempo dedicado ao futebol, somado aos desgastes oriundos dos treinos físicos, do envolvimento psicológico, emocional, entre outros, faz com que o futebol interfira no processo de escolarização dos jogadores. Uma das dificuldades mencionadas por Rigo, Silva e Rial (2018) no que se refere ao

rendimento escolar é a mudança constante de clubes, visto que o processo de circulação acarreta no distanciamento dos familiares. Por isso, se faz importante investigar a carreira desses 20 atletas entrevistados no clube cearense, buscando quantificar os clubes que esses atletas já circularam, além do clube atual.

A **tabela 4** apresenta os clubes de origem desses 20 atletas.

*Tabela 4 – Clubes de Origem dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando a tabela, é possível constatar que 2 atletas possuem o clube cearense como sendo o único em sua carreira, 9 atletas possuem um clube de origem além do clube cearense, 5 atletas passaram por dois clubes além do clube cearense e outros 4 atletas já passaram por três clubes além do atual. É importante mencionar que os dados apresentados têm como base as respostas dos 20 atletas no questionário, portanto, não se tem certeza da quantidade de clubes que cada um deles passaram.

O que se apresenta nesse caso é a vivência desses jovens, em maior ou menor tempo, nos alojamentos dos clubes em que já passaram. O estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014) traz consigo um recorte das experiências relatadas por 19 atletas de base da categoria sub-17 que moram em alojamentos dos clubes da primeira divisão dos campeonatos paulista e mineiro. Uma das categorias descritas pelo estudo diz

respeito a uma experiência comum entre os atletas: a dualidade brincadeira x seriedade.

Os autores argumentam que o futebol está inserido amplamente na sociedade brasileira, sendo praticado pelos jovens desde a infância, e o que ocorre desde a entrada no primeiro clube, conforme relato dos atletas, é uma espécie de continuação da brincadeira, que com o passar do tempo começa a se transformar. Em função dos compromissos e regras do clube, inicia-se um processo de predominância da seriedade, embora a brincadeira siga fazendo parte do jogar. Cada atleta passa por um processo de “aprender a hora de brincar e a hora de trabalhar sério” (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014). Essa situação faz com que os atletas vivenciem uma exigência de mudança de posturas pessoais para atender às demandas do clube, sendo assim, o acúmulo de experiências em um ou mais clubes resulta numa aceitação e adoção de responsabilidades para jogar profissionalmente, deixando de lado a prática por ludicidade.

Entretanto, esse acúmulo de experiências por diversos clubes não necessariamente representa algo positivo para a carreira do atleta de base, como argumentam dois entrevistados no estudo de Rigo, Silva e Rial (2018) que, se por um lado a circulação de atletas por diversos clubes pode ajudar no amadurecimento deles, por outro lado, ela pode trazer uma série de dificuldades.

Tomamos como exemplo o caso de Ezequiel (19 anos, natural de Curitiba/Paraná). Agenciado por um empresário desde os 13 anos, Ezequiel começou sua formação no São Paulo Futebol Clube/SP e em 2014 já havia passado por outros dez clubes, inclusive por alguns clubes renomados, como Olympique de Marselha (França), Deportivo La Coruña (Espanha), Boavista (Portugal), Grêmio FootBall Porto Alegrense, de Porto Alegre/RS, Curitiba FootBall Club/PR. Na maioria desses clubes, Ezequiel não permaneceu por mais de seis meses. Ao ser solicitado para falar sobre os efeitos disso em sua carreira ele respondeu que “[...] depende do ponto de vista”. E acrescentou que, no seu caso, se tivesse circulado menos “[...] seria melhor (RIGO; SILVA; RIAL, 2018, p. 267).

Rigo, Silva e Rial (2018) trazem que a circulação nas categorias de base é algo característico do futebol brasileiro, e se intensificou com grandes clubes das capitais e até do exterior adquirindo prioridade para com os futebolistas que são formados em outros clubes menores do interior, em troca de um suporte financeiro. Esse quadro pode facilitar o acesso de alguns jogadores a um clube maior, entretanto, contribui para intensificar o processo de circulação, onde o jogador vai para o clube da capital

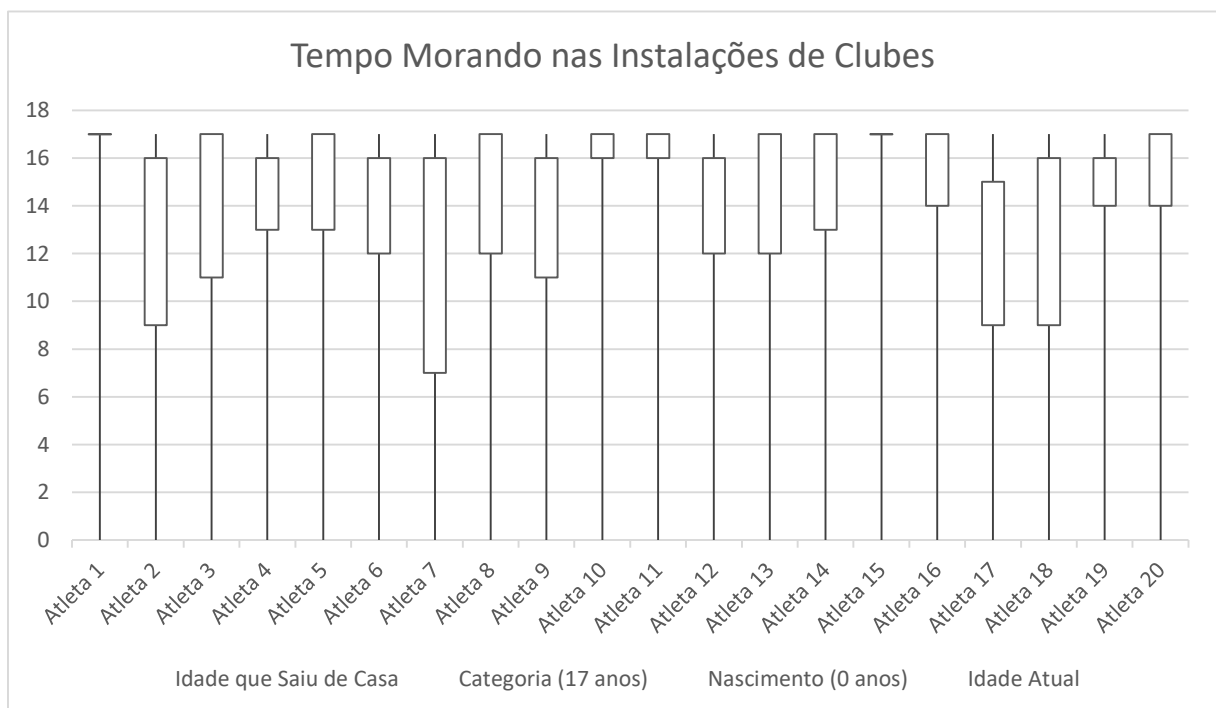
(clube matriz), passa um tempo e se não atende às expectativas retorna ao clube do interior.

Ainda com base no estudo de Rigo, Silva e Rial (2018), a maioria dos entrevistados concorda que a circulação é uma característica da profissão, ou seja, predomina entre os futebolistas brasileiros um entendimento de que rodar por diversos clubes é parte do ofício, e independente de onde atuam ou da fase profissional em que se encontram, essa ideia pouco muda.

Portanto, nota-se que grande parte dos atletas que chegam ao profissionalismo no futebol já estão cientes da necessidade de rodar por diversos clubes, tendo em vista que muitos deles já vivenciaram essa situação nas categorias de base. Tal situação pode ser desencadeadora para o sucesso como jogador profissional, e um fator que pode contribuir para uma melhor adaptação a essa situação é a idade na qual os atletas saíram de casa para morar em alojamentos dos clubes, sem o convívio de familiares no cotidiano.

A **tabela 5** traz um gráfico detalhado com a idade que cada um dos 20 atletas do clube cearense tinha quando saíram de casa, a sua idade no momento da entrevista e o tempo que estão morando em alojamentos de clubes.

*Tabela 5 – Tempo que os Atletas Sub-17 do Clube Cearense Estão Morando nas Instalações de Clubes*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando a tabela 5, temos uma linha do tempo referente a cada um dos 20 atletas do clube cearense, que vai de 0 a 17 anos e possui um formato retangular em sua extensão. O formato retangular indica o intervalo de tempo no qual o referido atleta habita as instalações pelos clubes no qual já passou, onde a barra inferior do retângulo indica a idade na qual esse atleta saiu de casa, e a barra superior indica sua idade atual. A indicação de idade se encontra na barra lateral ao lado esquerdo (eixo y do gráfico). A linha do tempo dos atletas 1 e 15 não possui o formato retangular em sua extensão, apenas uma barra superior, o que significa que ambos saíram de suas respectivas casas para morar em alojamentos com a idade atual, ou seja, não possuem nem um ano completo morando longe dos familiares.

Enquanto alguns atletas possuem menos de um ano morando em alojamentos, outros possuem: 6 anos, como o atleta 17; 7 anos, no caso do atleta 18; e até 9 anos, como é o caso do atleta 7. O estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014) descreve, com base em relatos de jogadores, que uma das experiências vividas por eles é a dificuldade de sair de casa, “independentemente das várias diferenças entre os jogadores, por exemplo, a idade em que saem de casa, indo dos doze aos dezesseis anos, a configuração familiar e o círculo de amizade, status social e financeiro”. Trata-se de uma dificuldade apresentada para todos, uns com sofrimento maior em relação à saudade, outros com a diversidade de cultura e de costumes encontrados no alojamento. Esse sofrimento de estar fora de casa exige uma compensação, e é no futuro, “na compensação por meio do que ainda virá, que os jovens jogadores depositam suas esperanças para enfrentá-la”.

Com esse distanciamento do cotidiano familiar e doméstico, Rigo, Silva e Rial (2018) argumentam que os clubes passam a ser as principais referências desses atletas, e deveriam assumir uma responsabilidade e um cuidado ainda maior perante a vida e a escolarização desses futebolistas, algo que nem sempre ocorre, tendo em vista que muitos jogadores apresentam defasagem escolar ou até mesmo estão com os estudos interrompidos, apesar do esforço feito de parte de alguns clubes.

O processo de ambientação é mais uma das experiências vividas pelos atletas que, segundo os próprios, exige uma postura de aprendizagem para enfrentar o inesperado, além da necessidade de se tornarem maduros muito rapidamente, para que consigam se manter nesse contexto. Alguns aspectos são vividos de modo bastante diferente entre os atletas, sendo vistos como favoráveis ou desfavoráveis, como: falta de privacidade, diferença estrutural dos alojamentos de clubes em que já

havia jogado, a convivência com regras rígidas e a alimentação diferente à que estava acostumado em casa, o compartilhamento de banheiro coletivo e divisão de quartos em dupla, trio ou até com quatro atletas, uma possível dificuldade em lidar com pessoas com hábitos distintos, o enfrentamento das gozações e chacotas constantes entre os atletas, a receptividade dos outros atletas, a possível formação de amizades e companheirismo, o relacionamento com a comissão técnica, entre outros (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014).

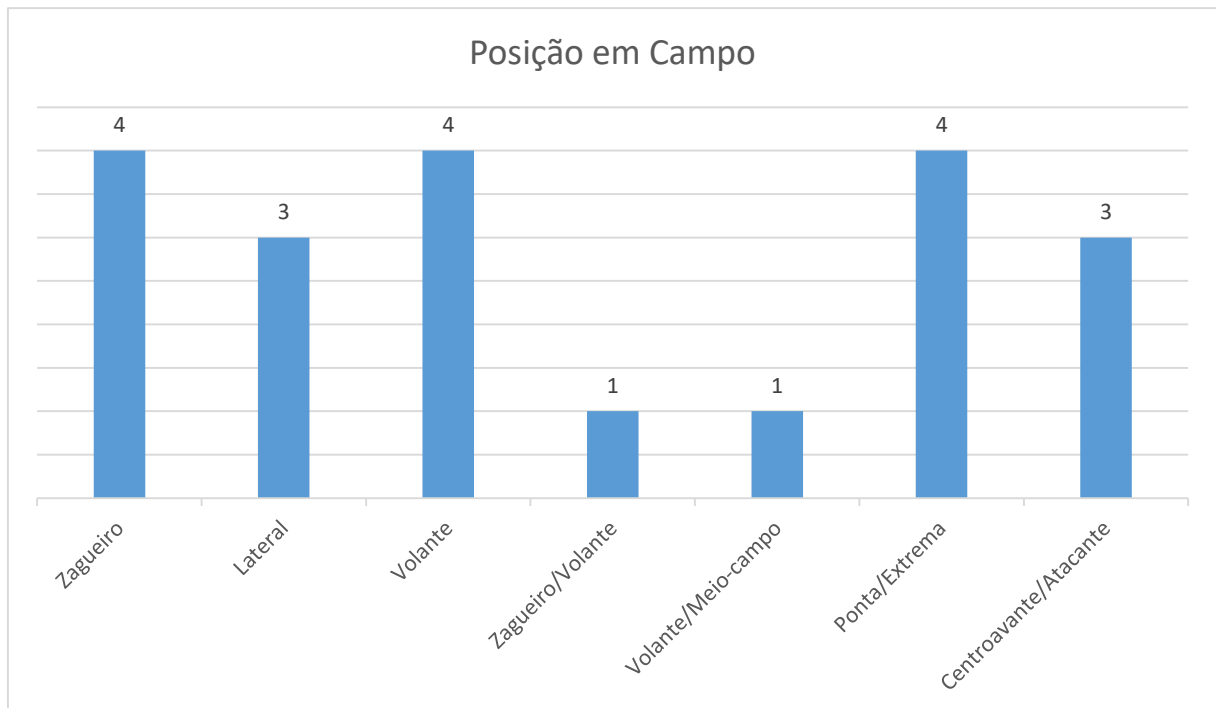
Alguns dos fatores mencionados podem ser encarados com satisfação ou com nenhum tipo de satisfação em passar por tudo isso, sendo uma situação que varia entre as condições reais apresentadas e entre os atletas. A motivação e o esforço dos atletas em vivenciar tudo isso é categorizado por Salomão, Ottoni e Barreira (2014) como “correr atrás”, tratando-se de uma resposta pessoal com atitude, postura e empenho à exigência de seriedade, à dificuldade de sair de casa, ao processo de ambientação, em prol da possível realização do projeto de profissionalização, abarcando expectativas, audácias, persistências, intenções e planos.

Com relação ao processo de captação e formação dos atletas, Rigo, Silva e Rial (2018) mencionam os longos confinamentos, marcados por treinamentos intensos, pouca remuneração, muita disciplina, demanda física e emocional, angústias, circulação por diversos clubes, possibilidade de exclusão e de dispensa, etc. A participação em competições foi outro componente mencionado como fundamental na formação do jogador. São nas competições que os treinadores descobrem o melhor posicionamento de cada atleta e conseguem extrair seu melhor rendimento. O último, dos dados de identificação coletados no questionário diz respeito à posição em campo dos atletas.

A **tabela 6** mostra a posição que os 20 atletas do clube cearense atuam em campo.



Tabela 6 – Posição em Campo dos Atletas Sub-17 do Clube Cearense



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Analisando os dados contidos na tabela 6, temos que, de 20 atletas entrevistados, 4 deles são zagueiros, 3 são laterais, 4 são volantes, 1 deles faz funções de zagueiro e volante, outro pode atuar como volante e meio-campo, 4 deles são pontas ou extremas e 3 deles se denominam centroavantes ou atacantes.

Nesse tocante, o estudo de Guimarães e Paoli (2013) buscou identificar características técnicas específicas dos jogadores por posição e verificar em que medida essas especificidades influenciam no processo de detecção e seleção de atletas no futebol. Foram entrevistados nove treinadores das categorias de base dos três principais clubes da cidade de Belo Horizonte/MG, um deles atuando na categoria Sub-14, três na categoria Sub-15, três na Sub-17 e dois na Sub-20. Os resultados obtidos mostram um consenso entre os entrevistados, da existência de características técnicas específicas por posição. Segundo os entrevistados, os fundamentos primordiais encontrados para cada posição foram:

Cabeceio, passe longo e marcação no um contra um para os zagueiros; cruzamento, passe, cabeceio defensivo, marcação e condução de bola para os laterais; passe (curto, médio e longo), recepção, condução, chute, saber usar as duas pernas e marcação para os meias; e para os atacantes, finalização (de todas as formas), domínio, condução e drible (GUIMARÃES; PAOLI, 2013, p. 42).

Os nove treinadores entrevistados no estudo de Guimarães e Paoli (2013), afirmaram que estas características específicas por posição são relevantes no momento de detectar e formar um jogador de futebol. Em conclusão, os autores observaram que, no processo de treinamento dos jovens talentos na categoria de base, a posição destes é uma questão fundamental a ser considerada, tendo em vista que cada uma das posições exige características diferenciadas e específicas. Ou seja, para atuar em determinada posição, um atleta precisa possuir características técnicas específicas.

Observamos em nosso estudo que dos 20 atletas pesquisados, 13 ocupam posições defensivas e 7 ofensivas. Neste sentido, podemos relacionar que o clube em questão, busca jogadores em outros lugares, para essa categoria (sub-17), com características defensivas. Neste aspecto, podemos conjecturar que essa busca por jogadores defensivos se dá pelas características do jogador cearense. Pois, segundo Oliveira (2015), o biotipo do jogador de futebol cearense nada mais é do que um reflexo dos seus antepassados, em que nos dias de hoje ainda refletem características como a altura, peso, cor da pele entre outras características. E de acordo com as definições que já foram observadas, o tipo físico que o cearense mais se assemelha é do endomorfo<sup>10</sup>. Segundo Oliveira (2015), outro fator que influenciou a construção do futebol cearense foi o povoamento do seu território, que foi resultado da miscigenação de vários povos que passaram antigamente pelo estado do Ceará, refletindo características como altura, peso, cor da pele, entre outras características. O fenômeno natural da seca, também possui forte influência na população cearense e no biótipo de seus jogadores, hoje o jogador cearense apresenta no geral uma baixa estatura, característica herdada geneticamente e adquirida no ambiente em que foi configurado. O estudo de Oliveira (2015) mostrou que o jogador cearense é considerado habilidoso, técnico e criativo desde de décadas anteriores, características segundo Guimarães e Paoli (2013) dos atacantes.

Os gráficos do tópico anterior ilustraram os dados de identificação de cada atleta, e no decorrer desse tópico serão apresentadas as respostas obtidas a partir do questionário aplicado com os 20 atletas da categoria sub-17 do clube cearense visitado para o estudo. Trata-se de um questionário composto por 13 questões, que de forma minuciosa, serão explanadas e sustentadas por meio de trechos de artigos

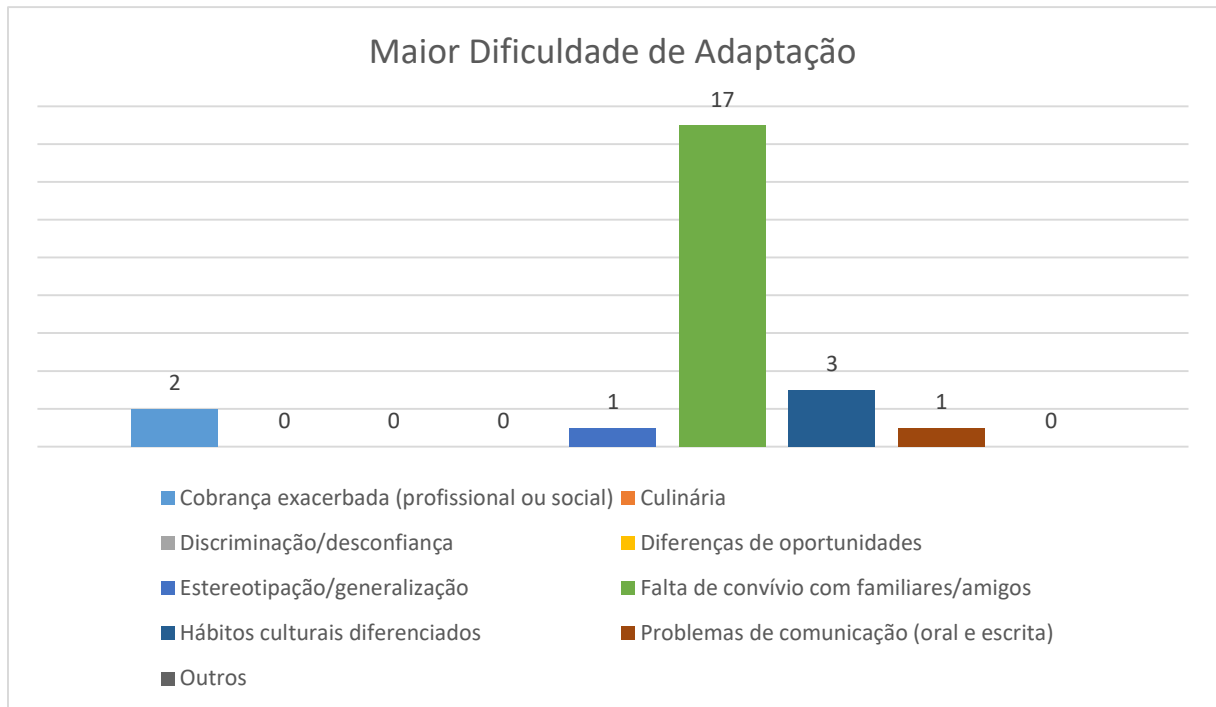
---

<sup>10</sup> Um endomorfo é observado pelas formas arredondadas do corpo, onde muitas vezes a região da cintura-quadril lembra o formato de uma pêra e há reservas excessivas de gordura. (FOX e MATTHEWS, 2010).

que abordam essas temáticas, no intuito de questionar a hipótese levantada no presente estudo.

A **tabela 7** traz as respostas obtidas na primeira questão do questionário, que foi a seguinte: “Qual o fator que apresenta maior dificuldade de adaptação em um outro estado”:

Tabela 7 – Questão 1: Qual o fator que apresenta maior dificuldade de adaptação em um outro estado



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os itens foram sequenciados em ordem alfabética, com alternativas do A ao I, das quais os atletas poderiam assinalar mais de uma, caso necessário. Desse modo, o item mais frequente foi o *F*: *Falta de convívio com familiares/amigos*, assinalado por 17 dos 20 atletas participantes do estudo.

Segundo Marques e Samulski (2009), o fato dos atletas jogarem em outras localidades, é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social, a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira profissional.

Os dados de nossa pesquisa correspondem a pesquisa de Oliveira; Balzano; Morais (2017), que avaliou se os atletas (de equipes cearense sub-17) sentiam falta de fazer outras atividades fora do ambiente do futebol, 38,7% afirmaram que sentiam

falta, e as atividades mais mencionadas foram ficar perto da família, namorar e ir ao shopping. Esses resultados também corroboram com o estudo de Marques e Samulski (2009), onde os atletas investigados pelos autores também alegaram sentir falta de fazer atividades como: estar com a família, namorar, e sair com os amigos

A mudança de clubes/regiões pelos jovens atletas, é abordada em Brandão et al. (2013) e Faggiani et al. (2016), Os artigos trazem que, com a globalização do futebol, o número de transferências de atletas, seja para outras regiões ou até mesmo fora do país, aumenta a cada ano. Esse fluxo migratório representa um importante aporte financeiro aos clubes de futebol, sobretudo no Brasil, que aparece como um dos principais protagonistas no mercado de transferências internacionais. Além disso, a transição desses atletas por diferentes clubes, estados e países é necessária para constituir e consolidar a carreira de jogador de futebol, e simboliza, para a grande maioria, a realização de um sonho, além de uma oportunidade de ascensão social graças ao talento demonstrado no esporte.

Faggiani et al. (2016) relatam que, nessa transição, os atletas enfrentam fatores de risco como o isolamento, o incentivo à competitividade, a saudade dos familiares, o assédio da mídia e dos fãs e a perda de privacidade. Contudo, destaca-se a distância física da família como uma situação de conflito para os participantes dos estudos analisados na revisão de Faggiani et al. (2016), onde a transição para um novo local de trabalho provoca inúmeras mudanças e dificuldades ao atleta, como uma intensa saudade da família, o medo de residir com estranhos, o aumento no uso do telefone celular, redes sociais e internet para o contato com familiares, além da dificuldade em enfrentar a morte de pessoas íntimas.

Como mencionado em tópicos anteriores do presente estudo, essa necessidade de adaptação pelos atletas surge da experiência que estes passam ao sair de casa para viver nos alojamentos de clubes de outras cidades ou estados, tema que foi abordado no estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014), onde é mencionada a importância de tomar conta de si próprio quando se está longe do seu lugar de origem, das pessoas e experiências típicas da sua moradia. Segundo os autores, essa nova configuração modifica a organização cotidiana da vida do atleta, que deixa de contar com auxílios e costumes estabelecidos, passando a assumir novas funções e tarefas do cotidiano.

Na revisão de literatura elaborada por Pereira, Pimentel e Kato (2005), os autores buscaram destacar a importância de uma estratégia internacional por parte

das empresas em casos de expatriação, ou seja, a transferência do trabalhador para o exterior, e identificar qual o papel da família como fator de equilíbrio no processo de adaptação desse expatriado ao novo ambiente. Os resultados indicam que, dentre os desafios críticos encontrados pelas empresas ao recrutar expatriados, destaca-se o ajustamento da família (65%).

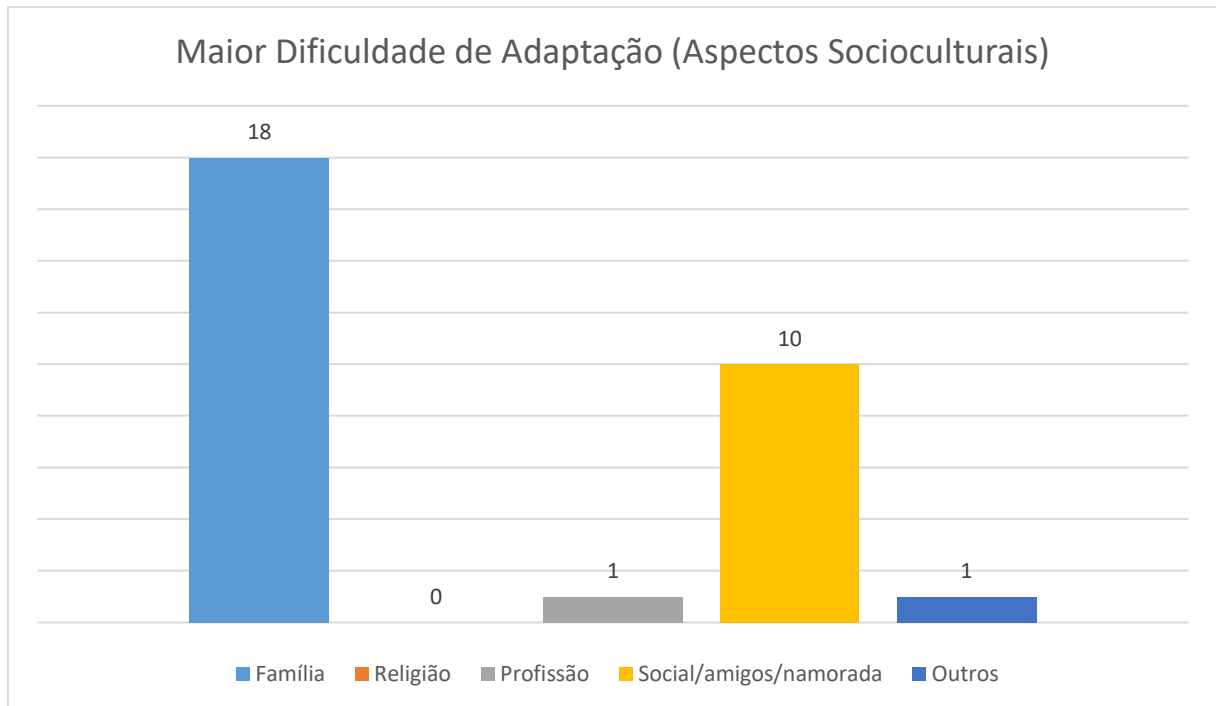
Diante disso, questiona-se por que as empresas não utilizam a expatriação sem os familiares, visando a redução do risco de insucesso. Parte da resposta está no intuito das empresas de proporcionar que o expatriado faça contato com a nova cultura não apenas como observador ou estudioso, mas sim como agente ativo, atuando em contato com os diversos elementos desse novo ambiente. Para isso, há a necessidade de se construir um espaço de convivência desse indivíduo com a nova cultura, que possa ser fortalecido pela presença constante e marcante dos elementos culturais de origem. Uma fonte fundamental dessa força é, sem dúvida, a família (PEREIRA; PIMENTEL; KATO, 2005).

Pereira, Pimentel e Kato (2005) defendem que a presença da família com esse trabalhador é fundamental, não apenas no processo de adaptação, mas também para o sucesso profissional. Acrescenta que há um maior impacto do choque cultural para a família do que para o trabalhador, e embora a transferência desse trabalhador seja benéfica para a empresa num primeiro momento, a má administração pode acarretar em um problema para ambos.

Em conclusão, nota-se que, para a maior parte dos atletas que residem no alojamento do clube cearense, a falta de convívio com os familiares e amigos é o fator que mais desfavorece uma rápida adaptação à cidade e ao clube. Entretanto, para a consolidação da carreira desses atletas, é fundamental que estejam dispostos a passar por essa transição constante de clubes, estados e, porventura, países, mesmo que para isso seja necessário abrir mão do convívio diário das pessoas que compõem o ciclo comum no cotidiano destes, tendo em vista que os clubes de futebol no Brasil não fornecem subsídios para a manutenção da família junto ao atleta. Respostas semelhantes a essas foram coletadas na questão 2 do questionário aplicado.

A **tabela 8** traz as respostas obtidas na segunda questão do questionário, que foi a seguinte: “*Quais os aspectos socioculturais que você observa que apresenta maior dificuldade de adaptação?*”:

Tabela 8 – Questão 2: Quais os aspectos socioculturais que você observa que apresenta maior dificuldade de adaptação?



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os itens elencados na questão foram: *família*, *religião*, *profissão*, *social/amigos/namorada* e *outros*, onde os atletas poderiam assinalar mais de uma, caso necessário. Desse modo, o item mais frequente foi o *Família*, assinalado por 18 dos 20 atletas, seguido de *Social/amigos/namorada*, marcado por 10 atletas participantes do estudo. Um dos atletas participantes do estudo assinalou o item *profissão*, e um assinalou o item *outros*, especificando o *clima* como aspecto sociocultural de maior dificuldade para a adaptação.

Utilizando das respostas mais frequentes, obteve-se resultados semelhantes aos encontrados na primeira questão, e o estudo de Brandão e colaboradores (2013), expõe que aspectos sociais e culturais podem influenciar no jogo de futebol e na formação dos atletas de categorias de base, visto que os atletas brasileiros, muitas vezes, não são preparados para recomeçar a carreira em um lugar desconhecido, sentem falta de casa, e a habilidade para se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol, que precisa se acostumar com outra cultura, outro clima, outra língua e, muitas vezes, com a distância da família, necessitando de se estabelecer rapidamente no novo clube e começar a jogar por uma equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos. Ademais,

perspectivas irreais sobre a nova equipe associadas com uma carência de informações sobre a cidade, estado ou país, podem configurar um problema no processo de adaptação (BRANDÃO et al., 2013).

O estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014), descreve, com base em relatos de jogadores, que uma das experiências vividas por eles é a dificuldade de sair de casa, “independentemente das várias diferenças entre os jogadores, por exemplo, a idade em que saem de casa, indo dos doze aos dezesseis anos, a configuração familiar e o círculo de amizade, status social e financeiro”. Trata-se de uma dificuldade apresentada para todos, uns com sofrimento maior em relação à saudade, outros com a diversidade de cultura e de costumes encontrados no alojamento. Esse sofrimento de estar fora de casa exige uma compensação, e é no futuro, “na compensação por meio do que ainda virá, que os jovens jogadores depositam suas esperanças para enfrentá-la”.

Faggiani et al. (2016) defendem que a transição para uma nova cultura é um processo que exige acompanhamento e orientação, e com base nos estudos interessados em compreender como os atletas encaram esse processo de transição e adaptação para uma nova cultura, os achados indicam que há dificuldades de adaptação relacionadas à língua, diferenças culturais e a distância da família, como pode ser observado pelas respostas dos atletas à segunda questão. Desse modo, os autores concluem que, ainda que os atletas estejam motivados à projeção na carreira esportiva, os desafios e dificuldades decorrentes dessa trajetória podem levá-los a passar por situações de isolamento e dificuldades de estabelecer relações interpessoais.

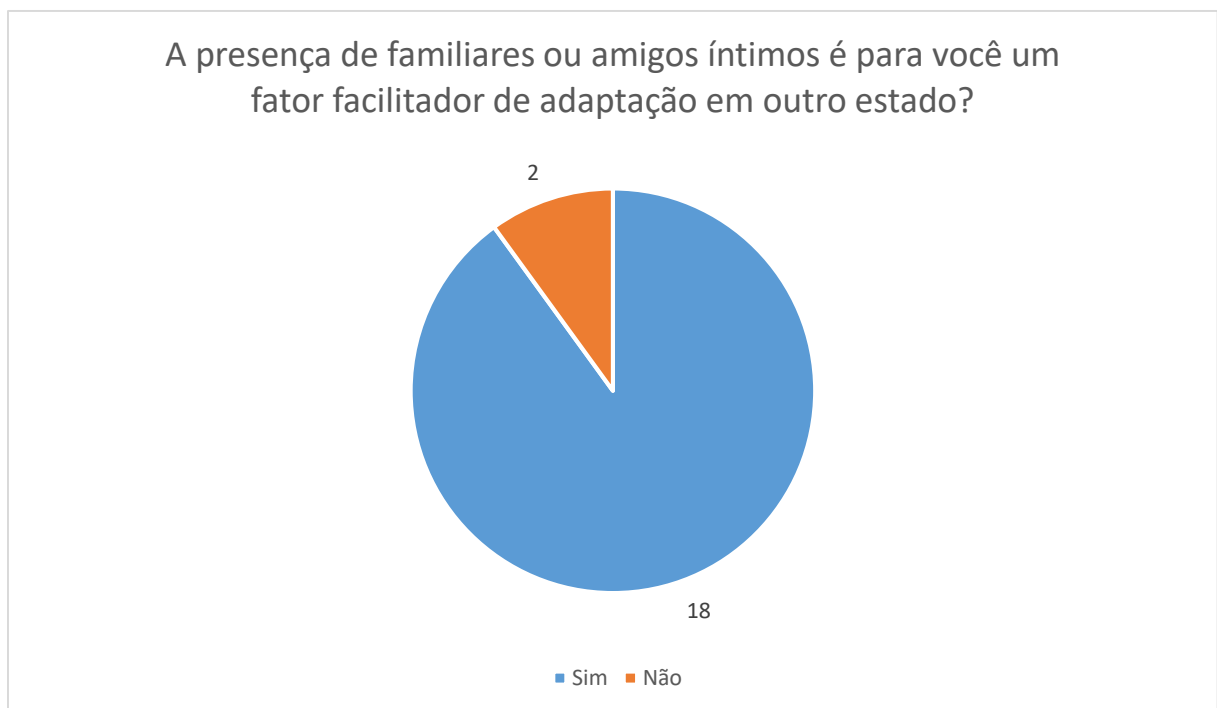
A falta da família, pode ser relacionada com o estudo de Oliveira; Balzano; Morais (2017), o trabalho aponta que os atletas das categorias de base dos clubes investigados de Fortaleza, também colocam a família como prioridade em sua carreira de jogador, onde os familiares são colocados como os maiores conselheiros, e também como as pessoas que dão mais suporte aos jogadores durante suas carreiras nos aspectos de apoio emocional e financeiro para continuar treinando, dessa forma percebe-se que os jogadores esperam um dia retribuir todos os esforços que seus pais fizeram para que eles conseguissem se profissionalizar.

Portanto, conclui-se que, dentre as dificuldades existentes no processo de adaptação dos atletas, no referente a aspectos socioculturais presentes em uma nova cidade ou estado, encontra-se dificuldades no campo da profissão em si, como

também do clima da região, entretanto, a ausência física da família, amigos e namorada é fator de destaque, assim como sugere as respostas obtidas na primeira questão. Diante dos achados, a questão 3 do questionário aplicado aborda a presença de familiares e amigos íntimos, buscando investigar a importância deles na adaptação dos atletas a um novo local.

A **tabela 9** traz as respostas obtidas na terceira questão do questionário, que foi a seguinte: “A presença de familiares ou amigos íntimos é para você um fator facilitador de adaptação em outro estado?”:

*Tabela 9 – Questão 3: A presença de familiares ou amigos íntimos é para você um fator facilitador de adaptação em outro estado?*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A questão elaborada é composta por itens de sim ou não, e os atletas devem assinalar apenas uma das opções. Com base nos resultados é possível concluir que, para 18 dos 20 atletas questionados, a presença de familiares e amigos íntimos facilitaria seu processo de adaptação ao estado do Ceará.

Conforme Souza et al. (2008), a família, como ambiente social primário, apresenta um importante papel no auxílio, decisão, crença e atitudes em relação à formação que deseja para seus filhos, tendo em vista que a família, muitas vezes, subsidia todos os sacrifícios que esses jovens fazem para entrar nesse mercado.



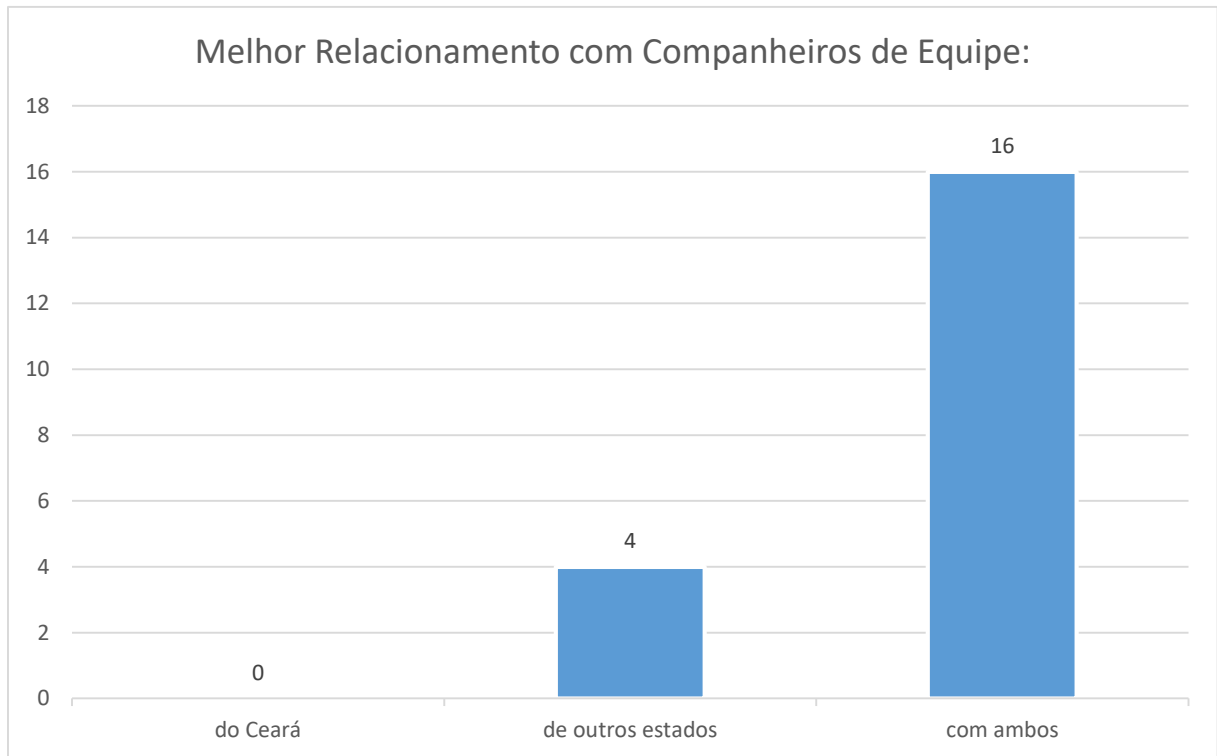
O estudo de revisão elaborado por Faggiani et al. (2016) e mencionado em outros tópicos do estudo, confirma essa resposta, argumentando que a família desempenha um importante suporte na adaptação e manutenção dos atletas ao novo local e trabalho e residência, e mesmo com o apoio de profissionais especializados e dos demais atletas companheiros de clube, o papel da família nesse suporte segue sendo o mais importante e significativo para essa transição em diferentes localidades.

Consoante a isso, o estudo de Agergaard (2008 apud FAGGIANI et al., 2016) traz o relato de atletas do futebol feminino que definiram como prioridade para sua transição a um novo clube, a mudança junto com a família ou o contrato com um clube mais próximo à sua cidade. Essa estratégia permite que as atletas administrem o lado profissional com as demandas pessoais, diminuindo risco de declínio na performance esportiva e sofrimento na adaptação à nova realidade.

Portanto, com base nas três primeiras questões do questionário, foi possível notar a importância da família no processo de adaptação dos atletas ao novo clube, onde a falta de convívio e a ausência física dos familiares pode ser fator fundamental para o sucesso ou insucesso de um atleta no esporte, tanto é que uma parte dos atletas priorizam um contrato com o clube que proporcione a possibilidade de estar mais próximo da família. Entretanto, com a ausência da família nesse novo ambiente, a interação social maior dos atletas acaba sendo entre eles próprios, e desse modo, se faz importante investigar como se dá a formação social e interação dos atletas oriundos de outros estados com seus companheiros de equipe.

A **tabela 10** traz as respostas obtidas na quarta questão do questionário, que foi a seguinte: *“Na equipe sub-17 que você joga atualmente, você tem um melhor relacionamento com os jogadores de outros estados, do Ceará OU com ambos?”*:

*Tabela 10 – Questão 4: Na equipe sub-17 que você joga atualmente, você tem um melhor relacionamento com os jogadores de outros estados, do Ceará OU com ambos?*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A presente questão consiste em uma pergunta na qual o participante pode assinalar apenas uma das três alternativas, indicando se eles têm melhor relacionamento com atletas naturais do Ceará, de fora do estado ou com ambos. Os resultados obtidos sugerem que, 16 dos 20 atletas estabelecem uma boa relação com atletas oriundos de outros estados, mas também com os atletas naturais do Ceará, portanto, se relaciona bem com ambos.

Dos 20, apenas 4 disseram ter bom relacionamento apenas com atletas oriundos de outros estados, e nenhum deles têm melhor relação exclusivamente com os atletas cearenses. Uma possível motivação para esses dois últimos achados é o convívio no alojamento, tendo em vista que os atletas cearenses que residem próximo ao centro de treinamento não habitam nas instalações do clube, portanto, isso acaba tornando-os mais distantes em comparação aos que estão presentes no cotidiano do alojamento do clube cearense.

Um trecho mencionado anteriormente, do estudo de Brandão et al. (2013), relembra que os valores, as normas, as crenças e os padrões comportamentais, além dos fatores políticos, econômicos e históricos podem ter diferenças significativas entre

os países e, no caso de um país continental como o Brasil, essa diferença é encontrada entre as regiões administrativas e os estados. No contexto do esporte, os autores acrescentam que esses valores podem interferir na forma e qualidade do relacionamento com a equipe, no padrão de comunicação e na forma de se desempenhar, o que pode acarretar em conflitos interpessoais e interferir na performance esportiva do atleta.

Em relação, ao resultado de 16 atletas terem bom relacionamento com “ambos”, cearenses e não cearenses, podemos relacionar com o trabalho de Macedo (2006), com jovens atletas de futebol em Santa Catarina. Segundo autor, como essa classe tem mais dificuldades de acesso à escola, cria-se uma imagem folclórica do jogador de futebol, caracterizado por ser analfabeto, inculto, logo sem capacidade de reflexão, tornando-o mais vulnerável à doutrinação. Para Macedo (2006), esses jovens, em consequência dessas rotulações, constroem um mundo particular de comunicação pertencente apenas ao ambiente do futebol, caracterizado por expressões corporais e idiomáticas peculiares. Macedo também faz outras considerações como: os jovens jogadores, quando ingressam em uma equipe de futebol, passam a ter semelhanças identificáveis, como o tipo de roupa, a marca do carro, o jeito de vestir, a religiosidade, as crenças, os objetos de consumo, os acessórios de moda – brincos, colares, joias, corte de cabelo –, e, finalmente, culminando com uma constituição física típica dos atletas de futebol.

Nesse contexto de conflitos interpessoais, o estudo de Balzano (2020) traz consigo alguns debates pertinentes no que se refere a preconceitos identificados no futebol, e dentre eles, menciona a xenofobia, ou seja, a rejeição direcionada a alguém que não faz parte do local onde se vive ou habita, tipo de preconceito praticado por atletas que já estão no clube em relação aos atletas que chegam de fora.

Dentre as várias manifestações xenofóbicas, uma das que foram identificadas pelo autor diz respeito aos apelidos preconceituosos, como neguinho, negão, Ceará, entre outros, que embora sejam colocados em tom de brincadeira, caracterizam as pessoas pelo lado negativo, podendo expressar também um certo achincalhamento de outras culturas (BALZANO, 2020).

As falas dos participantes desse estudo indicam que a xenofobia está enraizada na sociedade e é replicada diariamente, de forma sutil, em um sentimento de superioridade sobre o “outro”. Um exemplo disso é a forma na qual se trata os nordestinos e o futebol do Nordeste que, embora possua imensas torcidas e grandes

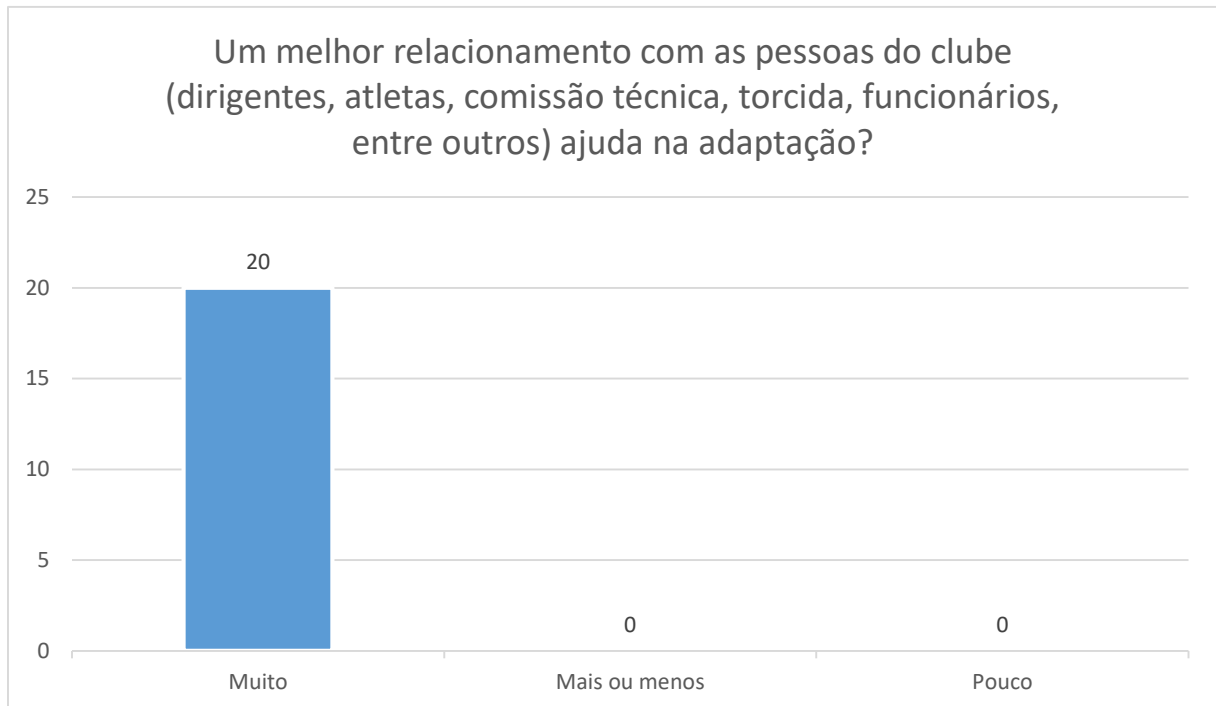
jogadores, sempre foi menosprezado no contexto nacional. A xenofobia contra os nordestinos segrega milhares de trabalhadores e trabalhadoras, algo que se reflete no futebol (BALZANO, 2020).

Outro estudo que traz uma discussão sobre preconceitos enraizados no futebol, é o estudo de Passos (2019) sobre os conceitos de nacionalismo e xenofobia, que são muito distintos por definição, mas podem ser interpretados de maneiras similares. De acordo com a autora, ainda que o conceito de nacionalismo esteja ligado a questões de inclusão, o sentimento nacionalista exacerbado pode ter o efeito oposto e gerar xenofobia, que muitas vezes é causada pelo medo da perda de identidade. Nota-se que, apesar dos conceitos de nacionalismo, identidade nacional e xenofobia terem origens semelhantes e serem interligados, há distinções claras entre as definições. Enquanto nacionalismo e identidade nacional visam a inclusão e o sentimento de pertencimento de um grupo de pessoas com mesmas tradições, línguas e culturas, a xenofobia é uma exacerbação desse sentimento que discrimina e exclui aqueles que não são oriundos dessas comunidades.

Diante do que foi apresentado é possível concluir que, com essa reunião de atletas oriundos de diversas regiões do Brasil no clube cearense, é natural que haja diferença de valores, normas, crenças e padrões comportamentais entre eles, entretanto, é importante alertar para algumas manifestações que podem provocar conflitos interpessoais entre os atletas e interferir no rendimento da equipe em geral, como comportamentos xenofóbicos que ridicularizam determinado atleta e suas origens. Um ambiente saudável reflete na performance de treinos e jogos, portanto, é necessário a manutenção da boa harmonia entre os atletas, mas também entre funcionários, dirigentes, comissão técnica e demais componentes fundamentais para o funcionamento do clube. Posto isso, a questão a seguir buscou analisar a percepção dos atletas referente a importância de manter um bom relacionamento com todos do clube.

A **tabela 11** traz as respostas obtidas na quinta questão do questionário, que foi a seguinte: *“Um melhor relacionamento com as pessoas do clube (dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida, funcionários, entre outros) ajuda na adaptação?”*:

Tabela 11 – Questão 5: Um melhor relacionamento com as pessoas do clube (dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida, funcionários, entre outros) ajuda na adaptação?



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A questão 5 do questionário possui três alternativas, e o participante pode assinalar apenas uma delas, indicando o quanto eles acham que um melhor relacionamento com as pessoas do clube ajuda na adaptação: muito, mais ou menos ou pouco. Os resultados obtidos indicam que todos os participantes acham muito importante manter um bom relacionamento com atletas e profissionais do clube.

Para Balzano (2020), os profissionais que trabalham com os jovens atletas são responsáveis pela organização da equipe, elaboração dos treinamentos e muitas vezes fazem o papel de pai, irmão, professor e amigo dos atletas. Para Gomes (2004), a principal figura em todo trabalho educativo é o treinador, que não se limita à sua função educativa, ou seja, somente à orientação do atleta no treinamento e na competição. Esse profissional, além de ser um especialista em futebol, precisa entender de evolução psicobiológica do ser humano, pois vai lidar com a atividade física dos jovens ainda em formação.

A situação é abordada por Salomão, Ottoni e Barreira (2014), que argumentam sobre a dificuldade de alguns atletas em saírem de casa é marcada por muito sofrimento e angústia, e não são raros os casos de abandono desses atletas pelos clubes. A dificuldade de morar em alojamento é enfrentada por muitos que buscam

realizar o sonho de ser um atleta profissional de futebol, e só se justifica como suportável dependendo do processo de ambientação vivido pelos atletas ao chegar em um novo ambiente e o quanto são capazes de enfrentar o sofrimento da distância dos familiares.

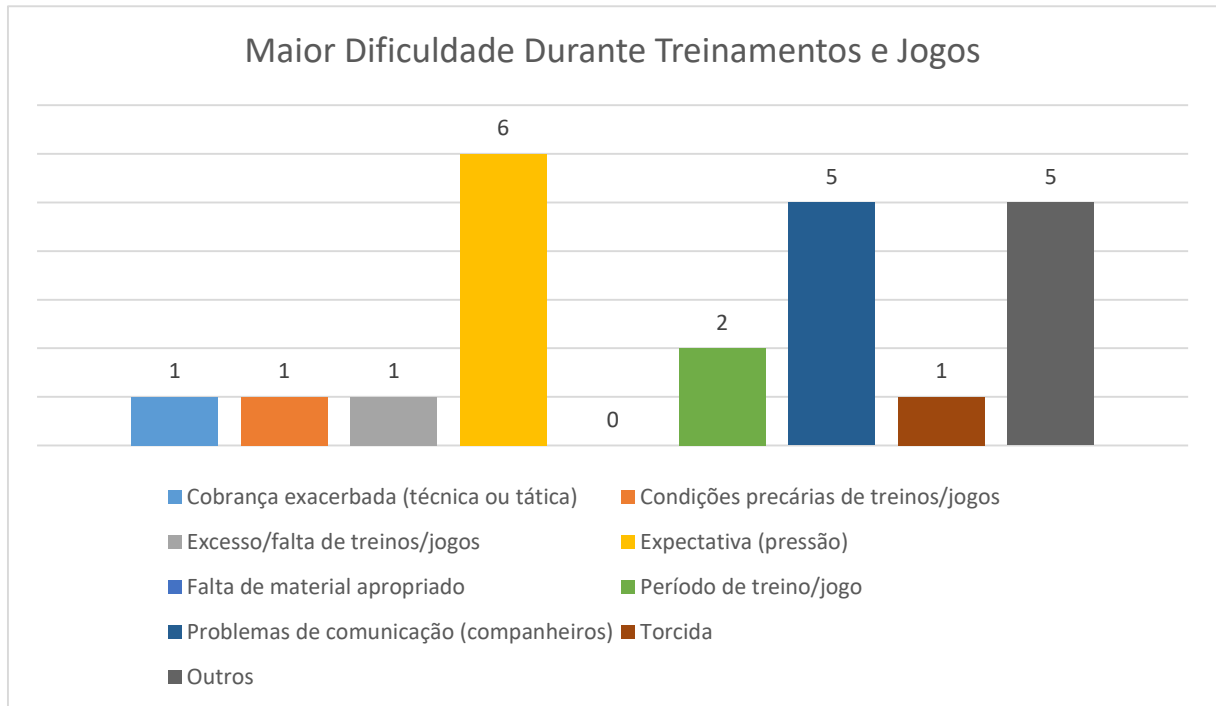
Com esse distanciamento do cotidiano familiar e doméstico, o trecho de Rigo, Silva e Rial (2018), apresenta que os clubes passam a ser as principais referências desses atletas, e deveriam assumir uma responsabilidade e um cuidado ainda maior perante a vida e a escolarização desses futebolistas, algo que nem sempre ocorre, tendo em vista que muitos jogadores apresentam defasagem escolar ou até mesmo estão com os estudos interrompidos, apesar do esforço feito de parte de alguns clubes.

Nesse sentido de que o clube passa a maior referência do atleta, o estudo de Balzano (2020), traz uma investigação a respeito dos investimentos realizados por um clube em suas categorias de base, e obteve nessa pesquisa que o clube investigado se responsabiliza por buscar escolas para os atletas que chegam de fora, tem mudado a metodologia de trabalho no dia a dia, sobretudo no referente ao respeito e enxergar o outro, e tem buscado conscientizar os atletas do clube que o mais importante é aceitação do outro, seja ele um novo componente da comissão, ou um novo colega que passou na avaliação, prioriza-se trabalhar com a inclusão para fortalecer o crescimento do clube.

Em conclusão, nota-se que os atletas do clube cearense que participaram da pesquisa identificaram que um bom relacionamento com dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida e funcionários, é indispensável para uma melhor adaptação ao novo ambiente, tendo em vista que, com a ausência de familiares e amigos que compunham o convívio do cotidiano, os clubes passam a ser a maior referência desses atletas. Com essa dependência, é importante que o clube e seus profissionais garantam o suporte necessário para que esses atletas consigam enfrentar as dificuldades existentes no processo de ambientação sem maiores traumas, como nos casos de abandono pelos clubes.

Diante das diversas dificuldades enfrentadas pelos atletas no que se refere ao processo de adaptação a um novo local, se faz importante investigar também quais são as dificuldades existentes durante os treinamentos e jogos. A **tabela 12** traz as respostas obtidas na sexta questão do questionário, que foi a seguinte: “*Qual a maior dificuldade encontrada durante treinamentos e jogos?*”:

Tabela 12 – Questão 6: Qual a maior dificuldade encontrada durante treinamentos e jogos?



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os itens foram sequenciados em ordem alfabética, com alternativas do A ao I, das quais os atletas poderiam assinalar mais de uma, caso necessário. Dos 9 itens contidos na questão, apenas o *E: Falta de material apropriado* não foi assinalado por nenhum dos atletas. Por outro lado, as respostas mais frequentes sugerem que, as maiores dificuldades enfrentadas pelos atletas do clube cearense durante os treinamentos e jogos são: *D: Expectativa (pressão)*, assinalado por 6 dos 20 atletas; *G: Problemas de comunicação (companheiros)*, para 5 dos 20 atletas; e *I: Outros*, sendo o clima muito quente um fator de dificuldade para 3 dos 20 atletas participantes do estudo.

Para falar sobre a expectativa criada e conseqüente pressão exercida sobre esses atletas, é importante retomar alguns trechos mencionados no tópico 3.4. *Categorias de Futebol de Base no Brasil*. Relembrando o surgimento das categorias de base, Damo (2007) relata a importância destas como instrumento de formação inicial, por onde são lapidados os atletas passíveis de se tornarem jogadores profissionais, que começam a se dedicar exclusivamente ao futebol. Kruse (2004) relata que, inicialmente, o futebol tinha caráter lúdico, entretanto, essas características foram substituídas pela busca exacerbada de resultados, o alto rendimento e a

elitização, como consequência da reprodução de tendências da sociedade industrial no esporte.

Balzano (2020) reforça esse argumento, mencionando a influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, que está levando os clubes de formação a consolidar uma proposta mercantilista e mecanicista na formação de jogadores de futebol, com características apropriadas ao futebol europeu, como ênfase na força física, na grande competitividade, na maior obediência aos esquemas táticos e nos jogadores com mais senso coletivo, considerando a perspectiva do lucro em primeiro lugar.

Frequentemente, as instituições formadoras enfatizam o aprendizado e o desenvolvimento dos jovens futebolistas. Mas, no início das competições e com resultados adversos, o discurso inicial fica em segundo plano e a busca de meios para vencer supera os meios formativos. Muitas vezes, as soluções encontradas são a exclusão dos jogadores menos preparados no momento e a busca de jogadores mais desenvolvidos, bem como a troca das metodologias formativas por trabalhos que exigem mais dos jogadores do que eles possam realizar. Nesse caminho, muitos serão os atletas explorados em sua força de trabalho para além das suas capacidades físicas e psicológicas, dentro dos clubes, configurando verdadeiras relações de escravidão moderno (BALZANO, 2020).

Scaglia (2003) pondera que o tipo de formação oferecida aos jovens jogadores leva ao interesse individual em prejuízo do coletivo. Esses garotos sofrem a influência da família, dos professores, dos empresários, dos profissionais do futebol e principalmente da mídia, para que se sintam como estrelas do futebol, bem antes de se tornarem uma verdadeira estrela. Os futuros jogadores de futebol estão mais preocupados com roupas, baladas, acessórios, tatuagens, celulares, do que com uma formação esportiva e humana. Nota-se que os futuros jogadores de futebol, na busca incessante de ingressarem no futebol profissional, muitas vezes, não medem esforços, deixando de lado princípios e valores coletivos, centralizando seus ideais no material.

Com relação aos problemas de comunicação encontrados entre os companheiros de equipe, pode ser motivado pelas diferenças linguísticas existentes entre os atletas oriundos de diversos lugares do país. Coelho e Mesquita (2013), conceituam a língua como sendo o principal meio para um indivíduo desempenhar seu papel na sociedade, a partir das relações sociais em que as ações e pensamentos humanos possibilitam ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado, processo



onde se dá a construção de uma cultura, com a difusão de conhecimentos, ideias e ideologias.

Conforme Coelho e Mesquita (2013), a língua foi desenvolvida como uma forma do homem, nos tempos mais remotos, expressar seus pensamentos e sentimentos, e permite interação com o próximo por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem, sendo nos dias de hoje, a base que sustenta toda a vida social, nos âmbitos social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico, midiático, econômico, amoroso.

No referente ao clima muito quente como dificuldade enfrentada durante treinamentos e jogos, o estudo de Gomes (2010) trata sobre os jovens atletas que são expostos a rotinas de treinos e competições em condições de elevadas temperaturas. O autor explica que crianças e adolescentes possuem características termorregulatórias e metabólicas diferentes dos adultos quando submetidos ao esforço, além disso, sob condições extremas de temperatura, jovens jogadores têm o desempenho comprometido e ficam mais suscetíveis às lesões provocadas pelo calor. Dessa maneira, é importante se atentar para a elaboração de estratégias de hidratação para os jovens jogadores de futebol, considerando suas características anatômicas e fisiológicas diferenciadas. O estudo sugere também a avaliação diária e individual do estado de hidratação com os jovens engajados em treinamento sistematizado, que devem ser orientados para o desenvolvimento de bons hábitos de hidratação.

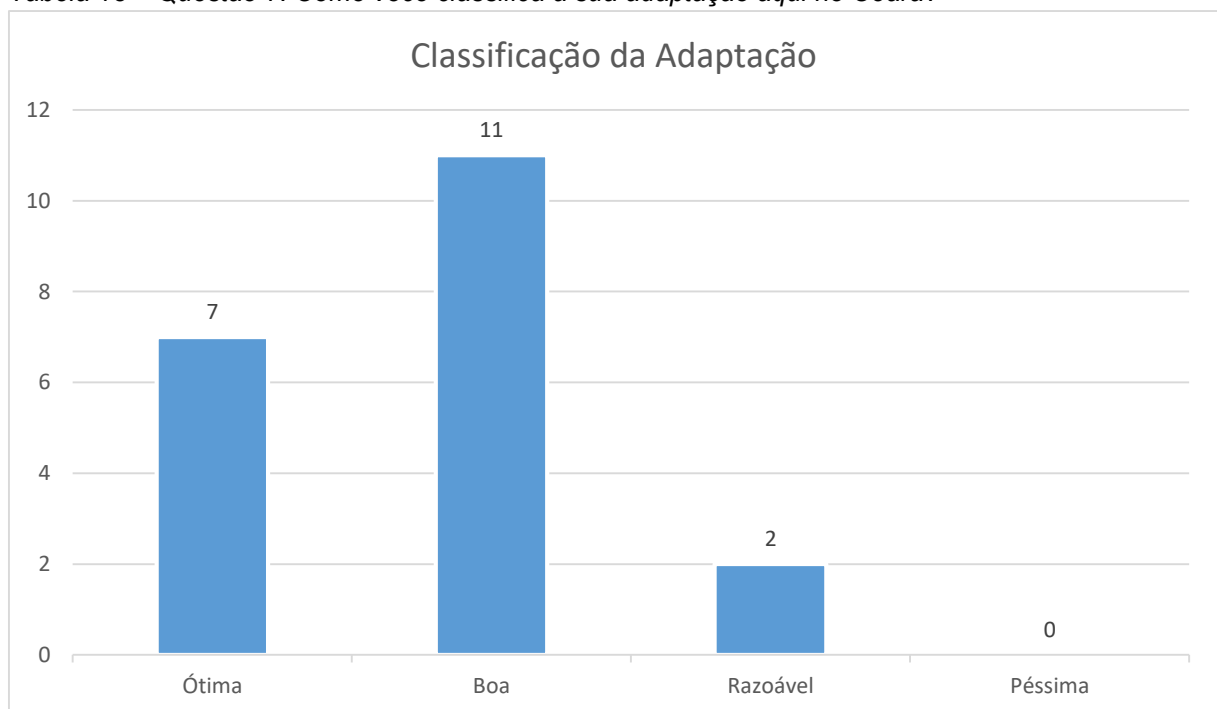
Ainda referente ao clima, buscamos nos subsidiar novamente no estudo de Oliveira (2015), esse descreve que o fenômeno natural da seca, também possui forte influência na população cearense e no biótipo de seus jogadores, hoje o jogador cearense apresenta no geral uma baixa estatura, característica herdada geneticamente e adquirida no ambiente em que foi configurado. Isto é, jogador cearense está mais adaptado ao calor, que os jovens jogadores de outros estados, principalmente os do Sul e Sudeste.

Conclui-se que, a cobrança existente no futebol de alto rendimento, que decorre da busca exacerbada de resultados, resulta em uma expectativa criada nos jovens atletas, para que atendam a essas exigências. Esse quadro reforça a pressão, inerente do meio futebolístico que busca a formação de jogadores como mercadoria para o consumo europeu. Além da pressão dos clubes, a família, os professores, os empresários, demais profissionais do futebol e principalmente a mídia, reforçam tal

situação e de forma cada vez mais precoce, contribuem para que os jovens se sintam como estrelas do futebol, bem antes de se tornarem uma verdadeira estrela. No que se refere a comunicação, conclui-se que a língua é a base que sustenta toda interação social e pode interferir na vida do indivíduo, portanto, uma boa comunicação contribui para um melhor rendimento nos treinamentos e jogos. Com o clima muito quente no estado do Ceará, onde boa parte dos atletas oriundos de outros estados não estão acostumados em jogar com temperaturas elevadas, se faz importante o planejamento para uma hidratação adequada desses atletas, contribuindo assim para diminuir a incidência de lesões dessa natureza.

Além do clima muito quente, outros aspectos podem contribuir positiva ou negativamente no processo de adaptação desses atletas a um novo estado. Desse modo, buscou-se identificar o nível de adaptação dos 20 participantes na sétima questão do questionário, que foi a seguinte: “*Como você classifica a sua adaptação aqui no Ceará?*”. A **tabela 13** traz as respostas obtidas:

*Tabela 13 – Questão 7: Como você classifica a sua adaptação aqui no Ceará?*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A questão 7 do questionário possui quatro alternativas, e o participante pode assinalar apenas uma delas, sendo a que mais caracteriza seu nível de adaptação ao estado do Ceará. Os resultados obtidos indicam que 11 dos 20 atletas tiveram uma

boa adaptação desde que chegaram ao estado, 7 dos 20 consideram ter tido uma ótima adaptação no Ceará, e 2 deles consideram um processo de adaptação razoável.

Como mencionado na tabela 2 de dados de identificação dos atletas, separando por região, dos 20 entrevistados, 13 deles são da região nordeste, 4 da região sul, 2 da região sudeste e 1 da região centro-oeste. Essa maior concentração de atletas oriundos da região nordeste pode favorecer o processo de adaptação dos mesmos, neste sentido, nos reportamos mais uma vez ao estudo de Brandão et al. (2013), ao descrever que “os valores, as normas, as crenças e os padrões comportamentais, além dos fatores políticos, econômicos e históricos podem ser significativamente diferentes entre os países”, o que é válido também para o contexto nacional, tendo em vista a diversidade cultural existente no Brasil. Diante disso, os autores argumentam que, quanto maior for a distância em termos de crenças, valores e costumes entre o local de origem e o de transferência, “mais difícil será a adaptação, o ajustamento e o estabelecimento de relações sociais adequadas”.

Corroborando com a fala de Brandão et al. (2013), os resultados mostram que, dos 7 atletas que classificam sua adaptação ao estado do Ceará como ótima, 6 deles são da Região Nordeste (sendo um do próprio estado) e 1 da Região Sul. Entretanto, o fato de ser da Região Nordeste não se apresenta como garantia de melhor adaptação, visto que, dos 2 atletas que classificaram a adaptação como razoável, um deles é nordestino.

Na tabela 5 apresentada anteriormente no presente estudo, que informa o tempo em que cada atleta mora nas instalações de clubes, foi argumentado que enquanto alguns atletas possuem menos de 1 ano morando em alojamentos, outros possuem 6 anos, 7 anos, e até 9 anos. O estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014) descreve a dificuldade relatada por alguns jogadores em sair de casa, “independentemente das várias diferenças entre os jogadores, por exemplo, a idade em que saem de casa, indo dos doze aos dezesseis anos, a configuração familiar e o círculo de amizade, status social e financeiro”. Trata-se de uma dificuldade apresentada para todos, uns com sofrimento maior em relação à saudade, outros com a diversidade de cultura e de costumes encontrados no alojamento. Esse sofrimento de estar fora de casa exige uma compensação, e é no futuro, “na compensação por meio do que ainda virá, que os jovens jogadores depositam suas esperanças para enfrentá-la”.

Diante do que foi apresentado no parágrafo anterior, um achado na questão 7 chama atenção. O atleta que apresenta maior tempo morando em alojamentos, totalizando 9 anos, foi um dos que assinalou uma adaptação razoável na presente questão. Portanto, mesmo que, dos 20 atletas entrevistados, este seja o que passou mais tempo morando fora de casa, isso não garante que a adaptação dele será ótima, e isso pode se dar por diversos fatores. Uma das principais hipóteses é a quantidade de clubes, tendo em vista que o mesmo passou por 3 clubes, sendo os 3 do estado do Rio de Janeiro, enquanto os que assinalaram ter uma adaptação ótima passaram por 1 ou 2 clubes, além do próprio clube cearense. Portanto, mesmo que o atleta em questão não seja carioca, boa parte da carreira dele em categorias de base foi morando em alojamentos de clubes cariocas, portanto, a mudança para um clube cearense requer um maior tempo de adaptação a uma nova cultura.

As situações debatidas até então se enquadram no chamado processo de ambientação, citado em tópicos anteriores, que se trata de mais uma das experiências vividas pelos atletas que, segundo os próprios, exige uma maturidade precoce e aprendizagem para enfrentar o inesperado e manter-se bem nesse contexto. Alguns aspectos são vividos de modo bastante diferente entre os atletas, sendo vistos como favoráveis ou desfavoráveis, e podendo ser encarados com satisfação ou com nenhum tipo de satisfação em passar por tudo isso, variando conforme as condições reais apresentadas e entre eles (SALOMÃO; OTTONI; BARREIRA, 2014).

Outro aspecto debatido em tópicos anteriores, que se enquadra na presente situação, diz respeito às características de cada jogador conforme a região do Brasil, que segundo Paoli (2007) se diferem entre si devido a uma bagagem de informações e hábitos futebolísticos adquiridos e desenvolvidos ao longo dos anos. Entretanto, a fala dos atores sociais atesta que, embora existam diferenças e alguns jogadores sejam caracterizados como marcas registradas de uma determinada cultura do futebol de um estado e/ou região, os elencos das categorias de base atualmente contam com jogadores de praticamente todas as regiões do Brasil, dificultando uma definição precisa da característica do time do Sul, do Nordeste, algo que pode ser mais recorrente quando as equipes são formadas em sua maioria por atletas de uma mesma região.

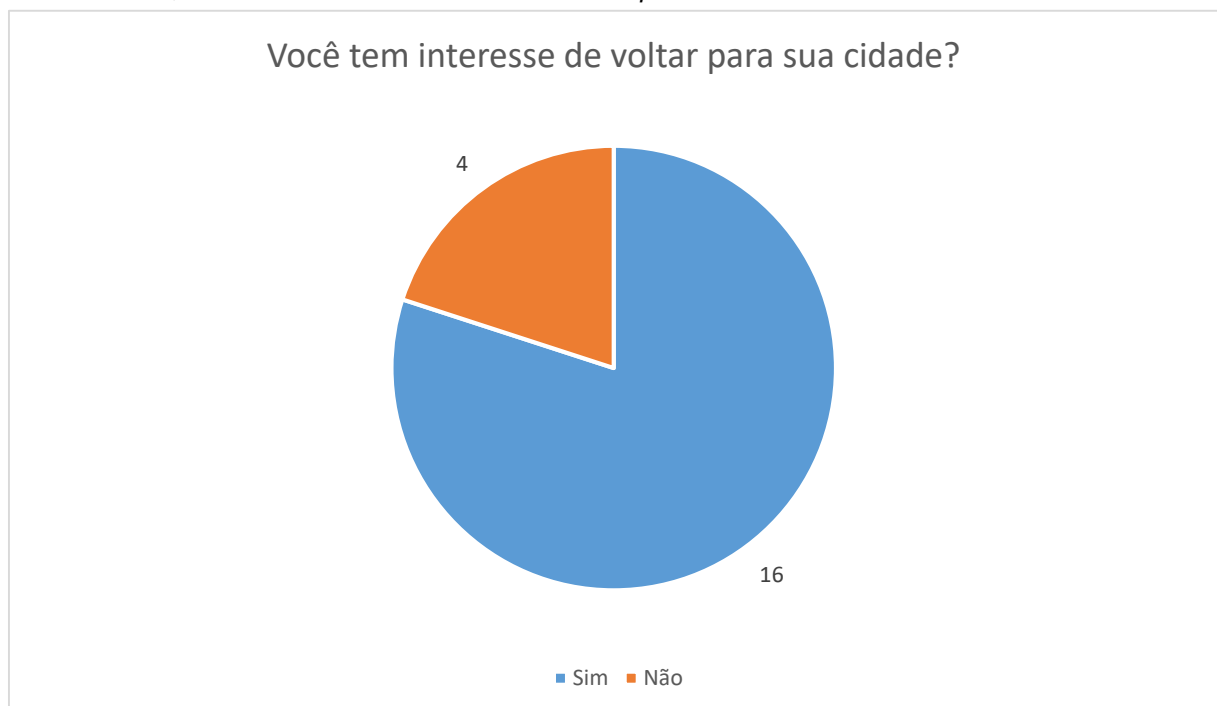
Com base nos resultados obtidos, conclui-se que a proximidade de crenças, valores e costumes entre o local de origem e o de transferência pode ser um fator fundamental para a boa adaptação desses atletas, visto que, dos 13 atletas

nordestinos, 6 deles classificaram como uma ótima adaptação e outros 6 como boa adaptação, sendo apenas 1 deles como razoável. Levando em consideração que 2 dos 20 atletas classificaram sua adaptação como razoável, foi observado que os atletas têm em comum a passagem por 3 clubes além do clube cearense, o que pode sugerir uma dificuldade em se acostumar com a diferença estrutural dos alojamentos de clubes em que já haviam jogado.

Observa-se também que, o tempo que os atletas têm morando fora de casa não é garantia de boa adaptação, visto que os atletas apresentam 4 e 9 anos morando nas instalações de clubes pelo país. Um fator que pode influenciar na adaptação é o tempo que os atletas têm no clube cearense, algo que não foi pesquisado no presente estudo.

Dependendo das dificuldades enfrentadas diariamente no processo de adaptação ao novo local, pode se desenvolver nos atletas o desejo de, algum dia, retornar para sua cidade natal. Consoante a isso, o presente estudo buscou analisar um possível interesse dos atletas nesse retorno para casa, e qual a maior motivação para tal. A **tabela 14** traz as respostas obtidas na oitava questão do questionário, que foi a seguinte: “*Você tem interesse de voltar para sua cidade? Se sim, o que mais sente falta de lá?*”:

*Tabela 14 – Questão 8: Você tem interesse de voltar para sua cidade?*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A primeira parte dessa questão é composta por itens de sim ou não, e os atletas devem assinalar apenas uma das opções. Com base nos resultados é possível concluir que, 16 dos 20 atletas questionados têm interesse em voltar para sua cidade natal. A partir desse achado, buscou-se identificar nesses 16 atletas o que eles sentem mais falta de casa, e as respostas obtidas estão apresentadas na tabela abaixo:

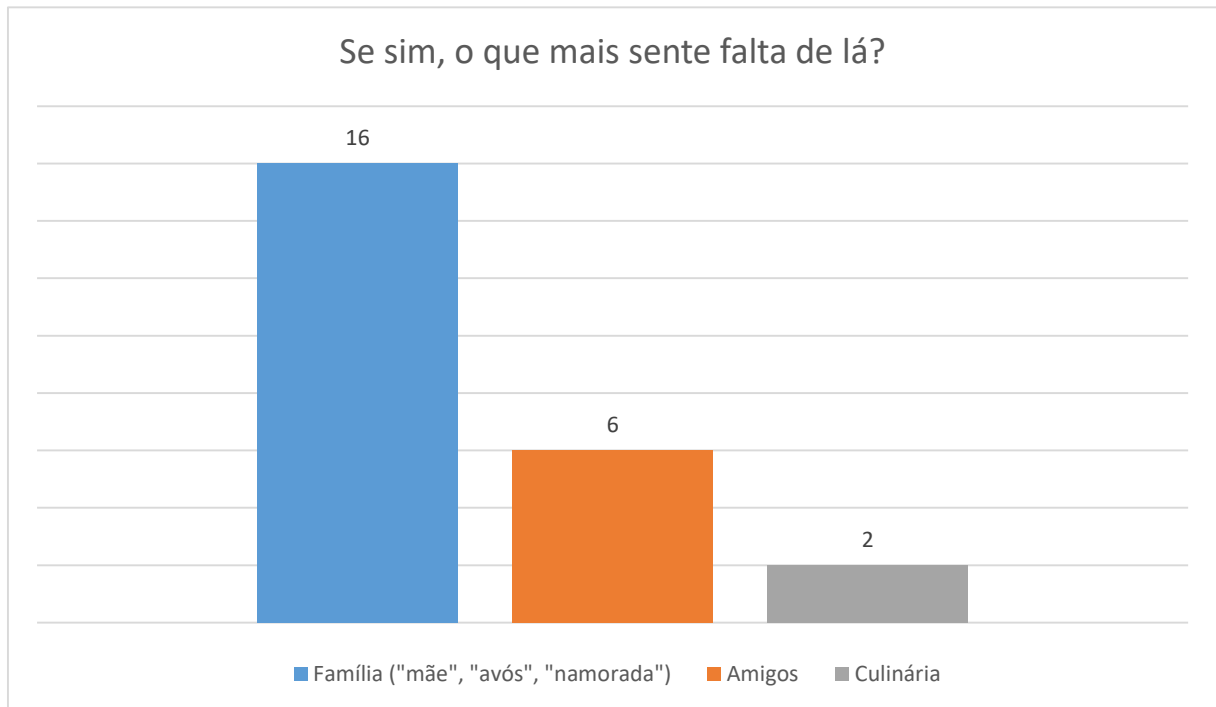
Tabela 15 – Questão 8: Se sim, o que mais sente falta de lá? (Dissertado)

| <b>Se sim, o que mais sente falta de lá?</b> |   |
|--|---|
| Atleta 1                                     | “familiares, amigos e culinária”                                |
| Atleta 2                                     | “minha família e amigos”  |
| Atleta 3                                     | “saudades dos meus avós”  |
| Atleta 4                                     | “família”   |
| Atleta 5                                     | “da minha rainha ela é a chave de tudo <i>pra mim tá aqui</i> ” |
| Atleta 9                                     | “sinto falta da minha família”                                  |
| Atleta 10                                    | “minha família”   |
| Atleta 11                                    | “somente para ver minha família”                                |
| Atleta 12                                    | “familiares, amigos, resenhas”                                  |
| Atleta 14                                    | “família”   |
| Atleta 15                                    | “família, namorada, comida e amigos”                            |
| Atleta 16                                    | “família e amigos”  |
| Atleta 17                                    | “família”   |
| Atleta 18                                    | “sinto falta da minha família”                                  |
| Atleta 19                                    | “família”   |
| Atleta 20                                    | “família, amigos e namorada”                                    |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dos relatos descritos pelos 16 atletas, foi feita uma tabela com as respostas mais frequentes encontradas na questão. A **tabela 16** apresenta os achados na questão dissertativa:

Tabela 16 – Questão 8: Se sim, o que mais sente falta de lá? (Gráfico)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dos relatos organizados quantitativamente na tabela acima, é possível concluir que, todos os atletas que manifestaram interesse em voltar para sua cidade em algum momento da carreira, sentem falta da família, seja da mãe, dos avós, da namorada. Ou seja, a maior motivação dos atletas para voltar à cidade natal é a família, mesmo que seja apenas para visita, como relatado por um dos 16 participantes. Seguidamente, aparece a saudade dos amigos para 6 dos 16 atletas, e por fim, a culinária para 2 dos 16 atletas.

Conforme Balzano (2020), a família é o primeiro ambiente social em que o jovem convive. Assim sendo, é onde ele desenvolve inúmeras variáveis, como o desenvolvimento da sua identidade, a autoestima e a motivação necessária para a formação de um atleta. A convivência com a família é essencial para a formação do sujeito, representando um espaço de segurança, carinho e reconhecimento para a criança, que vê nos entes familiares o seu primeiro ponto de apoio e intimidade. Tal entendimento é, inclusive, um dos preceitos da Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças, da qual o Brasil é signatário.

Sobre a importância da família, o estudo de Oliveira; Balzano; Morais (2017), destacou que quando os jovens foram perguntados se os pais incentivavam os filhos a continuarem treinando, 61,3% alegaram que recebiam apoio total. E quando

perguntados se os pais davam apoio emocional diante de situações difíceis inerentes ao futebol, como dispensas e contusões, 62,1% asseguraram que seus pais lhe apoiavam totalmente

O estudo de revisão de Faggiani et al. (2016) já mencionado no presente estudo, aborda o tema família, e com referência de outros autores, apontam a família como o suporte mais importante e significativo para essa transição entre diferentes localidades. No entanto, embora haja a saudade e falta da família, o estudo de Richardson et al. (2012 apud FAGGIANI et al., 2016) observou que existe um receio por parte de alguns atletas em ir visitar a família e perder situações importantes no seu clube e até mesmo ser substituído por outro atleta pelo treinador. Além disso, essa atitude de visitar a família é percebida pelos participantes como uma fraqueza ou incapacidade de lidar com a pressão dentro do novo ambiente de trabalho.

O estudo de Brandão et al. (2013) traz dados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) de exportação de jogadores brasileiros no ano de 2010, que chegou a 1029. Desses 1029 jogadores profissionais, 683 regressaram ao Brasil antes do final do primeiro ano, ou seja, 66% dos jogadores expatriados. Esses números fazem com que os autores argumentem que os atletas brasileiros não são preparados para recomeçar a carreira em um local desconhecido, não se acostumam ao novo país e sentem falta de casa, o que explica esse grande número de repatriados.

A habilidade em se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol expatriado. Essa realidade exige que o atleta se acostume com outra língua, outra cultura, outro clima e, muitas vezes, com a distância da família. Porém, o imediatismo do futebol exige que, rapidamente, o atleta se estabeleça nessa nova equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos (BRANDÃO et al., 2013).

Com base nos dados da questão 8, é possível concluir que todos os 16 atletas que manifestaram interesse em voltar para sua cidade natal, têm por motivação a saudade da família. Uma resposta interessante, estabelecendo uma comparação com os dados da questão 7, é que dos 7 atletas que disseram ter uma ótima adaptação no Ceará, apenas 2 deles disseram não ter interesse em voltar para a cidade natal. Em contrapartida, o que chama atenção é que um dos atletas que consideram razoável seu nível de adaptação ao Ceará, indicou não ter interesse em voltar para sua cidade natal, o que reforça a fala de Salomão, Ottoni e Barreira (2014), que a motivação e o esforço pessoal dos atletas em vivenciar as dificuldades encontradas no processo de



ambientação, ao sair de casa, se dá em prol da possível realização do projeto de profissionalização, abarcando expectativas, audácias, persistências, intenções e planos.

Em conformidade com o interesse manifestado pela maior parte dos atletas em retornar para sua cidade natal, buscou-se investigar o que os 20 participantes menos gostam no estado do Ceará. A **tabela 17** traz as respostas obtidas na nona questão do questionário, que foi a seguinte: “Do que você menos gosta aqui no Ceará?”.

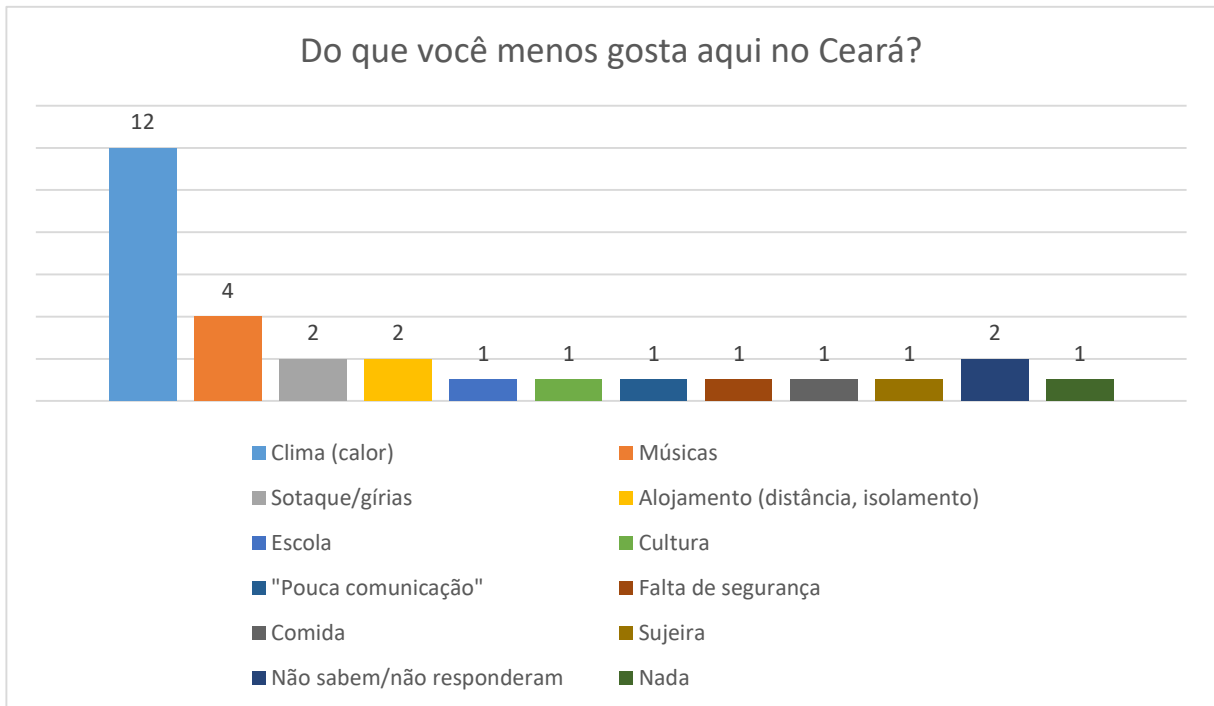
*Tabela 17 – Questão 9: Do que você menos gosta aqui no Ceará? (Dissertado)*

| <b>Do que você menos gosta aqui no Ceará?</b> |  |
|---|--|
| Atleta 1                                      | “músicas”  |
| Atleta 2                                      | “as músicas”   |
| Atleta 3                                      |  |
| Atleta 4                                      | “nada, sou do estado”  |
| Atleta 5                                      | “de ficar no alojamento”   |
| Atleta 6                                      | “calor e escola”   |
| Atleta 7                                      | “o alojamento, muito distante da capital, cultura, pouca comunicação, o clima” |
| Atleta 8                                      | “do clima as vezes”  |
| Atleta 9                                      | “o sotaque”  |
| Atleta 10                                     | “das músicas e do clima, muito quente”   |
| Atleta 11                                     | “as músicas e o clima”   |
| Atleta 12                                     | “falta de segurança, calor”  |
| Atleta 13                                     | “o clima”  |
| Atleta 14                                     | “clima”  |
| Atleta 15                                     | “comida e clima”   |
| Atleta 16                                     | “a sujeira em diversos lugares (praia, etc)”                                   |
| Atleta 17                                     | “não sei”  |
| Atleta 18                                     | “o clima”  |
| Atleta 19                                     | “clima, calor demais”  |
| Atleta 20                                     | “clima e gírias”   |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A **tabela 18** apresenta os achados na questão dissertativa, a partir de relatos de 19 dos 20 atletas participantes (atleta 3 não respondeu):

*Tabela 18 – Questão 9: Do que você menos gosta aqui no Ceará? (Gráfico)*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com os relatos organizados de forma quantitativa na tabela acima, é possível concluir que 12 dos 20 atletas não gostam do clima muito quente que predomina no estado do Ceará. Em seguida, aparece as músicas típicas da região, mencionadas por 4 dos 20 atletas, e o sotaque característico do estado, com 2 dos 20 atletas.

Sendo o calor um aspecto de maior aversão para os atletas oriundos de outros estados, um estudo sobre o conforto térmico das edificações, elaborado por Ferreira, Souza e Assis (2014), apresenta o zoneamento bioclimático brasileiro, que foi dividido em 8 zonas. Nessa divisão, os autores classificam parte da Região Nordeste como pertencente ao zoneamento bioclimático 5, que se caracteriza por possuir clima predominantemente quente e úmido durante a maior parte do ano, sendo que durante o inverno podem ocorrer noites frias. As chuvas são concentradas no verão. A cidade mencionada como exemplo climático característico da zona 5 é a de Vitória da Conquista, na Bahia.

Embora seja apresentado esse zoneamento bioclimático brasileiro, que caracteriza uma parte da Região Nordeste com o clima quente e úmido, deve-se

sempre ser cauteloso com as generalizações, pois os resultados mostram que, dos 12 atletas que apontam o clima como fator negativo, 7 deles são naturais de estados da Região Nordeste. Isso pode ser explicado por alguns fatores, e uma das hipóteses é que, mesmo que a cidade natal desses tenham elevadas temperaturas, o fato de jogar exposto ao calor excessivo é prejudicial, independentemente do atleta estar adaptado ou não a essas condições. Outra hipótese é que o atleta não está habituado a esse calor em sua cidade natal, que mesmo sendo uma cidade nordestina, pode apresentar um clima mais ameno do que o encontrado na cidade-sede do clube atual. Outra possibilidade é de que o atleta passou por clubes sediados em regiões com temperaturas mais amenas.

Além do calor excessivo, alguns atletas alegam não gostar de aspectos culturais da cidade, como as músicas e o sotaque. O estudo de Macedo (2006), traz um debate a respeito de modos de conduta, valores e normas de comportamentos que levam à segregação, e são impostos por uma classe (no caso, a de jogadores de futebol), como regra de pertencimento a esse grupo. É citado nesse trecho o papel da música na comunicação entre os integrantes do grupo, onde se classificam o pagode e o sertanejo como ritmos musicais de maior preferência dos jogadores, e geralmente, também, os conjuntos e duplas que cantam esses gêneros musicais. O autor relata que o pertencimento a esse grupo gera uma cultura específica compreendida e valorizada entre os seus componentes.

Já Vannucchi (1999) afirma que é impossível definir um povo sem conhecer suas tradições. Desse modo, a publicação de Francisco (2022) no site Mundo Educação do portal UOL busca caracterizar a diversidade cultural a partir dos diferentes costumes da sociedade brasileira. Ciente da pluralidade cultural no Brasil, influenciada pela colonização europeia, pela população indígena, pelos escravos africanos e por imigrantes, além de que a delimitação geográfica não caracteriza fielmente a cultura de determinado local, a publicação de Francisco (2022) busca abordar os aspectos mais frequentes de cada região do país, sendo naturalmente destacados costumes de alguns estados em relação a outros da mesma região.

A Região Nordeste, que conforme estudo de Vasconcelos (2011), é tido como um grande grupo homogêneo, não apenas para os indivíduos de fora da região, como também para muitos nordestinos, é caracterizada por Francisco (2022) pelas manifestações culturais como “o bumba meu boi, maracatu, caboclinhos, carnaval, ciranda, coco, terno de zabumba, marujada, reisado, frevo, cavallhada e capoeira”;

manifestações religiosas, como a festa de Iemanjá e a lavagem das escadarias do Bonfim; a literatura de Cordel; o artesanato, representado pelos trabalhos de rendas.

A partir dos aspectos culturais tratados, é possível concluir que a regionalidade no Brasil não consiste em um componente imutável e delimitado a determinado local, tendo em vista que há um constante processo de integração cultural oriundo de outros locais do Brasil e do mundo, o que confere a cada estado, por exemplo, essa espécie de apropriação cultural, porém preservando as características mais marcantes e construídas historicamente, como foi mencionado na cultura de cada região. Além disso, a diversidade cultural quebra barreiras fronteiriças e temporais, fazendo com que em um intervalo de tempo a população de determinada região, e possivelmente de regiões limítrofes, passem a se identificar com outros aspectos culturais.

No referente aos sotaques e gírias, é importante lembrar que a Língua Portuguesa, no Brasil, possui uma grande variedade de dialetos, que contribuem para a identificação geográfica e social de uma pessoa, simplesmente pela sua forma de falar. Entretanto, há um comportamento preconceituoso que decorre do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar, onde é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997). Segundo Arantes e Simon (2020), para entender a variedade existente de gírias e expressões em diversas regiões do Brasil para um mesmo elemento, é necessário entender o processo de variação linguística, onde duas formas podem ocorrer no mesmo contexto, ou seja, tem o mesmo significado.

A partir dos tópicos explanados, é possível concluir que o clima muito quente é algo que os atletas do clube cearense menos gostam no estado, seja aqueles oriundos de outras regiões, como também uma parte deles da própria Região Nordeste. Além disso, as músicas típicas do estado do Ceará foram o segundo fator mais citado na questão, mesmo por um atleta oriundo da própria Região Nordeste, o que pode se explicar pelas semelhanças identificáveis entre os jogadores de futebol, seja no consumo de bens materiais, no aspecto físico, como também nos costumes e condutas adotadas por grande parte do grupo. Por fim, o sotaque e as gírias foram mencionados por dois atletas, oriundos da Região Sudeste e Centro-Oeste, que apresentam dialetos bem distintos com relação aos cearenses, portanto, os diferentes modos de falar são fatores nos quais os dois atletas menos gostam no estado.

Além do interesse de investigar o que menos agrada os atletas, buscou-se investigar também o que os 20 participantes mais gostam no estado do Ceará. A

**tabela 19** traz as respostas obtidas na décima questão, que foi a seguinte: “Do que você mais gosta aqui no Ceará?”:

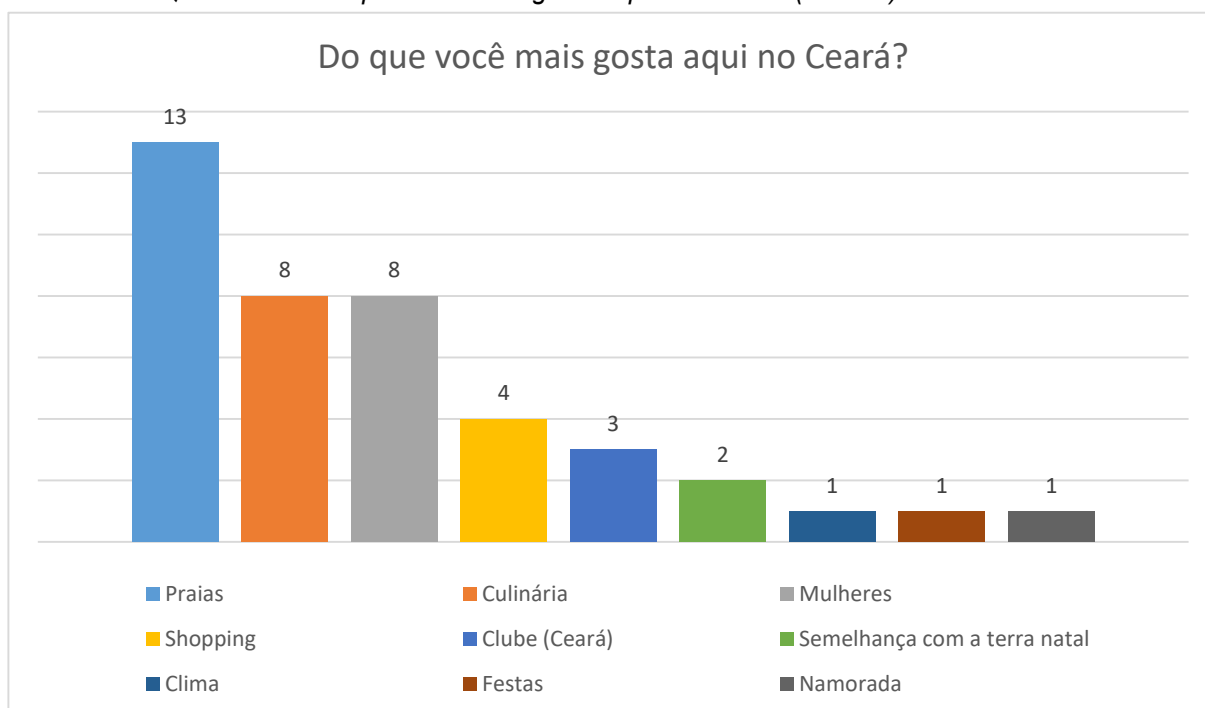
Tabela 19 – Questão 10: Do que você mais gosta aqui no Ceará? (Dissertado)

| Do que você mais gosta aqui no Ceará? |   |
|---------------------------------------|---|
| Atleta 1                              | “clima e praia”   |
| Atleta 2                              | “das mulheres, praia”                                       |
| Atleta 3                              | “pizzaria”  |
| Atleta 4                              | “as mulheres”   |
| Atleta 5                              | “praia”   |
| Atleta 6                              | “praias”  |
| Atleta 7                              | “boa estrutura do alojamento, praia, culinária, mulheres”   |
| Atleta 8                              | “praia, shopping, das mulheres, da comida”                  |
| Atleta 9                              | “a praia”   |
| Atleta 10                             | “da semelhança com a minha cidade: praias, shoppings, etc.” |
| Atleta 11                             | “praia, shopping”   |
| Atleta 12                             | “as mulheres, praia, festas, comida, shopping”              |
| Atleta 13                             | “praias, mulheres, comida, etc.”                            |
| Atleta 14                             | “é parecido com o meu estado”                               |
| Atleta 15                             | “praia, <i>esfiha</i> e do Ceará”                           |
| Atleta 16                             | “culinária, etc.”   |
| Atleta 17                             | “as mulheres”   |
| Atleta 18                             | “as mulheres”   |
| Atleta 19                             | “do clube Ceará e da minha namorada”                        |
| Atleta 20                             | “culinária e praias”  |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dos relatos descritos pelos 20 atletas participantes, foi feita uma tabela com as respostas mais frequentes encontradas na questão. A **tabela 20** apresenta os achados na questão dissertativa:

Tabela 20 – Questão 10: Do que você mais gosta aqui no Ceará? (Gráfico)



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com os relatos organizados de forma quantitativa na tabela acima, é possível concluir que 13 dos 20 atletas gostam das praias do estado do Ceará, e em seguida, a culinária cearense, mencionada por 8 dos 20 atletas.

As praias do Nordeste em geral são os destinos mais cobiçadas para aqueles que programam uma viagem para a região, e significa tanto para a cultura e o turismo local, que está presente em diversos poemas, como o “Mina!”, de Guibson Medeiros:

"De fora não se imagina  
como o nordeste é feliz  
tem o mar azul piscina  
e a terra fértil pra raiz  
de beleza é uma mina  
e a culinária nordestina  
é a melhor desse país."

O poema traz, além de uma exaltação às águas cristalinas das praias, uma menção ao povo feliz do Nordeste, ao seu solo fértil e enaltece a culinária nordestina como a melhor do país.

Trazendo um panorama geral sobre as praias e o turismo cearense, Dantas (2002) apresenta o turismo como um dos vetores inquestionáveis da política de desenvolvimento do Ceará, exercendo papel importante na resolução do desemprego e do déficit econômico. Esse quadro contribuiu para o surgimento de políticas públicas de planejamento do território, que transformaram a rede urbana do Ceará, que antes partia do litoral ao sertão e se baseava no porto. Com a construção de estradas litorâneas orientadas para o Aeroporto Internacional de Fortaleza, a cidade passou a ser ponto de recepção e de distribuição do fluxo turístico no litoral do Ceará, papel essencial na valorização dos espaços litorâneos, incorporando-os sob a dependência direta da capital e sem a mediação de outros centros urbanos.

Essa lógica de dominação paralela transforma as zonas de praia em mercadoria valorizadíssima, com a incorporação de novas práticas marítimas associadas ao veraneio e ao turismo. No Ceará esta transformação é controlada a partir de Fortaleza, cidade litorânea marítima que passa a ser reconhecida com a descoberta do turismo como atividade econômica rentável. Deste novo quadro, nasce a Cidade do Sol, centrada, de um lado, numa política de planejamento que a transforma numa importante destinação turística e, de outro lado, numa política de marketing adotada pelo Governo estadual e direcionada a Fortaleza (DANTAS, 2002).

A exemplo de outras cidades litorâneas de países em desenvolvimento, a elaboração da imagem turística de Fortaleza se deu a partir de um modelo internacional de desenvolvimento do turismo. Atualmente, o turismo da cidade de Fortaleza se desenvolve pela ação conjugada publicidade-propaganda, que forma opiniões, tanto internas (na escala local) quanto externas (nas escalas regional, nacional e internacional). A opinião interna é marcada pela criação de uma consciência turística, visando a convencer os habitantes de Fortaleza da vocação turística do Estado e da própria Capital. A opinião externa é marcada pelo reforço da imagem turística de Fortaleza, apresentada atualmente como um paraíso para os turistas desejosos por praias (DANTAS, 2002).

Desse modo, o estudo de Dantas (2002) auxilia-nos a compreender o motivo das praias do estado do Ceará serem algo que os atletas oriundos de outras regiões mais gostam no estado. A opinião desses atletas pode ser influenciada pelo projeto de publicidade e propaganda, que constrói uma imagem de Fortaleza baseada nas qualidades climáticas e na modernização do estado, em contraposição à imagem

trágica associada ao imaginário social da seca, que segundo o autor, prejudica o desenvolvimento do turismo.

A culinária que, embora 2 atletas de 16 disseram sentir falta disso em sua terra natal, tem agradado 8 dos 20 atletas participantes. Desses 8, um deles (atleta 8) que é natural do Rio Grande do Sul, disse sentir falta da culinária local, porém uma das coisas que gosta no estado do Ceará é da *esfiha*. Outro, natural do Maranhão, diz gostar da pizzaria. Os demais atletas, sendo mais um do Maranhão e do Rio Grande do Sul, dois do próprio estado do Ceará, um do Piauí e outro do Distrito Federal, declaram gostar da culinária em geral. Desse modo, dos 8 atletas, 5 são da própria Região Nordeste, 2 da Região Sul e 1 da Região Centro-Oeste.

Diante dessa distribuição por região, é importante mencionar o trecho de Francisco (2022), que caracterizou a culinária típica de cada região do país. Inicialmente falando da culinária nordestina, o autor menciona pratos típicos como “carne de sol, peixes, frutos do mar, buchada de bode, sarapatel, acarajé, vatapá, cururu, feijão-verde, canjica, arroz-doce, bolo de fubá cozido, bolo de massa de mandioca, broa de milho verde, pamonha, cocada, tapioca, pé de moleque”.

A culinária da Região Nordeste apresenta grande diferença, por exemplo, da culinária predominante na Região Sul, caracterizada principalmente por: “churrasco, chimarrão, camarão, pirão de peixe, marreco assado, barreado (cozido de carne em uma panela de barro), vinho”. A culinária da Região Centro-Oeste, por sua vez, tem por destaque “o arroz com pequi, sopa paraguaia, arroz carreteiro, arroz boliviano, Maria Isabel, empadão goiano, pamonha, angu, cural, os peixes do Pantanal - como o pintado, pacu, dourado, entre outros” (FRANCISCO, 2022).

Tratando exclusivamente da culinária cearense, o estudo de Carvalho (2014) expõe que os indígenas foram os responsáveis por trazer para a cultura cearense alguns elementos importantes da gastronomia, como: a retirada do veneno da mandioca para a fabricação e o consumo da farinha de pau; o subproduto do polvilho ou goma para fazer a tapioca; a cajuína, a partir do suco de caju decantado e filtrado; e a paçoca, uma carne de sol frita, socada no pilão de pedra ou de madeira, com farinha de mandioca e cebola.

Em conclusão, observa-se a importância do lazer para um melhor processo de ambientação desses atletas, tendo em vista que mais da metade deles mencionou a praia como algo que mais gostam no estado do Ceará. Além disso, a culinária local também recebeu destaque na avaliação dos atletas, mesmo aqueles oriundos de um



local com a culinária bem distinta da que se encontra no Nordeste, como o caso dos atletas da Região Sul.

Seguindo nessa pauta de diferenças existentes entre a terra natal e o estado do Ceará, o presente estudo buscou identificar quais as principais diferenças observadas pelos atletas. A **tabela 21** traz as respostas obtidas na décima primeira questão, que foi a seguinte: “Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará?”:

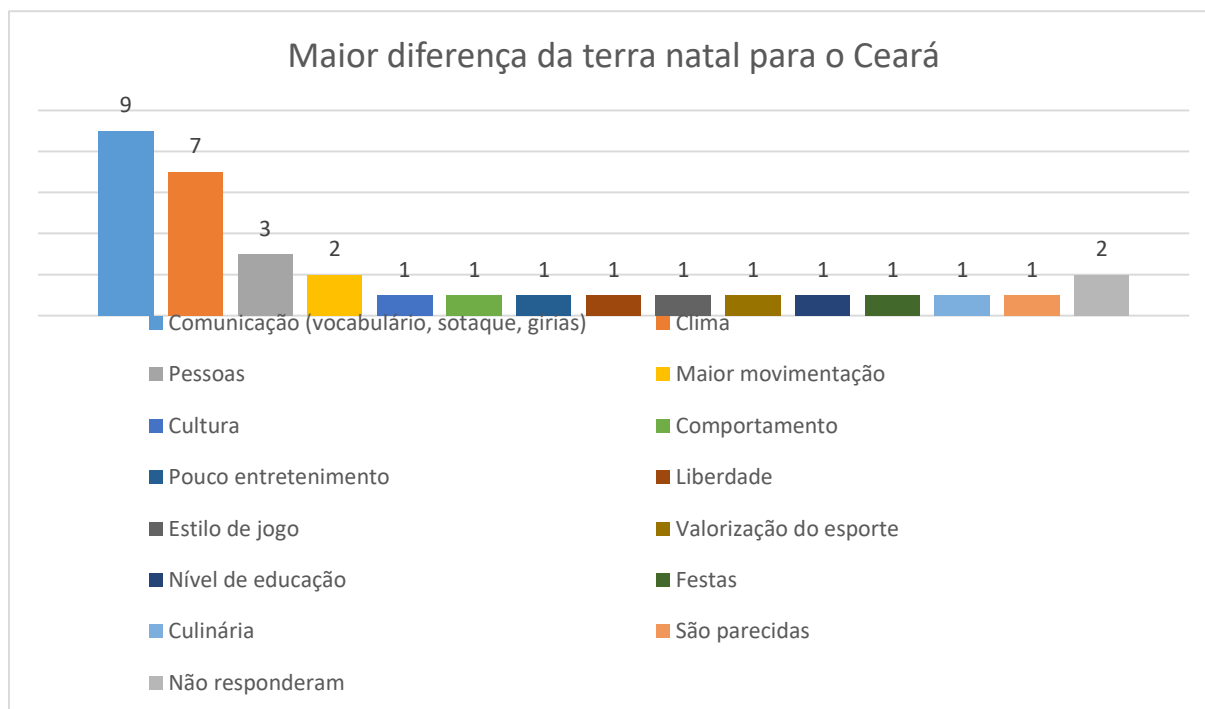
*Tabela 21 – Questão 11: Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará? (Dissertado)*

| <b>Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará?</b> |   |
|--|---|
| Atleta 1   | “clima e comunicação”   |
| Atleta 2   |   |
| Atleta 3   |   |
| Atleta 4   | “as pessoas, a forma de comportamento e cultura”                        |
| Atleta 5   | “porque na minha cidade sempre aparece algo <i>pra</i> fazer”           |
| Atleta 6   | “comunicação”   |
| Atleta 7   | “o estilo de jogo, comunicação, bem mais movimentada”                   |
| Atleta 8   | “da paz as vezes pois lá é muito calmo aqui na capital é muito corrido” |
| Atleta 9   | “o clima é totalmente diferente”  |
| Atleta 10  | “vocabulário”   |
| Atleta 11  | “o clima e a comunicação”   |
| Atleta 12  | “a liberdade”   |
| Atleta 13  | “são muito parecidas”   |
| Atleta 14  | “comunicação”   |
| Atleta 15  | “comunicação, clima, pessoas e festas”                                  |
| Atleta 16  | “culinária, a valorização do esporte”                                   |
| Atleta 17  | “as pessoas”  |
| Atleta 18  | “clima e o nível de educação”   |
| Atleta 19  | “sotaque, clima”  |
| Atleta 20  | “clima e gírias”  |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dos relatos descritos por 18 dos 20 atletas participantes (atletas 2 e 3 não responderam), foi feita uma tabela com as respostas mais frequentes encontradas na questão. A **tabela 22** apresenta os achados na questão dissertativa:

*Tabela 22 – Questão 11: Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará? (Gráfico)*



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Com os relatos organizados de forma quantitativa na tabela acima, é possível concluir que 9 dos 20 atletas observam que a comunicação, o vocabulário composto por gírias e carregado de sotaque é a maior diferença encontrada entre a terra natal e o estado do Ceará. Seguidamente, o clima é a maior diferença para 7 dos 20 atletas. Por fim, as pessoas do Ceará são muito diferentes das pessoas da terra natal de 3 dos 20 jogadores.

Coelho e Mesquita (2013) tratam essa questão de aspectos socioculturais da comunicação, afirmando que a linguagem permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações e, portanto, compreende-se que a cultura é constituída como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada indivíduo tem participação importante na construção cultural, por ser portador, disseminador, mas também criador de cultura. Arantes e Simon (2020) completam, dizendo que, como a língua é a identidade de um povo, então é importante reconhecê-la em sua realidade, como um organismo vivo que varia e muda no espaço e no tempo. Dessa forma,

aprender a variação linguística e seus vários mecanismos de funcionamento é fundamental para conhecer um pouco da cultura de um povo ou de um indivíduo, mas também para quebrar barreiras e preconceitos. As gírias e as expressões idiomáticas são uma das riquezas que a língua possui como um tipo de variação, a regional, que está presente no cotidiano e permite que se aprenda muitas expressões, a partir da interação com pessoas de outros estados.

O Ceará é marcado pela presença de um forte discurso regionalista, e para falar sobre o comportamento das pessoas do estado, é importante falar sobre sua origem com base em trechos de Carvalho (2014), para o autor, o território cearense era um local de difícil acesso por via marítima, devido a presença de correntes, dunas e ventos que dificultavam a navegação dos colonizadores que sequer atravessaram o Atlântico para tomar posse da terra descoberta no novo mundo. Além das dificuldades enfrentadas pelos colonizadores, de um porto natural e complicações na navegação, há ainda um elemento natural presente no território cearense que explica essa condição de “abandono” pelo donatário da Capitania: as serras. A Ibiapaba fazendo fronteira com o Piauí, o Apodi na fronteira com o Rio Grande do Norte e a Chapada do Araripe com Pernambuco trazem proteção ao território cearense, algo que reforçou seu povo a desenvolver hábitos, valores, práticas e constituir um repertório comum, que liga todo um povo em condições de irmandade, parecidos e, ao mesmo tempo, diferentes.

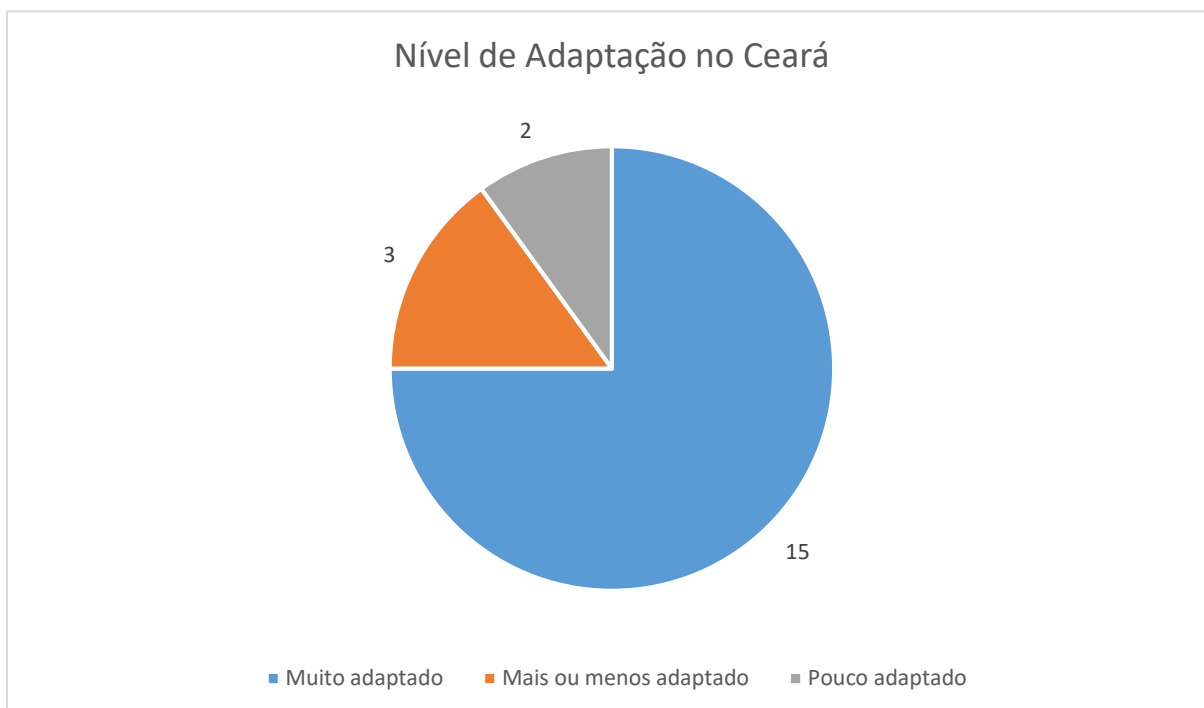
Nesta pergunta, também vale enfatizar algumas questões que tiveram apenas uma resposta, mas de alguma forma se relacionam. A questão da “liberdade”, “pouco entretenimento”, “maior movimentação”, “comportamento” e “festas”. Neste sentido, nos reportamos a Rodrigues (2004), para o autor, o técnico revela seu poder por meio dos esquemas, os atletas procuram sempre escutar e fazer o que o técnico manda. Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade. Na mesma linha, para Galeano (1995), os jogadores de futebol são submetidos a uma disciplina militar, sofrendo todo dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submetem aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona com que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera de partidas importantes, ficam presos num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, consomem comidas sem graça, se embebedam com água e dormem sozinhos. Conforme Balzano (2020), trata-se de controle discreto, invisível. Este controle, sem ser visto, existe nos clubes de futebol.

Os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho, dos treinos de diferentes naturezas e de muitas proibições, inclusive o cuidado em se pronunciar.

Conclui-se que, os atletas do clube cearense notam diferenças de sua terra natal em aspectos como a comunicação, o clima e o comportamento das pessoas. Com a diversidade de atletas oriundos de outras regiões, é fundamental a interação entre eles, para que possam aprender sobre outras culturas, adquirir novos conhecimentos, novas gírias e expressões que variam conforme a região e marcam as origens desses atletas, portanto, aprender a variação linguística e seus vários mecanismos de funcionamento é fundamental para quebrar barreiras e preconceitos. Com relação ao clima quente e úmido da Região Nordeste, foi mencionado anteriormente que, mesmo para os atletas nordestinos, há uma certa dificuldade em se adaptar a exposição a temperaturas elevadas, sobretudo durante treinamentos e jogos. Já o debate sobre o comportamento das pessoas no estado do Ceará é carregado de cultura e passagens históricas, visto que no Ceará, estado que tem sua origem vinculada a um contexto de esquecimento pelos seus colonizadores, o desenvolvimento dos habitantes dessa região se deu em um contexto restrito principalmente aos indígenas que habitavam o local, aos ancestrais africanos e aos portugueses, e por se tratar de um território de difícil acesso via marítima, com dunas e serras em suas fronteiras com os estados limítrofes, a cultura, a identidade e os sotaques predominantes dessa região são herança desses ancestrais. No que diz respeito a liberdade dos atletas é preciso que técnicos não se deixem cair no papel de meros animadores, que praticantes e espectadores não se sintam apenas fregueses e consumidores, e que dirigentes não vejam no desporto apenas uma mercadoria que se compra ou vende a qualquer preço.

Assim como a questão 7 do presente questionário, que buscou identificar o nível de adaptação dos 20 participantes do estudo, a décima segunda questão busca compreender como o atleta se sente com relação a sua adaptação, a partir da seguinte questão: *“Como você se sente em relação a adaptação aqui no Ceará?”*. A **tabela 23** traz as respostas obtidas:

Tabela 23 – Questão 12: Como você se sente em relação a adaptação aqui no Ceará?



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Diferentemente da questão 7 do questionário, a presente questão possui três alternativas, e o participante pode assinalar apenas uma delas, sendo a que mais traduz seu sentimento em relação à adaptação ao estado do Ceará. Os resultados obtidos indicam que 15 dos 20 atletas se sentem muito adaptados ao estado, enquanto 3 se sentem mais ou menos adaptados e 2 dos 20 participantes se sentem pouco adaptados.

Estabelecendo uma comparação com os achados da questão 7, observa-se que todos os 7 atletas que informaram ter uma ótima adaptação ao estado, assinalaram na presente questão que se sentem muito adaptados, que representa a alternativa mais coerente para esses pesquisados.

Dos 11 participantes que assinalaram ter uma boa adaptação na questão 7, 8 deles se sentem muito adaptados e 3 deles se sentem mais ou menos adaptados. Ou seja, a questão proposta para que os atletas analisassem seu sentimento com relação ao nível de adaptação no Ceará, contribuiu para traduzir a classificação de “boa adaptação” de mais da metade dos pesquisados na questão 7.

Por fim, encontra-se que os 2 atletas que indicaram se sentir pouco adaptados ao estado do Ceará, são os mesmos que classificaram na questão 7 o nível de adaptação como razoável, portanto, mostra-se uma coerência dos pesquisados em

assinalar que o nível de adaptação deles e o que sentem com relação a isso apresentam uma congruência.

Em uma outra perspectiva sobre estar bem adaptado, Balzano (20200, considera que o jogador de futebol, na busca quase sempre insana pelo seu reconhecimento no futebol, perde sua autonomia e se torna um produto para os clubes e empresários. Os atletas que buscam se estabelecer no futebol devem suportar não apenas a subordinação ao clube empregador, mas também a uma torcida exigente, a uma família esperançosa e a uma mídia sufocante. Nesse contexto, o jogador quase perde a sua identidade para ser – unicamente e a qualquer tempo –, jogador de futebol, ficando próximo de uma permanente disponibilidade.

No aspecto citado pelo autor, podemos exercitar a hipótese, que muitos dizem estar adaptados, mesmo não estando, porque o objetivo maior, que é se tornar jogador de futebol profissional, deve estar a frente de qualquer dificuldade que se apresente.

Mas, em conclusão, nota-se que os resultados obtidos na presente questão são coerentes, quando comparados com os achados da sétima questão, sobretudo para os dois extremos. Todos os 7 atletas que assinalaram ter tido uma ótima adaptação ao estado do Ceará, disseram sentir-se muito adaptados na presente questão, assim como o oposto também é válido, visto que os 2 atletas que indicaram ter um nível de adaptação razoável, disseram se sentir pouco adaptados ao estado. A questão 12 foi válida para compreender como os atletas que, em sua maioria, assinalaram ter uma boa adaptação na questão 7, se sentem em relação a essa adaptação. É possível afirmar que o saldo foi positivo, tendo em vista que, desses 11, 8 deles disseram se sentir muito adaptados, e apenas 3 se sentem mais ou menos adaptados.

Diante de todas as informações coletadas por meio desse questionário, a última questão consiste em um espaço para que os 20 atletas possam deixar sugestões ao clube cearense, motivada pelo seguinte questionamento: *“O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?”*. A **tabela 24** traz a sugestão de cada participante:

Tabela 24 – Questão 13: O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?

| <b>O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?</b> |   |
|---|---|
| Atleta 1  | “Acredito que o clube acolhe muito bem quem vem de fora”.                             |
| Atleta 2  | “Não precisar mais estudar”.  |
| Atleta 3  | “Pagar pizza todo final de semana”.   |
| Atleta 4  | “Dar o apoio necessário por meio de conversas, etc.”.                                 |
| Atleta 5  | “Conversar mais comigo e me falar o que é melhor para evoluir”.                       |
| Atleta 6  | “Eventos sociais entre atletas e funcionários”.                                       |
| Atleta 7  | “Conversar mais, melhorar pequenas coisas no alojamento”.                             |
| Atleta 8  | “Levar a gente para ver os jogos do profissional no Castelão”.                        |
| Atleta 9  | “Ser mais liberal, assim vamos conhecer melhor o estado”.                             |
| Atleta 10   | “Tentar trazer uma vivência parecida com a que tinha na minha cidade”.                |
| Atleta 11   | “Trazer um pouco da cultura da minha cidade, por exemplo, alguns jogos que temos lá”. |
| Atleta 12   | “Melhora de lazer, sala de jogos, mais campeonatos, me alugar uma casa”.              |
| Atleta 13   | “Melhorar os quartos, sala de jogos, etc.”.   |
| Atleta 14   | “O alojamento”.   |
| Atleta 15   | “A estrutura do clube”.   |
| Atleta 16   | “O clube precisa dar um apoio necessário aos atletas”.                                |
| Atleta 17   |   |
| Atleta 18   | “Acho que o clube deve entender as necessidades do atleta”.                           |
| Atleta 19   | “Jogos e atividades para entreter os atletas”.  |
| Atleta 20   | “Disponibilizar passeios para conhecer a cidade”.                                     |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Desses 20 participantes, apenas o atleta 17 não teceu comentários e sugestões ao clube, e o atleta 1 afirma que o clube acolhe muito bem quem vem de fora. Dentre os demais atletas, os fatores mais importantes sugeridos para uma melhor adaptação ao clube e ao estado do Ceará foram: mais diálogo com os atletas; a melhora da estrutura do clube; promover eventos de integração e lazer; propiciar aos atletas a

experiência de conhecerem o clube e o local que habitam; garantir que os atletas vivenciem parte de sua cultura local.

Com relação ao fator mais frequente, 5 atletas (atletas 4, 5, 7, 16 e 18) fizeram menção de que uma melhor adaptação ao estado do Ceará requer mais diálogo por parte dos profissionais do clube com os atletas, não apenas no processo de ambientação, mas também para garantir o suporte conforme as necessidades desse jogador que, como mencionado anteriormente, com a distância dos familiares, acaba ficando mais dependente do clube.

Os atletas 4 e 16 afirmam que o clube precisa dar o apoio necessário aos jogadores das categorias de base por meio de conversas, enquanto o atleta 18 vê como aspecto importante que o clube entenda as necessidades deles. É importante mencionar que, dentre as dificuldades enfrentadas, o longo processo seletivo pelo qual estes jovens passam é extremamente conflituoso e, segundo Marques e Samulski (2009), envolve uma série de obstáculos, como a separação de familiares e amigos que compõem seu meio social, a dificuldade em continuar os estudos, o grau elevado de cobrança em treinamentos e competições, além da incerteza com relação à continuidade de sua carreira esportiva.

Em meio a essa incerteza, o atleta 5 manifesta seu interesse em evoluir profissionalmente, e acha fundamental esse diálogo com profissionais do clube para entender qual o melhor a se fazer para alcançar seus objetivos. Essa busca incessante pela evolução se dá, na maioria das vezes, pelo desejo dos jovens de se profissionalizarem em uma carreira vista como uma das mais promissoras, que é a de jogador de futebol. Segundo Amaral e colaboradores (2007), a ênfase da mídia esportiva pelo lado “positivo” da profissão e o sucesso de jogadores brasileiros, atrelados ao incentivo dos pais e o deslumbramento do jovem por uma vida social de status e independência financeira, exercem grande influência nessa iniciativa de se tornar jogador de futebol profissional.

Balzano e Morais (2012) reforçam que a possibilidade de uma rápida ascensão social por meio do esporte mexe com o imaginário das pessoas, pois em poucos anos um adolescente pode se tornar milionário com um bom desempenho esportivo. Nesse contexto, muitos meninos de famílias de baixa renda jogam com o objetivo principal de conseguir dinheiro para oferecer uma boa qualidade de vida aos seus familiares, comportamento que tornou o futebol cada vez menos elitista, aproximando-o das camadas mais pobres da sociedade.



Entretanto, esse sonho por fama e dinheiro através do futebol esconde a dificuldade existente no início dessa jornada, na qual uma ínfima minoria atinge a carreira profissional. Com a ilusão de atingir o sucesso através do futebol, os jovens abandonam a escola, meio certo e garantido para uma vida melhor, e muitos deles acabam em subempregos, às margens da sociedade, ou até mesmo na criminalidade, nas drogas e em outros vícios decorrentes do fracasso, da frustração e da desilusão. E tudo isso porque, durante o desenvolvimento desses jovens, eles não se prepararam ou não foram devidamente orientados para buscar alternativas fora e além do futebol (ROSA, 2009).

Portanto, “no auge da sua inocência” como diz Rosa (2009), o jovem atleta deve ser amparado pelo seu clube, informado das dificuldades existentes no meio do futebol e de que a grande maioria não atinge o profissionalismo, mas é importante que os profissionais do clube identifiquem as carências dos atletas e supram as necessidades existentes nesse processo, incentive-os a evoluir na profissão, mas sempre enfatizando a importância de estudar, tendo em vista que há um relato de um dos participantes do presente estudo que afirma que seria interessante “não precisar mais estudar”.

Outro fator mencionado por 5 atletas (atletas 7, 12, 13, 14 e 15) é referente a necessidade de melhorias nas instalações do clube cearense, seja na estrutura do alojamento em geral, dos quartos ou de espaços específicos, como a sala de jogos, citada por dois desses atletas. Essa indicação pode ser motivada por uma comparação estabelecida pelos próprios atletas, da estrutura encontrada em outros clubes com relação ao clube atual, tendo em vista que os 5 que sugeriram essa mudança passaram por 1, 2 e até 3 clubes antes do clube cearense.

Como mencionado na introdução do presente estudo, é observado um avanço no profissionalismo do futebol nas últimas décadas, motivado por um maior interesse das iniciativas privadas, o que impulsiona os profissionais envolvidos a buscarem constantemente o rendimento máximo, a superação e a vitória, a partir de um aprimoramento geral, sobretudo no domínio tecnológico da comissão técnica para uma melhor preparação dos futebolistas (GOMES; DE SOUZA, 2009).

Referente à formação de atletas no futebol cearense, os entrevistados do estudo de Oliveira (2015) argumentam que atualmente o futebol cearense está em baixa na produção de jogadores habilidosos e criativos, e embora o processo de evolução e transição do futebol esteja proporcionando melhorias nos clubes, precisa

haver mais investimento nas categorias de base, pois foi através desses investimentos nas categorias de base que times europeus, como a seleção alemã, colheram os frutos e conquistaram títulos.

Diante disso, o estudo de Oliveira e Martins (2020), analisa a relevância de investimento em formação e direitos econômicos de atletas de um clube cearense, no caso o Ceará Sporting Club, após seu acesso a série A do campeonato brasileiro. Com base nos resultados obtidos, os autores concluíram que, com a permanência na série A nos anos de 2018 e 2019, os investimentos em jogadores no Ceará Sporting Club aumentaram consideravelmente, tanto com relação à formação de atletas das categorias de base, quanto à “compra” de atletas profissionais do clube, e destaca-se assim a visão do clube a longo prazo, com o aumento de investimento em categorias de base.

Portanto, os estudos mencionados apontam para a importância de maiores investimentos na formação de atletas das categorias de base, que refletem na performance da equipe a longo prazo. Dentre os investimentos possíveis, é fundamental que a parte de estrutura do alojamento seja contemplada, incluindo a sala de jogos, pois o momento de lazer também é fundamental para uma melhor adaptação desses atletas.

Consoante a isso, 3 atletas (atletas 6, 12 e 19) sugerem que a melhoria dos momentos de lazer é um fator imprescindível para que haja uma melhor adaptação dos jovens jogadores ao novo clube, seja com a realização de eventos sociais entre atletas e funcionários, indicada pelo atleta 6, a disponibilidade de jogos e atividades para entretê-los, como indica o atleta 19, ou apenas a melhora do lazer para o atleta 12.

O estudo de Lima, Veloso e Monteiro (2021) objetivou compreender a relação entre o esporte e o desempenho ocupacional de jogadores de futebol de categoria de base nas áreas de educação, relações interpessoais e lazer. Os resultados obtidos indicaram uma tendência dos atletas pesquisados a se voltarem para atividades relacionadas ao esporte, em detrimento de atividades de cunho educacional e de lazer. Dessa forma, nota-se uma fragilidade do lazer, do trabalho e das relações interpessoais no cotidiano desses jovens, e a necessidade de intervenção para que estes possam vivenciar experiências que ressignifiquem seus cotidianos e suas áreas de desempenho.

Figuerôa, Cruz e Silva (2019) idealizaram um projeto de recreação destinado a atletas das categorias sub-14 e sub-15 de um clube de futebol profissional da cidade de Curitiba, alojados no centro de treinamento e com moradia externa. Com a realização desse projeto, os relatórios dos estagiários e da psicóloga indicaram que, quase todos os atletas foram muito receptivos e participativos quanto às atividades propostas, demonstraram interesse e comprometimento, principalmente em situações desafiadoras, as características de liderança se destacaram em alguns, a integração e cooperação entre os grupos foi crescente, os vínculos de amizade entre os atletas foram fortalecidos e todos participavam com alegria. Ademais, os jovens atletas puderam experimentar inúmeras situações e estímulos, demonstrando reações cognitivas, psicológicas e físicas diversas que expuseram suas dificuldades, limites e potencialidades ao terem que lidar, de forma autônoma, com as diferenças, com o outro e com a coletividade.

Assim, os autores reforçam a importância do trabalho recreativo com os atletas de base, argumentando que as atividades desenvolvidas visam à formação integral das crianças e adolescentes que realizam seus treinamentos no clube de futebol profissional, proporcionando-os uma preparação mais completa, desenvolvendo habilidades que podem ser desfavorecidas apenas com o treinamento técnico e tático do futebol. Tudo isso permite um melhor enfrentamento de desafios por parte desses jovens atletas, para que estes alcancem a categoria profissional, beneficiando também o clube que optou por esse investimento (FIGUERÔA; CRUZ; SILVA, 2019).

Um outro fator lembrado por 3 atletas (atletas 8, 9 e 20) defende a importância de que o clube propicie a esses jovens, oriundos de outras cidades e estados, a experiência de conhecerem o clube e o local que habitam, seja como sugeriu o atleta 8, com iniciativas de aproximação dos atletas da base com o elenco profissional, levando-os para jogos oficiais da equipe na Arena Castelão, em Fortaleza, ou permitindo que os atletas conheçam melhor a cidade e o estado, como sugerem os atletas 9 e 20, que o clube seja mais flexível ou que realize esses passeios guiados.

Um trecho do estudo de Faggiani (2017), argumenta que os atletas de categorias de base que residem nas instalações de clubes brasileiros de futebol vêm de diferentes regiões do país e do exterior e, além dos riscos existentes, enfrentam desde o princípio um processo de aculturação no futebol, ou seja, a grande maioria dos jovens chegam em novos contextos, sem saber nenhuma informação afetivo-cultural do local onde irão residir, sem conhecimento dos costumes locais, do clima

meteorológico, dos alimentos típicos, das questões políticas, das raízes e crenças da região e do próprio clube.

A autora reforça que, o processo pelo qual esse indivíduo passa ao ser inserido em um local culturalmente diferente ao seu, influencia diretamente em sua performance e no ciclo vital, podendo determinar o sucesso e o fracasso dos atletas no contexto do futebol. Além de se depararem com questões culturais bem diferentes (como alimentação, temperaturas e valores), os atletas enfrentam rotinas intensas de treinos intercalados com atividades escolares, estando, assim, em risco de apresentar sofrimento emocional por estarem em um novo contexto e terem pouco tempo para adaptação, devido à alta exigência relacionada à performance esportiva no futebol em um curto período de tempo (FAGGIANI, 2017).

Os resultados do estudo de Faggiani (2017) apontam que 63% dos atletas apresentaram déficits nas habilidades sociais após seis meses do processo de aculturação do presente estudo, sendo os fatores de enfrentamento e de autoexposição os que apresentaram déficits mais significativos. Durante o processo de aculturação, os atletas apresentaram sintomas mínimos de ansiedade, depressão e estresse, apesar de uma correlação significativa entre as habilidades sociais de autocontrole e ansiedade e depressão. A chegada ao clube sem conhecer ninguém, os costumes da região, a temperatura, o tipo de treinamento e a distância de casa e da família, são descritos como fatores de risco que interferem no rendimento esportivo. Ademais, é mencionado também o uso de novas tecnologias de informação e comunicação (TICS), como o WhatsApp, para interação com amigos e familiares.

Diante do que foi apresentado, é importante que o clube apresente esse cuidado com a inserção de um novo jogador oriundo de outra região, que estimule esse atleta a interagir com os demais companheiros de equipe, funcionários do clube, propiciando a formação de novos vínculos e redes de apoio, além de poder contribuir com a exploração do local que este passará a habitar, prevenindo casos anteriormente mencionados, de alienação social, déficit de habilidades sociais e fracassos no desempenho esportivo. Além disso, diante do enfrentamento de adversidades inerentes ao processo de adaptação, é importante que esses atletas vivenciem parte de sua cultura local, para que não venham a se tornar "sem pátria", como menciona Faggiani (2017), e viver em conflito no que tange à sua identidade cultural.

Os atletas 10 e 11 indicam a importância de o clube integrar vivências e aspectos culturais semelhantes aos que eram encontrados em suas cidades, para

contribuir com uma melhor adaptação ao estado do Ceará. Esse comportamento garante que os atletas não sejam inseridos de forma abrupta a uma cultura oposta a qual estão habituados.

O estudo de Pereira, Pimentel e Kato (2005) reforça a importância desse aspecto para evitar o retorno prematuro de um expatriado pelo não ajustamento a nova cultura. Os autores complementam que o contato que se espera que esse indivíduo faça com a nova cultura não é apenas como observador ou estudioso, mas como agente ativo, cujos recursos de atuação são oriundos da sua cultura de origem. É importante construir um espaço de convivência desse indivíduo com a nova cultura, que possa ser fortalecido pela presença constante e marcante dos elementos culturais de origem. Os autores afirmam que, a principal solução encontrada por grandes empresas do mercado internacional para que a vivência com elementos culturais de origem seja fortalecida, é através da expatriação do indivíduo com seus familiares.

Portanto, é importante que os atletas conheçam e explorem esse novo ambiente no qual estão inseridos, mas para evitar a ocorrência de um choque cultural e esse conflito no que tange a aquisição de novas informações inerentes ao processo de adaptação, é importante também garantir que os aspectos culturais nativos serão preservados e constantemente vivenciados. Nesse aspecto, a intervenção por parte do clube é indispensável, seja para garantir o suporte aos atletas com mais diálogo, buscando compreender suas necessidades, como também garantindo que o local de vivência desses atletas seja favorável para uma melhor ambientação.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas, oriundos de outras regiões, em um clube cearense de futebol. A proposta é realizada por meio da aplicação de um questionário fechado, com um grupo de 20 jogadores das categorias de base sub-17, somado ao embasamento das literaturas pesquisadas que relatam sobre as particularidades da cultura brasileira e cearense, tudo que envolve o jogo de futebol propriamente dito e a formação de atletas no Brasil. A hipótese do nosso estudo, de acordo com os resultados da nossa pesquisa, foi confirmada. Os aspectos socioculturais podem influenciar no rendimento dos atletas da categoria sub-17, que já assinaram seu primeiro contrato com o clube, e almejam a carreira de jogador profissional de futebol.

Na pesquisa foram *identificadas as características socioculturais observadas pelos atletas em seus clubes de origem*, e foi possível constatar que grande parte deles mencionam dificuldades de comunicação em relação ao novo contexto no clube cearense, devido ao emprego de gírias e um sotaque marcante encontrado no estado, que dificulta durante treinamentos e jogos, no estabelecimento de relações interpessoais, e trata-se do terceiro fator que os atletas menos gostam na região. Outra dificuldade encontrada pelos atletas, em uma comparação estabelecida entre seu local de origem e o atual, diz respeito ao clima muito quente, que é o fator que a maioria dos participantes menos gostam no estado, incomodando não apenas os atletas oriundos de outras regiões, mas também parte dos nordestinos, que teoricamente estão habituados com o calor, entretanto, não apenas no cotidiano deles, mas durante os treinamentos e jogos é um fator negativo para a performance esportiva. Em uma comparação estabelecida pelos próprios jogadores com seus clubes anteriores, alguns deles abordam a estrutura do alojamento, sugerindo ao clube melhorias em diversos aspectos, motivados por uma perspectiva idealizada previamente que confronta com a realidade apresentada.

Com relação às *características socioculturais observadas no clube cearense*, nota-se que alguns dos atletas se sentiram bem acolhidos pelo clube, enquanto outros viram a necessidade de maiores diálogos por parte dos profissionais do clube com seus jogadores. Esse quadro se reflete nas respostas obtidas em algumas questões que tratam sobre bom relacionamento com funcionários e companheiros de equipe, onde 100% dos participantes afirmam a importância de manter um bom

relacionamento com dirigentes, funcionários, comissão técnica e demais integrantes do clube, para uma melhor adaptação. Consoante a isso, 80% dos entrevistados declaram manter um bom relacionamento tanto com atletas cearenses quanto com aqueles de outras regiões, entretanto, nenhum deles afirma ter bom relacionamento apenas com nativos do estado do Ceará.

A investigação realizada sobre as *dificuldades enfrentadas pelos atletas ao se transferirem para outra região* apresenta que, o fator sociocultural predominantemente citado nas questões foi a falta de convívio com familiares no convívio do cotidiano. Dentre os pesquisados, 90% apontam a ausência da família como um aspecto sociocultural de maior dificuldade de adaptação em outra região, sendo que os mesmos 90% acreditam que a presença de familiares ou amigos íntimos seria um facilitador nesse processo de adaptação. Portanto, além da família, é mencionada questões do aspecto social que envolve os amigos íntimos, a namorada e demais pessoas que compõem esse ciclo comum do atleta. A saudade é tanta que, dos 20 pesquisados, 80% deles demonstraram interesse em retornar para sua cidade natal, seja para visitar ou em um eventual projeto de carreira, sendo que, dos fatores que os atletas sentem mais falta em sua cidade, todos estes declaram sentir mais falta da família. Durante treinamentos e jogos, as maiores dificuldades enfrentadas pelos atletas são: a expectativa e pressão exercida sobre eles, a comunicação com os companheiros de equipe e o calor excessivo que predomina na região. Ademais, o clima local, as músicas típicas, as gírias e o sotaque foram fatores que os atletas demonstraram menos gostar no estado do Ceará.

Em oposição, das *vantagens observadas pelos atletas nesse processo de transferência para outra região*, destaca-se as praias, a culinária e as mulheres cearenses nas declarações dos participantes, mas também são mencionados os shoppings, o próprio clube cearense em que atuam, a semelhança do estado de transferência com a terra natal, o clima da região, as festas e a namorada, como fatores que se mostraram fundamentais para uma melhor adaptação dos atletas. Tal situação se evidencia nas questões que tratam de classificar a adaptação dos próprios na região, onde 90% deles classificam como ótima ou boa adaptação, sendo que 75% se sentem muito adaptados ao estado do Ceará.

Por fim, com base na hipótese inicial, é possível concluir que os aspectos socioculturais podem sim influenciar no rendimento dos atletas da categoria sub-17, tendo em vista que quase a totalidade deles sentem falta do convívio com os familiares

e amigos, muitos ainda não se adaptaram com fatores característicos do estado do Ceará, sobretudo com a culinária local e o calor excessivo, além de que, a expectativa e a pressão exercida a respeito da carreira dos atletas é capaz de mexer com o psicológico desses jovens que, nessa categoria, já assinaram seu primeiro contrato com o clube e almejam a carreira de jogador profissional de futebol. Foi observado durante o estudo que, quanto mais próximo da profissionalização, esses jovens podem ficar vislumbrados com o sucesso, influenciados pela mídia e pelas pessoas mais próximas de seu meio social. Esse aspecto é um dos principais influentes no rendimento desses atletas, que podem querer interromper seus estudos em prol da carreira de jogador de futebol, com isso, tem a possibilidade de se sentirem pressionados a alcançar o profissionalismo a todo custo, para garantir a ascensão social e qualidade de vida da família, e esse comportamento pode comprometer o futuro desses jovens e merece total atenção pelos profissionais do clube. Portanto, além dos fatores externos já mencionados, o que pode determinar o sucesso ou o insucesso destes atletas é a motivação intrínseca e vontade demonstrada por cada um deles em assumir as responsabilidades do processo de profissionalização, a capacidade de lidar com todas as adversidades inerentes do processo de formação de um jogador profissional de futebol, que representa o maior sonho da vida desses jovens e todo esforço pode ser recompensado com a realização.

Na intenção de contribuir com o clube na resolução de problemas decorrentes de um processo de adaptação marcado por experiências negativas vivenciadas pelos atletas, uma das questões presentes no questionário aplicado pergunta: *“o que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?”*. Dos 20 participantes, apenas o atleta 17 não teceu comentários e sugestões ao clube, e o atleta 1 afirma que o clube acolhe muito bem quem vem de fora. Dentre os demais atletas, os fatores mais importantes sugeridos para uma melhor adaptação ao clube e ao estado do Ceará foram: mais diálogo com os atletas; a melhora da estrutura do clube; promover eventos de integração e lazer; propiciar aos atletas a experiência de conhecerem o clube e o local que habitam; garantir que os atletas vivenciem parte de sua cultura local. Desse modo, é importante que os profissionais do clube tenham um controle da situação em que se encontra determinado jogador, estabelecendo uma relação de proximidade para que não se perca um atleta com potencial, por uma carência no processo de adaptação.



Para a realização do presente estudo, as dificuldades encontradas dizem respeito ao formato escolhido para o instrumento da coleta de dados, tendo em vista que a realização de uma entrevista semiestruturada exige um tempo dedicado que seria inviável, devido à rotina de treinos e competições nas quais os atletas da categoria sub-17 do clube cearense participam. Entretanto, o tempo destinado à pesquisa foi suficiente para a aplicação de um questionário fechado, onde o clube, seus funcionários e o jogadores que compuseram a amostra se mostraram bem receptivos e contribuíram com todos os procedimentos realizados nesse trabalho de conclusão de curso.

Este estudo contribui para a minha formação acadêmica e profissional, por proporcionar essa experiência de visita a um clube de futebol relevante no cenário nacional, onde foi possível compreender parte do trabalho e do profissionalismo existente nas categorias de base. Além disso, foi importante investigar o quanto a influência de fatores socioculturais pode ser determinante para que o atleta em formação alcance seu sonho de se tornar jogador profissional de futebol, ou tenha seu processo marcado pela frustração de não conseguir se adaptar a um novo clube, uma nova moradia com novos companheiros de equipe, por fruto dessa configuração mercadológica do futebol no qual o jogador está sujeito a transferências.

Como possíveis formas de corroborar e complementar o tema do presente trabalho, é sugerido para estudos futuros que, se possível, sejam realizadas entrevistas semiestruturadas com os atletas, para extrair o máximo nos relatos a respeito da vivência deles durante essa formação nas categorias de base. Além disso, é importante incluir nos dados de identificação dos atletas o tempo que cada um deles tem morando no estado e também o período que chegou ao clube pesquisado, visto que as respostas favoráveis ou desfavoráveis com relação ao processo de adaptação podem se dar pelo tempo em que estes se encontram vinculados ao clube atual.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tobias Benjamin Costa de; SOUZA, Divaldo Martins de. **Abandono dos estudos: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

AMARAL, Paulo Roberto Trombini; THIENGO, Carlos Rogério; OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. **Revista Digital EF Deportes**, Buenos Aires, v. 12, n. 115, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.htm>>. Acesso em 14 nov. 2022.

ARANTES, Helene Carvalho; SIMON, Renata. **Variedades de expressões idiomáticas e gírias das regiões brasileiras onde os alunos da turma nasceram**. In: DE OLIVEIRA, Roberta Pires; QUAREZEMIN, Sandra. Artefatos em gramática: ideias para aulas de língua. Florianópolis: DLLV/CCE/UFSC, 2020.

BALZANO, Otávio Nogueira; MORAIS, Jannaina Sousa. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **Revista Digital EF Deportes**. Buenos Aires, v. 17, n. 172, 2012.

BALZANO, Otávio Nogueira. **O ensino do futebol na perspectiva decolonial: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra” – da formação na educação superior aos clubes de futebol**. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2020. 400 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade La Salle, Canoas/RS, 2020.

BALZANO, Otávio Nogueira; SILVA, Gilberto Ferreira da. Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 38, p. 314-328, 2018.

BARNSLEY, H.; THOMPSON, H.; BARNSLEY, E. Hockey success and birthdate: The relative age effect. **Journal of the Canadian Association of Health, Physical Education and Recreation**, Ottawa, v. 51, p. 23-28, 1985.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MAGNANI, Aline; TEGA, Eduardo; MEDINA, João Paulo. Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 177-182, jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos (Res. CNS n.o 196/96 e outras) = Rules on research involving human subjects (Res. CNS 196/96 and others)** / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. – 2. ed. ampl., 1.<sup>a</sup> reimpressão., – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília. 1997.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da geolinguística no Brasil. **Linguística**, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. Questões Culturais no Ceará. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 263-275, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática. 2000.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entrelinhas**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.

COSTA, Israel Teoldo da; CARDOSO, Felipe da Silva Leite; GARGANTA, Júlio. O Índice de Desenvolvimento Humano e a Data de Nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de Futebol ao alto nível de rendimento?. **Motriz: revista de educação física**, Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 34-45, jan./mar. 2013.

DAMATTA, Roberto (org). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, Porto Alegre, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. CONSTRUÇÃO DA IMAGEM TURÍSTICA DE FORTALEZA/CEARÁ. **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/195>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: Educação física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 20. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FAGGIANI, Fernanda Tôrres; LINDERN, Daniele; STREY, Artur; AIQUEL, Paula Fernandes; FULGINITI, Daniel; SARTORI, Camila; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. O fenômeno do expatriado no contexto esportivo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 738-747, jul./set. 2016.

FAGGIANI, Fernanda Tôrres. **O processo de aculturação e a adultez emergente em atletas de futebol**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Tese de

Doutorado Editora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

FERREIRA, Camila; SOUZA, Henor Artur de; ASSIS, Eleonora Sad de. Estudo do Clima Brasileiro: reflexões e recomendações sobre a adequação climática de habitações. **ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, Maceió, v. 15, p. 429-438, nov. 2014.

FERREIRA, Francisco Adolfo. Qual era o segredo do futebol brasileiro? **Universidade do Futebol – Revista Digital**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/qual-era-o-segredo-do-futebol-brasileiro>>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FIGUERÔA, Katiúscia Mello; CRUZ, Lucas Diego da; SILVA, Marcos Ruiz da. **RECREAÇÃO NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE BASE: EXPERIÊNCIA EM UM CLUBE DE FUTEBOL PROFISSIONAL DA CIDADE DE CURITIBA**. In: 30º ENAREL Encontro Nacional de Recreação e Lazer e IX Seminário de Estudos do Lazer. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Diversidade Cultural no Brasil**. Mundo Educação – UOL. 2022. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/diversidade-cultural-no-brasil.htm>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

FREITAS, Leonardo Paul Ribeiro de; NETO, João Rezende da Costa; CARDOSO, Ronan Martins; FERREIRA, Maria Paula Pereira. Estudo do fenômeno do regresso de ex-atletas sul-mineiros de futebol do exterior. **Revista Digital EF Deportes**, Buenos Aires, v. 16, n. 162, 2012.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol: a sol y sombra y otros escritos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1995.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GASTALDO, Édison. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 22, p. 353-369, jul./dez. 2009.

GIGLIO, Sérgio Settnani. **Futebol-arte x futebol-força: a opinião de técnicos**. 2003. 42f. Relatório Final Fapesp (Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIGLIO, Sérgio Settnani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n], 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Antonio Carlos; DE SOUZA, Juvenilson. **Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

GOMES, Antonio Carlos. **Escolinha de Futebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

GOMES, Luis Henrique Lobo Silame. Cuidados na hidratação em jovens jogadores de futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 3, n. 2, p. 38-47, jul./dez. 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; SILVA, Leandro Cruz Fróes da. **Esportes de invasão: basquetebol-futebol-futsal-handebol-ultimate frisbee**. Maringá: Ministério do Esporte. Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

GUIMARÃES, Murilo Balbino; PAOLI, Próspero Brum. O treinamento técnico por posição no futebol: as especificidades na percepção dos técnicos de categorias de base do futebol mineiro. **Revista Brasileira de Futebol (The Brazilian Journal of Soccer Science)**, v. 4, n. 1, p. 42-53, jan./jul. 2013.

HILLESHEIM, Walter Jacó. **Escola versus futebol: O perfil em relação à escolaridade e a dificuldade dos atletas em conciliar a escola com o futebol**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

JULIÃO, Rodrigo Odair Oliveira; SILVA, César Milagres da; BRAGA, Wanda Maria Costa; SILVA, Siomara Aparecida da. Efeito da idade relativa nas seleções mundiais de base sub 17 e sub 20. **Motricidade**, v. 14, n. SI, p. 39-43, 2018.

KRUSE, Daniel. **A disciplina de futebol e seu papel na formação do professor de educação física**. Programa de Mestrado em Educação. Área de Concentração: Educação Básica. UNIVERSIDADE do VALE do RIO dos SINOS – UNISINOS. São Leopoldo, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 315p.

LEMENHE, Maria Auxiliadora de Abreu Lima. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 23/24, n. 1/2, p. 269-271, 1992/1993.

LIMA, Carla Raisal Silva; VELOSO, Camila Rodrigues; MONTEIRO, Rogeria Pimentel de Araujo. Desempenho ocupacional: uma análise do cotidiano de jovens atletas de futebol. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 60030-60051, jun. 2021.

MACEDO, Ronaldo Conto de. **Para além das quatro linhas – as relações entre o futebol e o cotidiano escolar na construção da cidadania**. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba/SP, 2006.

MACHADO, Guilherme Figueiredo; SCAGLIA, Alcides José; COSTA, Israel Teoldo da. Influência do efeito da idade relativa e do comportamento tático sobre o desempenho tático de jogadores de futebol da categoria sub-17. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 2, p. 223-231, abr./jun. 2015.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 37, p. 179-188, dez. 1999.

MEDINA, João Paulo. A visão mecanicista do futebol. **Universidade do futebol – Revista digital**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-visao-mecanicista-do-futebol/>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MILAN, Betty. **O país da bola**. São Paulo: Best, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/889693-Metodologia-da-pesquisa.html>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

NEGRINE, Aírton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V.M. e TRIVIÑOS. A.N.S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, Arthur da Silveira; MARTINS, Edglê Barbosa. **A relevância de investimentos em atletas: caso Ceará Sporting Club na Série A**. Tese de Doutorado. Ciências Contábeis Centro. UNIFAMETRO. Fortaleza, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.fametro.com.br/jspui/handle/123456789/189>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

OLIVEIRA, Edilson Medeiros de; BALZANO, Otávio Nogueira; MORAIS, Pedro Henrique Nascimento. O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de Futebol da cidade de Fortaleza, e a relação Escola e Futebol. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 9, n. 33, p. 130-137, mai./ago. 2017.

OLIVEIRA, João Paulo Silva. **A cultura de jogo do futebol cearense**. 2015. 95 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PASSOS, Débora de Freitas Borja. **Futebol e identidade nacional uma análise das relações entre futebol de clubes e nacionalismo**. TCC. Graduação em Jornalismo. FACOM. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28561>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PEREIRA, Neuri Amabile Frigotto; PIMENTEL, Ricardo; KATO, Heitor Takashi. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 53-71, out./dez. 2005.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes; ALVES, Alisson Araújo; EVANGELISTA, Natanael de Souza; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **(Re)pensando a história do futebol cearense: dos primeiros passos à profissionalização**. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 2. 2011, Fortaleza. SEMANA DE HUMANIDADES, HUMANIDADES: ENTRE FIXOS E FLUXOS, 8., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p. 1-13.

PRADO, Ian Alves; LEITE, Luciano Bernardes; SILVA, Davi Correia da; ROSADO, Daniela Gomes; LAVORATO, Victor Neiva. Efeito da idade relativa na Copa do Mundo FIFA sub-17 de 2019. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 14, n. 57, p. 154-160, jan./abr. 2022.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. **Tempo Social** [online], v. 1, n. 1, p. 29-46, 1989.

RIBEIRO FILHO, Carlos Coelho. O estilo brasileiro de futebol como uma identidade nacional. Afinal, que estilo é esse? Suas origens e seus conceitos. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, Curso de Administração, n. 3, 2007.

RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Daniel Vidinha da; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, jan./mar. 2018.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Journal of Physical Education**, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

RINKE, Stefan. ¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global. **Iberoamericana** (2001-), v. 7, n. 27, p. 85-100, 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, a. 6, n. 11, p. 260-299, jan./jun. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ROSA, Maria Elisa Soares. **Aspirante a craque de futebol hoje ou marginal do amanhã?** Sorocaba-SP e na. Faculdade Anhanguera Campus Sorocaba, 2009. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto>>. Acesso em 14 nov. 2022.

SALLES, José Geraldo do Carmo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Evolução do conceito de amadorismo no Movimento Olímpico Internacional**. In: TURINI, Marcio; DACOSTA, Lamartine Pereira. (Org.). Coletânea de textos em Estudos Olímpicos. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

SALOMÃO, Rodrigo Lourenço; OTTONI, Giovanna Pereira; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 443-455, set./dez. 2014.

SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A questão regional, gênese e evolução. **Espaço & Debates**, São Paulo: NERU, v. 7, n. 20, p. 7-25, 1987.

SOARES, Antonio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre**. **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Revista Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

STØLEN, Tomas; CHAMARI, Karim; CASTAGNA, Carlo; WISLØFF, Ulrik. Physiology of soccer. **Sports medicine**, v. 35, n. 6, p. 501-536, 2005.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores "Mistos" do Nordeste**. 2011. 90f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6377>>. Acesso em: 12 mai. 2022.



**APÊNDICE A****UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA****CARTA DE APRESENTAÇÃO/CONVITE E CONSENTIMENTO ENVIADA AO  
COORDENADOR DA INSTITUIÇÃO**

Fortaleza (CE), 9 de Setembro de 2022.

Sr(a) \_\_\_\_\_

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “Influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas de futebol, oriundos de outras regiões, de um clube cearense”, como trabalho de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Esta investigação tem por objetivo: “Analisar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol de um clube cearense”. Informamos que a permanência do investigador nas dependências desta Instituição não afetará o desenvolvimento pleno das atividades. Além disso, será mantido sigilo das informações obtidas bem como o anonimato dos atletas das equipes. Certo de contarmos com a sua colaboração para a concretização desta investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos. Contato:

e-mail: [otaviobalzano@yahoo.com.br](mailto:otaviobalzano@yahoo.com.br) ou fone: (85 99665 9782).

Agradecemos antecipadamente.

---

Matheus Veras Pereira de Carvalho  
Pesquisador

---

Prof. Dr. Otávio Nogueira Balzano  
Orientador da pesquisa

## APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para aceitar que seu responsável participe da Pesquisa: “Influências dos aspectos socioculturais na formação de jovens atletas de futebol, oriundos de outras regiões, de um clube cearense”, sob a responsabilidade do pesquisador/estudante da Universidade Federal do Ceará (UFC), Matheus Veras Pereira de Carvalho, a qual pretende “Analisar as influências do processo sociocultural na formação de jovens atletas de futebol de um clube cearense”. A participação do seu responsável é voluntária e se dará por meio da resolução de um questionário, acerca da percepção dos atletas oriundos de outras regiões, sobre as influências dos aspectos socioculturais em sua formação. Se você aceitar que seu responsável participe, estará contribuindo para a conclusão desse trabalho e cooperando com conhecimento para estudos nessa área. Se depois de consentir a participação do seu responsável o Sr (a) desistir que seu responsável participe, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) e seu responsável não terão nenhuma despesa e também não receberão nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade e do seu responsável não serão divulgadas, sendo guardadas em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Rua Guilherme Rocha, 1676, Centro, Fortaleza-CE – (85) 99295-0129.

Consentimento Pós–Informação:

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo que meu responsável participe da pesquisa, sabendo que este não vai ganhar nada e que pode sair quando quiser.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Assinatura do RESPONSÁVEL

---

Assinatura do PARTICIPANTE

## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### QUESTIONÁRIO

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ATLETA –

IDADE –

ESTADO DE NASCIMENTO –

NÍVEL DE ESCOLARIDADE –

CLUBES DE ORIGEM –

IDADE QUE SAIU DE CASA –

POSIÇÃO EM CAMPO –

#### PERGUNTAS

1. Qual o **Fator** que apresenta maior dificuldade de adaptação em um outro estado. Escreva a letra abaixo.

##### Legenda

- A – Cobrança exacerbada (profissional ou social)
- B – Culinária
- C – Discriminação/desconfiança
- D – Diferenças de oportunidades
- E – Estereotipação/generalização
- F – Falta de convívio com familiares/amigos
- G – Hábitos culturais diferenciados
- H – Problemas de comunicação (oral e escrita)
- I – Outros

LETRA -

SE FOR OUTROS, QUAIS?

---



---



---

2- Quais os aspectos socioculturais que você observa que apresentam maior dificuldade de adaptação? Marque uma ou mais opções, se achar necessário.

FAMÍLIA ( )

RELIGIÃO ( )

PROFISSÃO ( )

SOCIAL/AMIGOS/NAMORADA ( )

OUTROS ( ) \_\_\_\_\_

3- A Presença de familiares ou amigos íntimos é para você um fator facilitador de adaptação em outro estado?

( ) SIM ( ) NÃO

4- Na equipe sub-17 que você joga atualmente, você tem um melhor relacionamento com os jogadores de outros Estados, do Ceará OU com ambos?

( ) CEARÁ ( ) OUTROS ESTADOS ( ) COM AMBOS

5- Um melhor relacionamento com as pessoas do clube (dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida, funcionários, entre outros, ajudam na adaptação?

( ) MUITO ( ) MAIS OU MENOS ( ) POUCO

6- Qual a **Maior dificuldade** encontrada durante os treinamentos e jogos. Escreva a letra abaixo.

**Legenda**

- A – Cobrança exacerbada (técnica ou tática)
- B – Condições precárias de treinos/jogos
- C – Excesso/falta de treinos/jogos
- D – Expectativa (pressão)
- E – Falta de material apropriado
- F – Período de treino/jogo
- G – Problemas de comunicação (companheiros)
- H – Torcida
- I – Outros

LETRA -

SE FOR OUTROS, QUAIS? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7- Como você classifica a sua adaptação aqui no Ceará?

ÓTIMA ( )      BOA ( )      RAZOÁVEL ( )      PÉSSIMA ( )

8- Você tem interesse de voltar para sua cidade? ( ) SIM ( ) NÃO  
Se sim, o que mais sente falta de lá?

---

9- Do que você menos gosta aqui no Ceará?

---

10- Do que você mais gosta aqui no Ceará?

---

11- Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará?

---

12- Como você se sente em relação a adaptação aqui no Ceará?

- ( ) MUITO ADAPTADO
- ( ) MAIS OU MENOS ADAPTADO
- ( ) POUCO ADAPTADO

13- O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?

---

## ANEXO I – EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO PREENCHIDO

## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

## QUESTIONÁRIO

## DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ATLETA – 7

IDADE – 16 anos

ESTADO DE NASCIMENTO – RJ

NÍVEL DE ESCOLARIDADE – 2º ano

CLUBES DE ORIGEM – Fluminense, Flamengo, Barauna

IDADE QUE SAIU DE CASA – 7 anos

POSIÇÃO EM CAMPO – volante, meio de campo

## PERGUNTAS

1. Qual o Fator que apresenta maior dificuldade de adaptação em um outro estado. Escreva a letra abaixo.

**Legenda**

- A – Cobrança exacerbada (profissional ou social)  
B – Culinária  
C – Discriminação/desconfiança  
D – Diferenças de oportunidades  
E – Estereotipação/generalização  
F – Falta de convívio com familiares/amigos  
G – Hábitos culturais diferenciados  
H – Problemas de comunicação (oral e escrita)  
I – Outros

LETRA - E, F, G, H

SE FOR OUTROS, QUAIS?

---



---



---

2- Quais os aspectos socioculturais que você observa que apresentam maior dificuldade de adaptação? Marque uma ou mais opções, se achar necessário.

FAMÍLIA

RELIGIÃO ( )

PROFISSÃO ( )

SOCIAL/AMIGOS/NAMORADA

OUTROS ( ) \_\_\_\_\_

3- A Presença de familiares ou amigos íntimos é para você um fator facilitador de adaptação em outro estado?

SIM ( ) NÃO

4- Na equipe sub-17 que você joga atualmente, você tem um melhor relacionamento com os jogadores de outros Estados, do Ceará OU com ambos?

( ) CEARÁ ( ) OUTROS ESTADOS  COM AMBOS

5- Um melhor relacionamento com as pessoas do clube (dirigentes, atletas, comissão técnica, torcida, funcionários, entre outros, ajudam na adaptação?

MUITO ( ) MAIS OU MENOS ( ) POUCO

6- Qual a **Maior dificuldade** encontrada durante os treinamentos e jogos. Escreva a letra abaixo.

**Legenda**

A- Cobrança exacerbada (técnica ou tática)

B- Condições precárias de treinos/jogos

C- Excesso/falta de treinos/jogos

D- Expectativa (pressão)

E- Falta de material apropriado

F- Período de treino/jogo

G- Problemas de comunicação (companheiros)

H- Torcida

I- Outros

LETRA - D, G, B

SE FOR OUTROS, QUAIS? \_\_\_\_\_



7- Como você classifica a sua adaptação aqui no Ceará?

ÓTIMA ( ) BOA ( ) RAZOÁVEL (X) PÉSSIMA ( )

8- Você tem interesse de voltar para sua cidade? ( ) SIM (X) NÃO  
Se sim, o que mais sente falta de lá?

9- Do que você menos gosta aqui no Ceará?

O alojamento, muito distante da capital, cultura, Pouca comunicação, O clima

10- Do que você mais gosta aqui no Ceará?

Bom estrutura alojamento, Praia, Pulcinha, mulheres

11- Qual a maior diferença que você observa que existe na sua região em relação ao Ceará?

Costa de lago, comunicação, Bem mais movimentado.

12- Como você se sente em relação a adaptação aqui no Ceará?

( ) MUITO ADAPTADO  
( ) MAIS OU MENOS ADAPTADO  
(X) POUCO ADAPTADO

13- O que você entende ser mais interessante o clube fazer para você ter uma melhor adaptação aqui no Ceará?

Comer mais, mulheres Pequenas coisas no alojamento